

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Breno Gomes de Lima Amorim

**A economia florentina nos *Libri della Famiglia* de Leon Battista Alberti:
entre espaço doméstico e práticas mercantis**

Versão corrigida

SÃO PAULO
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Breno Gomes de Lima Amorim

**A economia florentina nos *Libri della Famiglia* de Leon Battista Alberti:
entre espaço doméstico e práticas mercantis**

Versão corrigida

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social, do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo para a obtenção do título de doutor em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A524 e Amorim, Breno Gomes de Lima
A economia florentina nos Libri della Famiglia, de
Leon Battista Alberti: entre espaço doméstico e
práticas mercantis / Breno Gomes de Lima Amorim;
orientador Marcelo Cândido da Silva - São Paulo,
2023.
160 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Leon Battista Alberti. 2. Economia florentina.
3. Família Alberti. 4. Racionalidade econômica. I.
Silva, Marcelo Cândido da, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Breno Gomes de Lima Amorim****Data da defesa: 23/10/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Marcelo Cândido da Silva**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 30/01/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

AMORIM, Breno Gomes de Lima. **A economia florentina nos *Libri della Famiglia* de Leon Battista Alberti: entre espaço doméstico e práticas mercantis.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História Social.

Aprovado em:

Banca examinadora

Nome: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nome: Prof. Dr. André Luis Pereira Miatello

Instituição: UFMG

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nome: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

Instituição: UFRGS

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nome: Prof. Dra. Néri de Barros Almeida

Instituição: UNICAMP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À meus avós, Maria de Lourdes e Francisco,
por tanto amor e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Considero importante reconhecer aqueles que contribuíram para o desenvolvimento do presente trabalho, seja com sugestões e críticas seja com declarações ou demonstrações de incentivo e ânimo.

Agradeço de uma forma muito especial e carinhosa à professora Marinalva Vilar de Lima, por acompanhar, desde o período da iniciação científica, o meu percurso de historiador/professor. Sou grato à professora Marinalva por ter sido orientadora das minhas pesquisas de iniciação científica e de mestrado, e ter participado do exame de qualificação de tese. Do mesmo modo, agradeço por ter conduzido os trabalhos de coordenação do Dinter/USP/UFCG.

Ao professor Marcos Silva, pelo trabalho de coordenação do Dinter, e pelo ótimo acolhimento em São Paulo.

Ao professor Marcelo Cândido da Silva, por ter aceitado a minha proposta de pesquisa e pela presença constante nesses últimos anos. Professor Marcelo, muito obrigado pelos inúmeros incentivos dados ao longo da pesquisa e por me proporcionar uma formação sólida na História Medieval.

Ao professor André Luis Pereira Miatello, pelas contribuições feitas à pesquisa no exame de qualificação e por ter aceitado participar da banca de tese.

Aos professores Igor Salomão Teixeira e Néri de Barros Almeida, por terem aceitado participar da banca de defesa de tese e pelas considerações dadas ao texto.

Aos professores Jean-Louis Gaulin e Pierre Savy, pelas interlocuções feitas nos seminários do Laboratório de Estudos Medievais (LEME-USP).

Aos professores Ana Paula Magalhães Tacconi e Thiago Juarez Ribeiro da Silva, pelas contribuições dadas nos cursos *A questão da pobreza e a plenitude do poder: aspectos da ordem franciscana entre os séculos XIII e XIV* e *Estudos dirigidos em língua latina*, respectivamente.

Aos colegas do LEME, Gabriel Cordeiro, Isabela Silva, José Fonseca, Marina Sanchez, Rudyard Vera, Sara Ordenge e Vinicius Marino, pelo bom exercício de crítica aos textos.

Ao Felipe Erra, pelos diálogos constantes sobre a Itália Medieval.

Aos colegas do Dinter, principalmente Anne Gama, Michelly Cordão e Pedro Nicácio, pelas trocas de experiências em Campina Grande e em São Paulo.

À minha mãe, Ivania Gomes, pelo incentivo peculiar e presença, apesar da distância espacial.

Aos familiares, pelos comentários encorajadores.

Aos amigos, Aracele Gomes, Edinete Sousa, Emanoela Maracajá, Janaína Leandro, Jaqueline Leandro, Kaio Souza, Leonora Cavalcante, Maria Bezerra, Osmael Márcio, Priscila Gusmão, Raniele Pereira, Roberta Gerciane e Sônia Freitas, pelo companheirismo e presença em momentos mais difíceis.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre as proposições econômicas contidas nos *Libri della Famiglia*, de Leon Battista Alberti, e o desenvolvimento das práticas mercantis na sociedade florentina, considerando o período entre o final do século XIV e início do século XV. O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos sobre as alianças da família Alberti com famílias críticas aos setores oligárquicos de Florença e agentes econômicos envolvidos no comércio em larga escala. Em seguida, analisamos as interações entre a economia doméstica e a economia de mercado contidas nos *Libri*, destacando que as formulações do escritor sobre a gestão da casa e a figura do administrador doméstico estão baseadas nos princípios da racionalidade econômica. Por fim, estudamos como os fundamentos éticos orientam a noção de economia em Alberti, por meio de uma elaboração discursiva em defesa da noção de bem comum. Nessa perspectiva, o trabalho pretende contribuir para a discussão historiográfica sobre a economia nas sociedades pré-industriais.

Palavras-chave: Leon Battista Alberti, economia florentina, família Alberti, racionalidade econômica.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the relationship between the economic propositions contained in the *Libri della Famiglia*, by Leon Battista Alberti, and the development of mercantile practices in Florentine society, considering the period between the end of the 14th century and the beginning of the 15th century. The work is structured into three chapters. In the first chapter, we discuss the Alberti family's alliances with families critical of Florence's oligarchic sectors and economic agents involved in large-scale trade. Then, we analyze the interactions between the domestic economy and the market economy contained in *Libri*, highlighting that the writer's formulations on household management and the figure of the domestic administrator are based on the principles of economic rationality. Finally, we study how ethical foundations guide Alberti's notion of economy, through a discursive elaboration in defense of the notion of common good. From this perspective, the work intends to contribute to the historiographical discussion about the economy in pre-industrial societies.

Keywords: Leon Battista Alberti, florentine economy, Alberti family, economic rationality

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de casamentos ocorridos na família Alberti – Período de 1387 – 1434.	41
Tabela 2: Ativos da companhia Alberti – 1/11/1327 – 1/11/1329.....	59
Tabela 3 - Ocorrência dos vocábulos <i>massaio</i> e <i>masserizia</i>	74
Tabela 4 - Ocorrências dos vocábulos relacionados às raízes <i>diligen-</i> e <i>pruden-</i>	111
Tabela 5 - Ocorrências dos vocábulos que qualificam os agentes da boa economia	121
Tabela 6 - Ocorrências dos vocábulos <i>avarizia</i> e <i>avaro</i>	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo I: As alianças da família Alberti e as práticas mercantis nos <i>Libri della Famiglia</i>	35
1.1 – O exílio da família Alberti e as relações interpessoais	36
1.2 As alianças matrimoniais e as relações de amizade entre os Alberti.....	39
1.3 – As alianças nas atividades mercantis: a Companhia dos Alberti.....	54
Considerações finais	65
Capítulo II – A administração doméstica nos Libri: uma economia racional?	67
2.1 A gestão dos bens e a masserizia	72
2.2 Oikos: uma leitura de Xenofonte?	83
2.3 A família e a Racionalidade Econômica.....	89
Considerações finais	103
Capítulo III - Práticas mercantis e uso dos bens: uma nova ética econômica?	106
3.1 O léxico da economia virtuosa: pobreza e riqueza em L. B. Alberti	108
3.2 A economia viciosa: a <i>avarizia</i>	122
3.3 A ética econômica entre os escritores florentinos: pobreza ou riqueza?	127
Considerações finais	141
CONCLUSÃO.....	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
Anexo 1 - Tabelas sobre sócios das associações das atividades mercantis da família Alberti	159

INTRODUÇÃO

O objetivo central da tese é analisar a articulação entre a reflexão de Leon Battista Alberti sobre a economia contida nos *Libri della Famiglia* e dinâmica das práticas mercantis na sociedade florentina entre o final do século XIV e início do XV. Nessa perspectiva, situamos as reflexões sobre a economia em Alberti, considerando a interação de dois níveis de análise: a economia doméstica e a economia de mercado. Justificamos a escolha do problema por permitir uma leitura diferenciada sobre a economia florentina, considerando o tipo específico de fonte (um escrito familiar) e a historiografia produzida sobre o tema. A nosso ver, é possível, a partir de um diálogo escrito por Alberti¹ sobre o tema da família, identificar a especificidade da economia de Florença, em termos qualitativos (Quais são os aspectos éticos que norteiam a noção de economia?) e quantitativos (Considerando os séculos XIV e XV, qual é a contribuição de Florença para o mercado italiano?).

As questões anteriores permitem tanto a percepção de como a reflexão sobre os bons comportamentos econômicos, ou seja, a boa economia fundamenta as reflexões de Alberti quanto qual o lugar de Florença no mercado da Península Itálica, considerando que a cidade da Toscana se destacou nas atividades mercantis no Mediterrâneo, por conta da comercialização de tecidos.

Leon Battista Alberti² nasceu em 18 de fevereiro de 1404, na cidade de Gênova, em uma família de exilados florentinos. O pai de Alberti, Lorenzo di Benedetto, sofreu o exílio em

¹ Em nosso trabalho, evitamos qualificar Alberti de humanista, na medida em que essa noção pode indicar que as obras do florentino estariam ligadas a uma escola do pensamento. No entanto, é preciso salientar que a qualificação de humanista pode ser encontrada no século XIV para designar homens letrados que cultivavam os *studia humanitatis*, a exemplo do estudo do grego, latim e História Antiga. Esses homens também desejavam utilizar seus conhecimentos na vida prática da cidade. Sobre a questão, cf. GILLI, Patrick. La place de l'argent dans la pensée humaniste italienne au XVe siècle. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 28^e congrès, Clermont-Ferrand, 1997. L'argent au Moyen Âge. pp. 309-326. KOHL, Benjamin G., The changing concept of the studia humanitatis in the early Renaissance, In: *Renaissance studies*, n° 2, 1992, p. 185-209. MABBOUX, Carole. Renaissance et humanisme. COTE, Sébastien; PICARD, Emmanuelle (Org.). Regards historiques sur « Les grandes étapes de la formation du monde moderne » (Histoire 2nde), Nathan, 2019, 9782091728391. ([halshs-02278197](https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-02278197)) p. 62.

² Apresentaremos, nesse item, uma breve biografia de L.B. Alberti. Para um estudo mais aprofundado sobre a biografia do florentino, confira: MANCINI, Girolamo. *Vita di Leon Battista Alberti*, seconda edizione, Firenze,

1401, por conta de conflitos políticos com a família Albizzi³. A família Alberti se destacou, na historiografia, por contribuir para o crescimento do mercado florentino, principalmente na comercialização da lã. Os Alberti tiveram postos comerciais em diversas regiões do Mediterrâneo e se tornaram uma das famílias mais ricas de Florença, no século XV.

Alberti redigiu trabalhos⁴ nos campos da arquitetura (*Descriptio urbis Romae, De re aedificatoria*), literatura (*Philodoxeos, Momus*), matemática (*Ludi matematici*) e pintura (*De Pictura*). Salientamos que Alberti também escreveu uma autobiografia escrita entre o período provável de 1431 e 1438⁵. Na produção escrita de Alberti, os *Libri della Famiglia* têm destaque, conforme podemos perceber através das inúmeras edições e traduções da obra publicadas em diferentes países⁶. A seguir, discutiremos a relação dos escritos de família feitos em Florença com os *Libri* de Alberti.

Os escritos sobre memória familiar aparecem em Florença, por volta do século XIII, e podem ser definidos como *livros de família*. Trata-se de um gênero específico que abarca, em sua definição, tipos diferenciados de escrita: os escritos contábeis⁷ e os escritos narrativos⁸. Raul Mordenti define um Livro de Família como um “texto memorial, tido no dia a dia, plural,

Carnesecchi, 1911. BOSCHETTO, Luca. **Leon Battista Alberti e Firenze. Biografia, storia, letteratura**, Firenze, Olschki, 2000.

³ Sobre as querelas políticas, na Florença do século XV, cf. BAXENDALE, S. F. *Exile in Practice: The Alberti Family in and out of Florence*. In: *Renaissance Quarterly*, vol. 44 (Winter, 1991).

⁴ Michel Paoli, na edição francesa (Les Belles Lettres), dá indicações de acesso às publicações da obra de Alberti: Quase todos os textos em italiano de Alberti foram publicados em três volumes, sob a direção de C. Grayson. Cf. ALBERTI, L. B. *Opere volgari*. Bari, Laterza, 1960, 1966, 1973. Para as obras escritas em latim, Paoli recomenda o volume único organizado por Roberto Cardini. Cf. ALBERTI, L. B. *Opere latine*, Centro di studi sul classicismo de Prato, Rome, Instituto poligrafico e Zecca dello stato, 2010. Informações colhidas de: PAOLI, Michel. *Bibliographie sommaire*. In: ALBERTI, L. B. *De la famille*, Les Belles Lettres, 2013.

⁵ BERTOLINI, L. Leon Battista Alberti. In: *Nuova informazione bibliografica*, I (2204), p. 245-287. Disponível em: https://www.academia.edu/834769/Leon_Battista_Alberti_Nuova_informazione_bibliografica_I_2004_p._245-287. Acesso em 11/03/2016.

⁶ Constatação de Maxime Castro, na apresentação da edição francesa. Cf. CASTRO, Maxime. *Présentation*. In: ALBERTI, L. B. *De la famille*. Les Belles Lettres, Paris, 2013.

⁷ Os escritos contábeis informam sobre as práticas mercantis e comerciais (em termos de receitas e despesas) desenvolvidas por uma família, como também registram o patrimônio familiar.

⁸ Elise Leclerc sinaliza o debate sobre uma possível evolução do gênero Livro de Família. A autora discorda do estabelecimento de fases rígidas para o gênero em questão. Cf. LECLERC, Elise. *Affaires de familles et affaires de la cité : la transmission d'une pensée politique dans les livres de famille florentins (XIVe-XVe siècles)*. Littératures. Ecole normale supérieure de Lyon – ENS, LYON, 2013. p. 41.

multigeracional e que concerne especificamente à família.”⁹ A proposição de Mordenti leva em consideração, em nosso ponto de vista, algo central para o entendimento do gênero em questão: a relação entre memória e família.

Os Livros de Família pretendem salvaguardar os acontecimentos vividos por uma família, em um determinado presente, ao mesmo tempo em que contribui para a preservação do futuro. Portanto, a memória familiar mantém um elo, via escrita, entre os parentes de diversas temporalidades. Raul Mordenti afirma que os Livros de Família são multigeracionais por serem transmitidos de uma geração à outra¹⁰. Esses livros são escritos por um membro da família¹¹, geralmente o pai, até o momento de seu falecimento, quando outro membro, o primogênito, assume e prossegue a tarefa, sinalizando o início de um novo escritor.

A tarefa de escrever sobre a memória familiar seguiu, conforme Mordenti, uma espécie de protocolo, composto de “*invocatio*, um título, a genealogia da família, memórias de natureza patrimonial ordenadas cronologicamente e, para concluir (ou na abertura do livro), a contagem dos filhos do autor”¹². Segundo o pesquisador italiano, essa espécie de “estrutura” tinha a intenção de dar legitimidade ao livro, como também preservar o caráter multigeracional. O que nos chama atenção é o fato de que, embora os livros tenham seguido certo padrão esquemático, a pluralidade temática impossibilita qualquer definição rígida do gênero.

Os livros de família tratam de fatos naturais (nascimento e morte), eventos sociais (batismo, casamento, rituais de passagem), descrição dos bens (posse de terras, doações, dívidas, disputas fundiárias), lugares sociais (carreira pública, honrarias, profissões, estudos) e outros temas diversos que mereceram atenção dos escritores¹³. Trata-se de um corpo

⁹ MORDENTI, Raul. Les livres de famille en Italie. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales* 2004/4 (59e année), p. 794. “Un livre de famille est un texte mémoriel, tenu au jour le jour, pluriel, multi-générationnel, et qui concerne essentiellement la famille”.

¹⁰ Idem. C’est une génération (plutôt qu’un individu) qui écrit, en prévoyant que d’autres lui succéderont dans l’écriture/lecture ; c’est une autre génération qui lira le livre dans le futur. p. 796.

¹¹ O fato da existência de um escritor “familiar” sinaliza certo nível de alfabetização da sociedade florentina. Voltaremos posteriormente ao problema.

¹² MORDENTI, Raul. Idem. p. 791-792.

¹³ Cf. MORDENTI, Raul. Op. cit. p. 798-799.

documental que nos permite indagar, tendo em vista a delimitação do recorte temporal, qual o lugar da família na sociedade e, por conseguinte, quais práticas sociais são justificadas no seio familiar.

Os estudos sobre os livros de família receberam, desde a década de 60 do século XX, importantes contribuições de pesquisadores italianos¹⁴, franceses¹⁵ e norte-americanos¹⁶, nas áreas da história, filologia e literatura. O que está no cerne desses estudos é a reflexão sobre a relevância dessa produção textual na consolidação de um gênero de escrita e, por sua vez, a relação entre a vivência social e o escrito familiar. Claude Bérard e Christiane Klapisch-Zuber¹⁷ afirmam que, em 1984, os pesquisadores Angelo Cecchetti e Raul Mordenti, em um programa de pesquisa sobre a temática em questão, propuseram uma definição para os livros de família, em que consideram como “característica principal a constituição de uma memória biológica e econômica da família”¹⁸. A definição proposta pelos estudiosos italianos¹⁹ procurava dar uniformidade aos escritos de família, considerando sua temporalidade e espacialidade. Assim, pretendeu-se combater a visão genérica da noção de *ricordanze*, por não dar devida atenção a outros tipos de escritos de família, a exemplo da *agende, libri propri, memoriali, cronache*, ao mesmo tempo em que desconsiderava os escritos de família produzidos fora da Toscana.

¹⁴ Cf. CICHETTI, Angelo et MORDENTI, Raul. *I libri di famiglia in Italia, I, Filologia e storiografia letteraria*, Rome, Edizioni di storia e letteratura, 1985. ANSEMI, G. M., PEZZAROSSA, F. e AVELLINI, L. (org.), *La memoria dei mercatores: tendenze ideologiche, ricordanze, artigianato in versi nella Firenze del Quattrocento*, Bologne, Pàtron, 1980. CIAPPELLI, G. La memoria degli eventi storici nelle ricordanze private fiorentine (sec. XIII-XV), In: BASTIA, C. e BOLOGNANI, M. (org.), *La memoria e la città. Scritture storiche tra Medioevo ed Età moderna*, Bologne, Il Nove, 1995.

¹⁵ Cf. KLAPISH-ZUBER, C. L'invention du passé familial à Florence (XIVe-XVe s.), in *Temps, mémoire, tradition au Moyen Age*, actes du XIIIe Congrès de la SHMES, Aix-em Provence, PUP, 1983, p. 95-118. KLAPISCH-ZUBER, C. *Les Toscans et leurs familles. Une étude du catasto florentin de 1427*, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1978

¹⁶ Cf. MARTINES, Lauro. *The social world of the florentine humanists (1390-1460)*. Princenton, Princenton University Press, 1963.

¹⁷ BÉRARD, Claude Cazalé, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Mémoire de soi et des autres dans les livres de famille italiens, In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 2004/4 (59e année), p. 808.

¹⁸ “dont la caractéristique principale est de constituer une mémoire biologique et économique de la famille”. BÉRARD, Claude Cazalé, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. *Ibidem*, p. 808. Obra citada no texto: ANGELO CICHETTI et RAUL MORDENTI. *La scrittura dei libri di famiglia*, In: ROSA, A. ASOR ROSA (Org.), *Letteratura italiana*, vol. III, *Le forme del testo*, t. II, *La prosa*, Turin, Einaudi, 1984, p. 1117-1159.

¹⁹ MORDENTI, Raul. Op. cit. p. 800.

Além do caráter multigeracional e da variedade temática dos livros de família, outra característica singular desse gênero de escrita é a sua natureza privada. Segundo Bérard e Klapisch-Zuber²⁰, os livros de família são destinados ao interesse familiar (*ad usum familiae*). A natureza privada dos textos circunscreve seu acesso ao círculo familiar e, portanto, estabelece seletividade quanto aos leitores. Nesse sentido, a pesquisadora francesa Elise Leclerc²¹ avança a reflexão sinalizada sobre a dimensão privada dos textos, ao afirmar que os livros de família não foram objetos de normatização, por nenhuma instituição oficial ou cultural. A dimensão privada desses escritos nos chama atenção para o fato de que a memória familiar é construída por um grupo específico e, portanto, a legitimidade dessa memória se dá, em primeiro lugar, no seio familiar. Não se trata de negar a existência de qualquer natureza pública dos livros, pois esses abordam questões vivenciadas no cotidiano social, mas indicar uma das finalidades da produção de um gênero de escrita.

A natureza privada dos livros de família nos parece importante, sem desprezar outras características fundamentais do gênero, pela questão da materialidade do texto expressa nas intenções particulares de um grupo de família. O *ad usum familiae* delimita um tipo de escrita que se consolidou em Florença, em particular, e em toda península itálica, de modo geral. Armando Petrucci²², ao analisar a condição de produção de escrita na Itália do Renascimento, por meio do status social de seus produtores, afirma que o estudo desses escritores é fundamental para a compreensão do ato da escrita e do lugar da escrita em um contexto social determinado²³. Assim, a existência dos livros de família nos permite inquirir sobre os autores desses escritos e quais as suas intenções.

²⁰ BÉRARD, Claude Cazalé, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Op. cit. p. 809.

²¹ LECLERC, Elise. Op cit. p. 39.

²²PETRUCCI, Armando. Pouvoir de l'écriture, pouvoir sur l'écriture dans la Renaissance italienne. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 43^e année, N. 4, 1988. p. 823-847.

²³ PETRUCCI, Armando. Idem. p. 823.

Os autores dos livros de família estavam envolvidos em práticas mercantis e apresentavam em seus textos a contabilidade de seus rendimentos. A preocupação em registrar as contas da família se configurou em um primeiro tipo de livro de família²⁴. Assim, o gênero de escrita em questão diz muito da atuação dos mercadores na Itália. Vejamos, por exemplo, um livro de família de Oderigo di Credi, escrito no início do século XV²⁵:

Recordo que, no dia 25 de novembro, eu me lembro, eu comprei três tonéis novos do Marco di Maso, tanoeiro em San Casciano: um de dois barris, um de três barris, e um de sete barris, custando 20 o barril: no total, 12 liras. Roniancmnio concordou que eu lhe deixasse o tonel maior, contaram-se 6 liras, 10 soldi²⁶.

O livro de Oderigo di Credi apresenta, em vinte anos, diversas atividades financeiras, como compra e venda, além de catalogar os bens possuídos por sua família. Sobre a atuação dos mercadores na elaboração dos livros de família, Paolo Cammarosano²⁷ afirma que esses livros caracterizam as famílias mercantes da Toscana desde o século XIII, ao analisar como os bens familiares são transmitidos de geração em geração, tendo a figura do pai como responsável pela manutenção do status econômico.

Os escritores dos livros de família tinham a intenção de preservar a memória da família entre gerações, como afirmamos anteriormente. Klapisch-Zuber mostra como havia a preocupação em registrar a memória familiar de geração em geração, ao analisar a autorização do pai de família, Marco Parenti, que se encontrara bastante enfermo, para que seu filho, Piero Panti, continuasse a registrar as memórias em um livro de família²⁸. Assim, a responsabilidade

²⁴ LECLERC, Elise. Op cit. p. 42.

²⁵ POLIDORI, F. (Ed.). Ricordanze di Oderigo d'Andrea di Credi orafo, cittadino Fiorentino, dal 1405 al 1425. In: *Archivio Storico Italiano*, Vol. 4, No. 1 (1843), p. 93.

²⁶ *Ricordo, che a dì XXV di Novembre io fo questa ricordanza, ch'io comperai tre botti nuove da Marco di Maso bottaio a San Casciano: una di barili due; una di barili tre; una di barili sette, a soldi 20 il barile: montano in tutto lire 12, soldi - Roniancmnio d'accordo ch'io li rendessi la botte maggiore: si ricontò lire 6, soldi 10.*

²⁷ CAMMAROSANO, Paolo. Les structures familiales dans les villes de l'Italie communale (XIIe-XIVe siècles). In: *Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974)* Rome: École Française de Rome, 1977. p. 189. "Les livres de ricordanze, expression caractéristique des familles marchandes toscanes dès le XIIIe siècle, contiennent plusieurs notices d'émancipation, comportant toujours l'attribution au fils émancipé d'un capital disponible ou de biens fonciers".

²⁸ . KLAPISH-ZUBER, C., Op. cit., 1983, p. 106.

de escrita do livro é sempre confiada a um membro familiar. Embora o livro seja escrito por um indivíduo, esse não pode escrever apenas o que pensa, mas está sujeito a um “nós” (membros da família), conforme afirma Mordenti²⁹.

Além das atividades econômicas, outra intenção dos autores do livro de família era preservar a memória familiar por meio de conselhos morais. O cunho pedagógico é um elemento constante nos livros e indica a seleção de comportamentos úteis, por parte dos chefes de família. Paolo da Certaldo (1320-1370), por exemplo, em *Libro di Buoni Costumi*, inicia seu livro com uma orientação didática: “Neste livro escrevemos muitos bons conselhos e bons costumes e bons provérbios e bons adestramentos”.³⁰ Portanto³¹, os escritos de família desempenhavam uma função de utilidade prática, em meio aos costumes que deveriam ser observados, como também aos que deveriam ser repudiados.

Ressaltamos que há uma diferença entre os livros de família, um gênero de escrita que trata de registros de situações do cotidiano das famílias na Península Itálica e os *Libri della Famiglia*, de Leon Battista Alberti. Apesar das aproximações temáticas³², a obra de Alberti não se enquadra, por exemplo, nas características próprias dos livros de família, a exemplo das anotações contábeis ou as memórias dos parentes da família. Pelo contrário, os *Libri* se preocupam em oferecer uma reflexão sobre a família. Portanto, para não provocar confusão no leitor(a), iremos nos referir a obra de Alberti das seguintes maneiras: *I Libri della Famiglia* (o próprio título da obra), os *Libri* ou os LFD (sigla do título da obra).

²⁹ MORDENTI, Raul. Op. cit. p. 796. “(...)s’il s’agit d’une écriture de soi, il faut rappeler que c’est un soi collectif qui opère ici. Celui qui écrit (et lit) est toujours un « nous », pas un « je »”. O autor indica a diferença entre um “sujeito coletivo” dos livros de família e gêneros de autores individuais, como a autobiografia e o jornal íntimo (diário).

³⁰ “*In questo libro scriveremo molti buoni assempri e buoni costumi e buoni proverbi e buoni ammaestramenti*”. DA CERTALDO, Paolo. *Libro di buoni costumi* (Italian Edition). Edição do Kindle. p. 9-10.

³¹ Elise Leclerc analisa a noção da utilidade dos livros de família, considerando como “horizonte comum” desse tipo de escrita. Veja item “Un horizon unique : le bene e utile de la famille” In: LECLERC, Elise. Op. cit. p. 46-50.

³² LECLERC, Elise. Op. cit. p. 24.

A presente análise dos livros de família nos permite avançar na discussão sobre o tipo de obra feita por Leon Battista Alberti (1404-1472), em *I libri della famiglia*. Eis algumas questões: a obra de Alberti pode ser definida como um livro de família, nos termos apresentados anteriormente? Qual a relação dos *Libri della famiglia* com a escrita de família desenvolvida em Itália, a partir do século XIII? O que há de novidade na obra albertiana?

Sobre o pertencimento da obra de Alberti aos livros de família produzidos em Itália dos séculos XIV e XV, concordamos com Elise Leclerc³³, quando afirma que os LDF são tributários da tradição florentina sobre os escritos de família. A pesquisadora indica que a contribuição desse gênero, na obra de Alberti, pode ser percebida no caráter intergeracional do texto e em sua função didática.

Assim como os livros de família, Alberti pretende contribuir com a elaboração de uma memória familiar, ao fazer invocações aos membros mais novos de sua família³⁴. O *Libri* também segue a tradição dos livros de família, quando se preocupa em sugerir reflexões úteis para seus parentes³⁵. No entanto, embora possamos estabelecer vínculos da obra de Alberti com os escritos sobre família, os *Libri della Famiglia* traz inovações estilísticas e temáticas que fogem do escopo do gênero em questão. A partir de agora, analisaremos aspectos formais da obra de Alberti que contribuem para perceber a sua especificidade, sem perder de vista a tradição temática ao qual está inserido.

³³ LECLERC, Elise. La tradition florentine des “livres de famille” et le De Familia de L. B. Alberti. In: PAOLI, M. (org.). *Les livres de la famille d’Alberti: sources, sens, influence*. Paris: Classique Garnier, 2013. p. 283-324.

³⁴ “*Alla qual cosa ove io senza pendere in alcuna altra affezione, sciolto e libero d’ogni passion d’animo penso, e ove fra me stessi, o giovani Alberti, rimiro la nostra famiglia Alberta a quante avversità già tanto tempo con fortissimo animo abbia ostato, e con quanta interissima ragione e consiglio abbino e’ nostri Alberti saputo discacciare e con ferma costanza sostenere i nostri acerbi casi e’ furiosi impeti de’ nostri iniqui fati (...)*” (grifo nosso). In: ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia*, A cura di Ruggiero Romano e Alberto Tenenti, Nuova edizione a cura di Francesco Furlan, Torino, Einaudi, 1994. Disponível em : http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_3/t49.pdf . Acesso em 12/06/2017. p. 1-2

³⁵ “*E questo, vero, se io vedrò che voi pregiare, come stimo assai quanto dovete pregiarete, gli amonimenti de’ nostri passati Alberti, e’ quali vederete essere ottimi e degni di memória (...)*. ALBERTI, Leon. Op. cit. p. 9.

*I libri della famiglia*³⁶ foram escritos por Leon Battista Alberti, por volta de 1432-1434. Trata-se de um diálogo entre os membros homens da família Alberti, ocorrido na cidade de Pádua, em dois dias da primavera de 1421³⁷. Os personagens da obra de Alberti são os parentes do autor que dialogam sobre diversos aspectos da vida em família. Em nosso trabalho, identificamos quais parentes fazem parte de diversos momentos do diálogo: o autor quando adolescente, Adovardo, Carlo, Giannozzo, Lorenzo, Lionardo, Piero e Ricciardo³⁸. A obra está dividida em quatro livros³⁹: 1- *De officio senum erga iuvenes et minorum erga maiores et de educandis liberis* – Sobre os deveres dos velhos para com os jovens e dos mais novos para com os mais velhos e sobre a educação dos filhos, 2- *De re uxoria* – Sobre a esposa, 3- *Economicus* – Econômico, 4- *De amicitia* – Sobre a amizade. Embora os títulos sejam atribuídos pelo autor em latim, a obra foi escrita em dialeto toscano.

Os títulos de cada livro da obra indicam um eixo temático estabelecido no diálogo, levando em consideração que assuntos tratados em um livro voltam a ser objeto de discussão em outro. Por exemplo, a função do pai de família é discutida no livro I, mas o tema volta ao diálogo no livro III, para indicar como o chefe de família deve prover sua família de bens necessários, de modo que a prole não sofra prejuízos em sua formação.

O diálogo albertiano se dá fora da cidade de Florença, na residência provisória dos Alberti em Pádua. A obra se inicia com o pai de Alberti, Lorenzo, gravemente doente em seu leito, desejoso de ver seu irmão Ricciardo. Portanto, a discussão inicial dos *Libri* assume um

³⁶ Os manuscritos da obra podem ser encontrados na Biblioteca Nacional de Florença, na Biblioteca Vaticana e na Biblioteca Riccardiana. O manuscrito de código Capponi Vincenzo 126 (F7) (Biblioteca Nacional de Florença) serviu de base para a primeira edição moderna da obra, de Girolamo Mancini, publicada em 1908. Cf. <http://www.fondazioneleonbattistaalberti.it/MANOSCRITTI.pdf>. Acesso em 30-04-2018. Edições recentes da obra: *I libri della famiglia*, editado por Ruggiero Romano e Alberto Tenenti, Einaudi, 1969, *De la famille*. Trad.: Maxime Castro. Les Belles Lettres, 2013, *The Family in Renaissance Florence*. Renée Neu Watkins. Long Grove, IL: Waveland Press, 2004.

³⁷ FURLAN, Francesco. *Studia Albertiana: Lectures et Lectores de L. B. Alberti*. Paris, Torino: J. Vrin. Nino Aragno, 2003.

³⁸ Cf. CASTRO, Maxime. Présentation. In: ALBERTI, Leon Battista. *De la famille*. Paris: Les Belles Lettres, 2013. p. XVIII.

³⁹ Além dos quatro livros, a obra apresenta um prólogo e um proêmio ao livro III.

tom dramático. A ocasião faz com que Lorenzo confie seus filhos, Leon e Carlo, ao seu irmão e cria uma situação em que diversos parentes se encontram reunidos.

Uma das características principais dos *Libri della famiglia* é a composição em forma de diálogo. De acordo com Peter Moos, o diálogo faz parte de diversos gêneros literários produzidos no período medieval: “Da confissão autobiográfica ao elogio fúnebre, da legenda hagiográfica e da poesia litúrgica às fábulas e *exempla*, todos os textos poderiam ser postos em forma de diálogo”.⁴⁰ A afirmação de Moos é útil para não tratarmos os *Libri della Famiglia* como uma especificidade do gênero em questão na Florença dos séculos XIV e XV. Portanto, não pretendemos estabelecer vínculos da origem do gênero diálogo no texto albertiano⁴¹, nem procurar elementos de pertencimento ou contradição com a *quaestio disputata* dos escolásticos.

O diálogo nos LDF deve ser entendido como um elemento singular, tendo em vista sua particularidade em relação aos livros de família analisados anteriormente, na medida em que os livros de família elaborados antes da obra de Alberti não foram escritos em forma de diálogo. Assim, Alberti inova, em meio aos escritos de família produzidos em Florença, ao tratar da temática familiar através do diálogo. Nessa perspectiva, o estilo textual utilizado pelo florentino possibilita perceber como o autor pretendia falar de situações concretas vivenciadas por seus parentes⁴².

O diálogo na obra albertiana cumpre a função de explorar questões do âmbito social e econômico florentino, considerando o crescimento das práticas mercantis e, por consequência, a inserção de famílias nos negócios citadinos. Assim, a obra de Alberti se diferencia das

⁴⁰ MOOS, Peter I. Le dialogue latin au Moyen Âge : l'exemple d'Evrard d'Ypres. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 44^e année, N. 4, 1989. p. 994. “De la confession autobiographique à l'éloge fúnebre, de la légende hagiographique et de la poésie liturgique aux fables et exempla tous les textes pouvaient être mis em dialogues”. O autor prossegue sua análise, ao afirmar que o diálogo na Idade Média não pode ser considerado um gênero, mas um procedimento estilístico útil ao ensino da religião e das artes. Cf. MOOS, Peter I. *Ibidem*. p. 994.

⁴¹ Importante destacar que o diálogo albertiano segue os modelos da Antiguidade Clássica, principalmente dos diálogos platônicos e ciceronianos. Reiteramos que não é nossa intenção analisar aqui os vínculos antigos do diálogo de Alberti. Consideramos que tal chave de compreensão não parece satisfatória para pensar o problema central de nossa pesquisa. Sobre os diálogos antigos em Alberti, cf. FURLAN, Francesco. *Op. cit.* p. 77-116.

⁴² FURLAN, Francesco. *Op cit.* p. 73.

reflexões econômicas produzidas por membros do clero na Toscana do século XV, a exemplo de Bernardino de Siena e Antonino de Florença⁴³. Essa diferença se caracteriza pelo fato de que Alberti dá maior atenção à gestão do espaço doméstico do que os autores citados anteriormente que privilegiam a relação economia de mercado e sociedade, seguindo a base da doutrina escolástica⁴⁴.

Alberti, ao apresentar a noção de economia contida nos *Libri*, retoma as discussões sobre o governo da casa (o *oikos*) contidas em um autor grego do século IV a.C., Xenofonte. A noção grega de economia se preocupa com a boa administração da casa⁴⁵. Dessa forma, a economia para Xenofonte é vista como uma forma de gestão do espaço doméstico⁴⁶. Giorgio Agamben, em análise da etimologia da palavra *oikonomia*, mostra que há um princípio do gerenciamento do *oikos* contida na noção em questão⁴⁷. No século XV, o princípio da gestão do *oikos* contida na obra de Xenofonte é apropriado por Leon Battista Alberti.

A apropriação feita por Alberti da noção de economia contida em Xenofonte é indicada no prólogo do livro III dos *Libri*⁴⁸ e é realizada com a preocupação em dar indicações de como administrar bem o espaço doméstico de sua família. Assim, a noção grega de *oikonomia* é utilizada pelo escritor florentino para refletir sobre a figura do *massaio* (administrador) da casa.

Consideramos oportuno indicar que a noção de economia em Alberti apresenta aplicabilidade na gestão da casa (as tarefas que os membros da família precisam cumprir, o que

⁴³ Cf. ROOVER, Raymond. San Bernardino de Siena y San Antonino de Florencia. Los dos grandes pensadores económicos de la Edad Media. In: *Revista Processos de Mecado*, 6(1), 2009, p. 239-302.

⁴⁴ ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 295.

⁴⁵ AGAMBEN, Giorgio. AGAMBEN, Giorgio. The mystery of economy. In: *The Kingdom and the Glory: For a Theological Genealogy of Economy and Government* (Homo Sacer II, 2). Trans. Lorenzo Chiesa, Matteo Mandarini. Stanford: Stanford University Press, 2011. p. 17.

⁴⁶ Sobre a questão, afirma Agamben: "Oikonomia is presented here as a functional organization, an administrative activity that is bound only to the rules of the ordered functioning of the house (or of the company in question). AGAMBEN, Giorgio. Ibidem. p. 18.

⁴⁷ AGAMBEN, Giorgio. Ibidem. p. 18-19.

⁴⁸ El secondo libro recitò quali cose s'avessero a considerare maritandosi, e narrò quanto allo esercizio de' giovani s'apartenea. Persino a qui adunque abbiàn fatta la famiglia popolosa e avviata a diventar fortunata; ora, perché la masserizia si dice essere utilissima a ben godere le ricchezze, in questo terzo libro troverai descritto un padre di famiglia, el quale credo ti sarà non fastidioso leggere; ché sentirai lo stile suo nudo, semplice, e in quale tu possa comprendere ch'io volli provare quanto i' potessi imitare quel greco dolcissimo e suavissimo scrittore Senofonte. ALBERTI, Leon Battista. Op. cit. p. 164.

o administrador da casa deve fazer, o que deve ser feito com os bens da casa, etc.) e na compreensão da dinâmica da economia florentina, na medida em que o escritor menciona a participação de seus parentes na comercialização de tecidos de lã pelo Mediterrâneo.

Nos LDF, os campos econômicos da casa e da cidade estabelecem relação de complementaridade. Apesar da interação entre a economia doméstica e a economia de mercado presente na sociedade florentina, é preciso considerar que cada campo econômico tem suas próprias particularidades. A necessidade de gerir bem a casa em Alberti é feita com orientações que diferem da gestão de uma companhia mercantil, por exemplo.

A economia em Alberti tem o sentido tanto de organização do espaço doméstico de uma família pertencente aos setores de elite da sociedade florentina quanto de orientação de um modelo de gestão útil para a economia mercantil.

A utilidade da administração doméstica em Alberti pode ser percebida como uma forma de racionalidade econômica, na medida em que se procura os melhores meios para gerir o espaço doméstico. Assim, o modelo econômico de Alberti pode ser considerado racional, pois o objetivo é que o administrador da casa saiba ter o melhor aproveitamento do patrimônio familiar.

A noção de racionalidade econômica está articulada com os objetivos da tese, pois, procuramos, por meio da noção em questão, identificar as ações consideradas importantes para Alberti para o êxito da gestão da casa. Por exemplo, o administrador que sabe organizar bem as atividades do dia e, por conseguinte, não gasta o seu tempo com atividades desnecessárias, está agindo de forma racional. Do mesmo modo, as alianças que a família Alberti faz com outras famílias envolvidas em práticas mercantis para tirar proveito nos negócios seguem o princípio da racionalidade. Em síntese, toda reflexão de Alberti sobre a economia assume uma dimensão racional, pois o escritor está preocupado em apresentar práticas econômicas que não sejam

prejudiciais para a família e para a sociedade florentina. A seguir, indicamos as principais discussões teórico-metodológicas sobre a noção em questão.

Valentina Toneatto⁴⁹, em tese de Doutorado sobre a linguagem teológica e econômica em documentos da Alta Idade Média, a exemplo das regras monásticas, discute a noção de racionalidade econômica e localiza o debate sobre o conceito. A pesquisadora identifica a contribuição de autores como Jean-Pierre Devroey⁵⁰ e Giacomo Todeschini⁵¹ para a aplicabilidade do conceito no estudo das sociedades pré-capitalistas.

Devroey, em *Puissants et misérables. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles)*, aplica a noção de racionalidade econômica para uma análise da gestão dos bens envolvendo o monaquismo carolíngio. O final da obra é dedicado a uma discussão sobre a racionalidade. O autor⁵² situa a produção historiográfica sobre o tema em dois campos: os modernistas e os primitivistas. Enquanto os modernistas se preocupam, ancorados nos debates da economia política e em outras ciências modernas, identificar práticas de racionalidade no período pré-capitalista (até o século XVIII), os primitivistas, apoiados na obra *A grande transformação*, de Karl Polanyi, defendem que princípios como escolha racional, preocupação com o cálculo econômico e o lucro têm aplicabilidade apenas nas sociedades capitalistas.

De acordo com Devroey, a racionalidade econômica pode ser definida como uma ação que busca o maior aproveitamento dos ganhos⁵³. O interesse dos sujeitos pelo aproveitamento

⁴⁹ TONEATTO, Valentina. *Les banquiers du Seigneur: Évêques et moines face à la richesse (Ive – début IXe siècle)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

⁵⁰ DEVROEY, Jean-Pierre. *Puissants et misérables. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles)*, Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 2006.

⁵¹ TODESCHINI, Giacomo. *Richesse franciscaine. De la pauvreté volontaire à la société de marché*, Verdier, 2008.

⁵² DEVROEY, Jean-Pierre. Ibidem. p. 588.

⁵³ “Le champ de l’« Économique » (plutôt que celui de l’économie politique qui doit être considérée comme un produit historique du capitalisme) et celui de la rationalité doivent être définis comme le domaine d’action de toute pratique visant à réaliser au maximum une fin donnée”. DEVROEY, Jean-Pierre. Ibidem. p. 601. Devroey ressalta a diferença entre os conceitos de economia e economia política. O campo da economia e a racionalidade econômica

dos ganhos não deve ser considerado como um elemento próprio da dinâmica do capitalismo, pelo contrário, a prática da racionalidade econômica pode ser encontrada em qualquer período histórico. O historiador belga, cita, por exemplo, obras da Antiguidade (Aristóteles, Xenofonte) e da Alta Idade Média (a Regra de São Bento), para indicar como, em diferentes recortes temporais, houve uma preocupação com a boa gestão e o bom governo seja do espaço doméstico, dos monastérios ou da política carolíngia⁵⁴. A identificação de racionalidade econômica em diferentes momentos das sociedades pré-capitalistas reforça a tese de que a ação racional não é uma particularidade do capitalismo e da integração econômica na contemporaneidade. Dessa forma, o autor ressalta as particularidades da ação racional em diferentes contextos históricos. As motivações dos sujeitos em busca do bom governo da casa contidas em autores da Antiguidade Grega se distanciam da preocupação com a gestão da vida monástica na sociedade carolíngia, por exemplo. Portanto, é preciso observar quais os interesses dos indivíduos em busca da otimização dos bens materiais em um determinado período histórico. As considerações de Devroey se relacionam com a nossa pesquisa, na medida em que percebemos como a noção de racionalidade econômica tem particularidade na Florença dos séculos XIV e XV, pois verificamos ações na obra de Alberti que podem ser consideradas racionais, a exemplo da preocupação em controlar os gastos da família e o ordenamento das funções dos membros de uma casa.

Para os séculos X-XV, Giacomo Todeschini apresenta uma discussão sobre a aplicabilidade da noção de racionalidade econômica, considerando o estudo da linguagem econômica do cristianismo. Para o autor, o cristianismo elaborou uma reflexão econômica que contribuiu para os fundamentos da ciência econômica no período moderno.

se aplicam em qualquer temporalidade histórica, já a economia política é uma ciência que se relaciona com o advento do capitalismo.

⁵⁴ DEVROEY, Jean-Pierre. Op. cit. p. 601.

Todeschini, na obra *Come l'acqua e il sangue. Le origini medieval del pensiero economico*⁵⁵, indica como a linguagem econômica produzida no período medieval é reconfigurada para a elaboração de uma racionalidade moderna. O historiador defende que o léxico econômico produzido no período medieval deve ser considerado como elemento basilar na reelaboração da ciência econômica moderna e não como um discurso próprio e sem operacionalidade fundamentado em princípios éticos, nem como uma linguagem distante dos modelos econômicos propostos pelos economistas contemporâneos⁵⁶. Na discussão contida em *Come l'acqua e il sangue*, Todeschini mostra como os textos sobre a utilidade dos bens e a providência cristã de Ubertino de Casale ou dos escolásticos se ocupam de uma racionalidade econômica e, por conseguinte, contribuem para um acúmulo lexical baseado no cristianismo, pois a reflexão sobre a providência econômica também está presente nos fisiocratas (a autorregulação dos mercados) e na obra de Adam Smith (a mão invisível)⁵⁷. Na pesquisa em questão, não estamos preocupados em elaborar uma arqueologia do léxico econômico, por meio da obra de Alberti, nem propor uma história das ideias econômicas, mas Todeschini contribui para refutar os autores primitivistas que tratam da impossibilidade da ação econômica racional antes do período de desenvolvimento do capitalismo, pois indicamos como a obra escrita pelo florentino e as práticas mercantis desenvolvidas por seus parentes possuem níveis avançados de racionalidade.

A análise da racionalidade econômica entre os séculos X e XV também foi feita por Todeschini em *Ricchezza Franciscana. Dalla povertà volontaria alla società di mercato*⁵⁸. O

⁵⁵ TODESCHINI, Giacomo. *Come l'acqua e il sangue. Le origini medieval del pensiero economico*. Roma: Carocci editore, 2021.

⁵⁶ TODESCHINI, Giacomo. *Ibidem*. p. 14.

⁵⁷ "(...) il flusso testuale che dalla fine del Medioevo, e su basi agostiniane e scolastiche, perviene alla provvidenza economica della prima modernità" e ai mercati autoregolati raffigurati dai fisiocratici come organismi dotati di anticorpi in grado di risanarli, e poi all'invisibile ma sicura azione di un intervento provvidenziale nel testo di Smith, sembra avere più la consistenza di una costruzione semantica non intenzionale determinata da un accumulo lessicale totalmente interno all'universo linguistico cristiano, che lo spessore di una filosofia o di una dottrina improbabilmente ricorrente da un secolo all'altro". TODESCHINI, Giacomo. 2021. *Ibidem*. p. 228.

⁵⁸ TODESCHINI, Giacomo. *Ricchezza Franciscana. Dalla povertà volontaria alla società di mercato*. Bolonha: Società editrice il Mulino. 2004.

historiador italiano demonstra como entre os anos 1000 e 1200 houve um crescimento econômico na Europa ocidental e, por conseguinte, uma preocupação com a administração dos ganhos. Por exemplo, no período em questão, os monastérios, os bispos e agentes políticos passam a registrar os seus ganhos e calculam o valor de suas riquezas, levando em consideração formas de aproveitamento dos ganhos, evitando gastos desnecessários⁵⁹.

É importante destacar que tanto Devroey quanto Todeschini fundamentam suas análises nos estudos de sociologia econômica de Max Weber. Em *Economia e Sociedade*⁶⁰, Weber apresenta uma discussão conceitual sobre a racionalidade econômica. Em primeiro lugar, o sociólogo alemão define ação econômica, articulando a ação com a economia racional:

“«Ação económica» designará um exercício pacífico do poder de disposição, referindo-se, primariamente, a uma «ação económica racional», uma ação dirigida para um propósito, logo, planeada, orientada para fins económicos”⁶¹.

A ação econômica é vista como uma atividade econômica baseada na satisfação de um desejo⁶². Assim, devemos considerar como as ações econômicas são compreendidas e direcionadas à satisfação de um objetivo. Portanto, a racionalidade econômica é efetivada quando uma ação planejada é realizada satisfatoriamente pelos agentes econômicos. No planejamento da ação o que é mais importante é o máximo aproveitamento dos bens com o mínimo esforço necessário⁶³.

Outra contribuição de Weber para o conceito de racionalidade econômica é a discussão sobre a utilidade dos bens. A ação econômica que cumpre a satisfação do agente econômico é orientada para a boa utilização dos bens, evitando gastos desnecessários. Assim, a ação econômica está articulada com o bom uso dos bens feitos pelos indivíduos⁶⁴. A análise de

⁵⁹ “(...) Valutare un prezzo, calcolare il valore di una merce, l'estensione della propria terra e quanto rende o potrebbe rendere, contare i propri nemici: questo è al centro della cultura di chi comanda e di chi vuol comandare. Monasteri, vescovi e signori cominciano a registrare, male o bene che sia, quello che ritengono con-venga, annotano gli anni, i mesi, i giorni della loro storia, ossia del loro potere, calcolano l'estensione della loro ricchezza e come mantenerla, aumentarla, non disperderla”. TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. p. 10.

⁶⁰ WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Lisboa: Edições 70. 2022.

⁶¹ WEBER, Max. *Ibidem*. p. 97.

⁶² WEBER, Max. *Ibidem*. p. 98.

⁶³ Afirma Weber: “O critério da racionalidade para a técnica é, entre outros, também o famoso princípio do ‘mínimo esforço’: o resultado ótimo em comparação com os meios a serem utilizados (não ‘com os meios absolutamente mínimos’”. WEBER, Max. *Ibidem*. p. 100.

⁶⁴ WEBER, Max. *Ibidem*. p. 103.

Weber contribui para a nossa pesquisa, na medida em que fornece boas ferramentas conceituais que possibilitam analisar como Alberti propôs uma reflexão econômica baseada no aumento e aproveitamento dos bens materiais de sua família e na administração da riqueza (a *masseria*).

Outro ponto importante da discussão sobre a racionalidade econômica é o comportamento econômico racional. Os agentes econômicos agem de acordo com interesses próprios, visando a obtenção de vantagens. Laurent Feller⁶⁵ nos chama atenção para o fato de que a ação dos agentes econômicos não pode ser dada por uma oposição entre o campo rígido do mercado e as relações interpessoais (vínculos de amizade e parentesco, por exemplo). Assim, o comportamento econômico racional se vale das relações interpessoais, ou seja, dos vínculos de parentesco e amizade estabelecidos entre os atores econômicos, com o objetivo de obter ganhos materiais. Na pesquisa sobre a economia nos *Libri*, verificamos diversas estratégias de vínculos entre os membros da família Alberti e outras famílias florentinas, com o intuito de aumentar os negócios e, por conseguinte, otimizar os lucros. No caso em questão, podemos observar as colaborações entre os membros da família Alberti na consolidação da atividade mercantil ou mesmo as estratégias de casamento dos Alberti com membros de famílias que também atuavam no mercado florentino.

Nos *Libri dela Famiglia*, também encontraremos diversas situações de interação de membros da família Alberti na discussão sobre a gestão do espaço doméstico. Nesse sentido, consideramos oportuno evidenciar o peso da interação entre os agentes econômicos na otimização dos ganhos. Conforme discutiremos na Tese, o comportamento econômico não tem o objetivo apenas de gerir os negócios mercantis, mas gerir bem os bens materiais da casa. A figura do *massaio* (o administrador) em Alberti expressa como os parentes dos Alberti se relacionam e mantêm o bom governo da casa. Portanto, o comportamento dos atores

⁶⁵ FELLER, Laurent. Introduction. In: FELLER, Laurent; RODRÍGUEZ, Ana. (Org.) *Objets sous contrainte: Circulation des richesses et valeur des choses au Moyen Âge*. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2013. p. 12.

econômicos na obra de Alberti se direciona tanto para o governo da casa quanto para a atividade econômica mercantil.

Em Alberti, as boas práticas econômicas estão fundamentadas em princípios éticos, ou seja, as ações desenvolvidas pelos agentes econômicos devem seguir o que a sociedade considerou como pertinente para o bem comum. As indicações de como melhor aproveitar os ganhos materiais ou mesmo administrar os bens partem de reflexões sobre a utilidade da economia para a sociedade ou a utilização mais justa dos bens, evitando práticas econômicas consideradas prejudiciais, a exemplo da avareza. Em nossa tese, realizamos uma análise lexical dos *Libri*, identificando as boas e as más práticas econômicas. A linguagem econômica de Alberti nos permite identificar uma ética baseada na tradição textual cristã, considerando as reflexões sobre a economia do bem comum.

No campo da História Medieval, a relação entre ética e economia é discutida por historiadores como Valentina Toneatto⁶⁶ e Giacomo Todeschini⁶⁷. Os trabalhos desses historiadores se valem de um campo de trabalho⁶⁸ de análise da linguagem ético-econômica contida em fontes de natureza diversa (tratados teológicos, sermões, regras monásticas, etc.), para indicar como essa linguagem do cristianismo se preocupou em formular comportamentos econômicos a serem seguidos. Em Alberti, analisamos o léxico que trata da boa economia, a exemplo de prudência, diligência, honra e virtude.

⁶⁶ TONEATTO, Valentina. Op. cit. 2012. A discussão sobre a noção de ética econômica contida na Tese de Doutorado de Toneatto também é feita no seguinte texto: TONEATTO, Valentina. *Élites et rationalité économique. Les lexiques de l'administration monastique du haut Moyen Âge*. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). *Les élites et la richesse au haut Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 73.

⁶⁷ TODESCHINI, Giacomo. *I mercanti e il Tempio. La società cristiana e il circolo virtuoso della ricchezza fra Medioevo ed Età Moderna*, Bologna 2002. TODESCHINI, Giacomo. *Il prezzo della salvezza. Lessici medievali del pensiero econômico*. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1994. TODESCHINI, Giacomo. *Quantum valet? Alle origini di un'economia della povertà*. In: *Bullettino dell'Istituto Storico Italiano per il Medioevo*, 98, 1992. TODESCHINI, Giacomo. *Theological Roots of the Medieval/Modern Merchants' Self-Representation*". In JACOB, M, J. C., SECRETAN, Catherine., *The Self-Perception of Early Modern Capitalists*, New York: Palgrave, 2008.

⁶⁸ LENOBLE, Clement, TONEATTO, Valentina. *Les « lexiques médiévaux de la pensée économique » Une histoire des mots du marché comme processus de domination et d'exclusion*. In: *Annales, histoire, sciences sociales*, Vol. 74, N° 1, 2019, p. 25-41.

Todeschini, por exemplo, ao analisar a linguagem econômica franciscana, pontua como Bernardino de Siena tratou da importância da família do mercador, considerando a Itália do século XV⁶⁹, para o bem comum da sociedade. Para Bernardino, a união dos membros da família orienta os comportamentos que devem ser seguidos por setores da sociedade envolvidos em práticas mercantis e, por conseguinte, possibilita uma articulação entre uma ética do indivíduo e a “ética econômica pública”⁷⁰. O historiador italiano retoma a discussão sobre ética econômica na Itália do *Quattrocento*, ao investigar como os escritos sobre a atividade mercantil elaboram um léxico ético-econômico baseado na linguagem do cristianismo⁷¹. Esse ponto de análise de Todeschini contribui para estabelecer uma crítica que via nos escritos dos mercadores italianos uma oposição à linguagem do cristianismo.

A análise de Todeschini sobre a representação dos mercadores foi baseada em autores como Benedetto Cotrugli, em *Libri de l'arte de la mercatura*⁷², Francesco Pegolotti, em *La pratica della mercatura*⁷³, Giovanni di Pagolo Morelli, nos *Ricordi*⁷⁴, e o Leon Battista Alberti, nos *Libri*. Os escritos sobre a atividade mercantil definiram os comportamentos adequados para o mercador e sua família. Alberti, nos *Libri della Famiglia* dá orientações de como os envolvidos em práticas mercantis devem se comportar e qual a contribuição do mercador para a sociedade.

É importante destacar que o léxico ético-econômico de Alberti é elaborado tendo em vista a inserção de sua família nos negócios do mercado de tecidos. Assim, é preciso considerar

⁶⁹ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. p. 2004. p. 172.

⁷⁰ “Questa unità economica, morale e civica si realizzava dunque sia in virtù di una collaborazione economica tra famiglie, sia in virtù delle competenze professionali dei capi famiglia, sia grazie alla morale economica di cui potevano dare prova le mogli e i figli. Esisteva dunque, dal punto di vista francescano, e le prediche di Bernardino lo mostrano ampiamente, un raccordo stretto fra etica dei comportamenti privati, etica economica pubblica e pubblica felicità”. TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. p. 172.

⁷¹ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. 2008.

⁷² COTRUGLI, Benedetto. *Libro de l'arte de la mercatura*. Org.: Vera Ribaldo, Venezia : Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016. (Italianistica; 4).

⁷³ PEGOLOTTI, Francesco. *La Pratica della Mercatura*. Medieval Academy of America, 2012.

⁷⁴ MORELLI, Giovanni di Pagolo. *Ricordi. Nuova edizione e introduzione storica*. Florença : Firenze University Press, 2019.

o contexto social em que uma linguagem ético-econômica é construída. Em Alberti, por exemplo, os ensinamentos sobre a administração da casa, o aproveitamento do tempo ou a crítica à avareza se dão em um momento em que a experiência mercantil dos parentes de Alberti já estava consolidada no mercado do Mediterrâneo. A boa economia em Alberti parte da preocupação do autor em colaborar com a imagem de uma família preocupada com o bem comum de Florença:

Querem ser mercadores como foram os nossos antigos, como são os de hoje e como sempre serão no futuro nossos Alberti, eu não tenho dúvida: é preciso fazer grandes ações, conduzir as coisas mais úteis à pátria, preservar a honra e a fama da família e, a cada dia, crescer não menos em autoridade e graça do que em dinheiro e bens.⁷⁵

No livro II, Alberti comenta sobre o comportamento ideal do mercador, tomando como modelo os membros da sua família, e relaciona as ações da família com a condução de ações úteis à Florença (“*condurre cose utilissime alla patria*”).

Em nossa pesquisa, propomos a elaboração de três capítulos. Todos os capítulos estão articulados em torno da noção central de economia. Em cada capítulo, desenvolveremos os aspectos centrais que demonstram a originalidade da proposição de Alberti, em torno do conceito em questão, para a Florença de *Quattrocento*. No primeiro capítulo, intitulado “As alianças da família Alberti e as práticas mercantis nos *Libri della Famiglia*”, discutiremos como a família Alberti estabeleceu redes de alianças (formadas entre os parentes da família Alberti e sócios oriundos de outras famílias florentinas ou entre sócios da companhia Alberti e outros agentes econômicos, por exemplo) e como essas redes foram importantes para o protagonismo dos mercadores dessa família na economia florentina. Dessa maneira, procuramos relacionar a obra de Alberti com o desenvolvimento do mercado lanífero entre a segunda metade do século

⁷⁵ *Vogliono essere e' mercatanti così fatti come furono i nostri passati, come sono i presenti, e non dubito per avvenire sempre saranno i nostri Alberti, - fare grande imprese, condurre cose utilissime alla patria, serbare l'onore e fama della famiglia, e di di in di non meno in autorità e in grazia crescere che in pecunia e roba.* ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia*, editado por Ruggiero Romano e Alberto Tenenti, Turim: Einaudi, 1994. p. 155.

XIV e o século XV, considerando as estratégias dos Alberti para a obtenção de vantagens econômicas.

No capítulo seguinte, intitulado de “A administração doméstica nos *Libri*: uma economia racional?”, pretendemos analisar como Alberti, nos *Libri della Famiglia*, apresenta uma discussão particular sobre a gestão da casa, levando em consideração as atividades da administração doméstica no âmbito de uma economia racional. No plano da Tese, a análise sobre a dimensão da organização das atividades econômicas no espaço da casa torna-se profícua para a questão central da pesquisa (Qual a contribuição da noção de economia para os *Libri della Famiglia*?). Portanto, o capítulo discutirá as questões que envolvem a demarcação de um espaço de atuação da economia, tendo em vista a aplicação da noção de racionalidade econômica na obra de Alberti.

Por fim, no capítulo intitulado de “Práticas mercantis e usos do dinheiro: uma nova ética econômica?”), pretendemos discutir como o florentino formula uma interpretação diferenciada da justificação das práticas econômicas e da aquisição de riquezas, em detrimento das leituras elaboradas por membros das ordens mendicantes atuantes na Toscana (os franciscanos, por exemplo) e que criticavam a avareza dos mercadores. Ao longo dos itens do capítulo, analisaremos brevemente quais foram as proposições sobre os contemporâneos de Alberti, com especial atenção pelos humanistas (Coluccio Salutati e Leonardo Bruni), em relação ao lugar da economia e do dinheiro em suas obras. Os itens contemplarão a discussão de Alberti sobre a avareza e a demarcação, por parte do florentino, de um discurso que dá um novo sentido à aquisição de bens (seria Alberti um defensor do acúmulo de bens?).

Considerando o conjunto dos três capítulos, o plano de Tese procura elaborar um trabalho que articula, tomando por base os LDF, o estudo de aspectos da sociedade florentina, com foco maior pela economia, com a aplicabilidade da noção de racionalidade econômica para o estudo das sociedades anteriores ao capitalismo. Evidenciamos nosso intento de propor um

trabalho que traz inovações na historiografia sobre a *opera* de Alberti, com atenção particular pelos *Libri*. Nesse sentido, os capítulos tratam do problema central da pesquisa, a partir da seleção de elementos particulares encontrados na obra.

Capítulo I: As alianças da família Alberti e as práticas mercantis nos *Libri della Famiglia*

As relações sociais também são objeto de provisão econômica, sendo consideradas uma fonte de possível poder de disposição, presente ou futuro, sobre utilidades⁷⁶.

Leon Battista Alberti, nos *Libri della Famiglia*, procurou justificar a importância de sua família para a sociedade florentina. A obra em questão, escrita nos anos 1430, faz referência às experiências do passado dos Alberti, a exemplo da participação de parentes nos assuntos da política comunal e nas práticas mercantis. Entre o final do século XIV e início do século XV, a família se envolveu nos conflitos da política florentina, resultando na expulsão de seus membros da cidade, e se destacou na comercialização da venda de tecidos de lã, considerando o estabelecimento de diversos postos comerciais na Península Itálica e em outras regiões da Europa.

Na medida em que Alberti trata das experiências de sua família, podemos perceber como os Alberti, por meio de alianças, enfrentaram os problemas políticos e buscaram aumentar o patrimônio familiar. Nesse sentido, o objetivo do capítulo é analisar as maneiras pelas quais os membros da família Alberti formaram alianças com o intuito de demarcar relações de poder na política comunal e obter vantagens econômicas nas atividades mercantis: as alianças políticas para oposição às oligarquias da cidade, as alianças sociais, por meio do matrimônio e as relações de amizade e as alianças econômicas, por meio das sociedades mercantis.

O capítulo está estruturado em três partes. Na primeira parte, analisamos o exílio dos Alberti enquanto uma consequência do posicionamento político contrário aos interesses das elites tradicionais e procuramos indicar como a família procurou formar estratégias para contornar a situação do exílio. Em seguida, discutimos como as alianças sociais, seja por meio

⁷⁶ WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Lisboa: Edições 70. 2022. p. 103.

do matrimônio ou das relações de amizade contribuíram para demarcar o poder dos Alberti na sociedade florentina. Por fim, analisamos as alianças econômicas dos Alberti, em relação à formação de postos comerciais de uma companhia mercantil. Destacamos que a discussão sobre as formas de alianças entre os Alberti (política, social e econômica) será feita por meio da análise da fonte principal da pesquisa, os LDF.

1.1 – O exílio da família Alberti e as relações interpessoais

Quando do nascimento de Leon Battista Alberti, ocorrido em 1404, em Gênova, a família Alberti estava no exílio. Podemos afirmar que a situação do exílio marcou a biografia de L. B. Alberti e, de certa forma, os *Libri della Famiglia* resultam de uma reflexão sobre as trajetórias dos indivíduos dos seus parentes e da relação entre essas trajetórias e a cidade de Florença. O exílio é uma situação política que demarca uma ação radical de exclusão dos inimigos. No caso em questão, os Albizzi trataram de expulsar famílias que ameaçavam os interesses oligárquicos. Nesse sentido, a parte discute sobre o exílio da família Alberti, a partir de articulações entre o banimento dos Alberti e as implicações dessa situação nos *Libri*.

Leon Battista Alberti, no prólogo dos LFD, apresenta uma referência ao exílio de sua família:

(...) Ó jovens Alberti, admiro a quantas adversidades nossa família Alberta com fortíssimo ânimo resistiu e com quão perfeita razão e julgamento os nossos Alberti souberam afastar e suportar, com firmeza e constância, a amargura de nosso destino e os ataques ferozes de nossos destinos iníquos (...).⁷⁷

A orientação de Alberti sobre as situações adversas do passado da família Alberti é endereçada aos membros mais jovens de sua família (*o giovani Alberti*). A obra do escritor

⁷⁷ (...) *o giovani Alberti, rimiro la nostra famiglia Alberta a quante avversità già tanto tempo con fortissimo animo abbia ostato, e con quanta interissima ragione e consiglio abbino e' nostri Alberti saputo discacciare e con ferma constanza sostenere i nostri acerbi casi e' furiosi impeti de' nostri iniqui fati* (...). ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia*. Ed. Ruggiero Romano, Alberto Tenenti e Francesco Furlan. Turim: Einaudi, 1994. p. 2.

florentino tem o propósito de indicar a capacidade de sua família em resistir aos infortúnios e elaborar um modelo de família considerado exemplar para a sociedade florentina.

Os Albizzi e os setores oligárquicos realizaram reformas nas magistraturas do poder, com o intuito de reduzir a presença de famílias que participavam ativamente das atividades mercantis, mas que não se coadunavam com os interesses aristocráticos. A família Albizzi alterou o processo eleitoral, instituiu uma nova magistratura (*accoppiatori*) e criou mecanismos de sorteio favoráveis às oligarquias⁷⁸. As intrigas políticas entre diferentes setores da sociedade apontam para o funcionamento da experiência comunal florentina. Apesar de um sistema eleitoral consolidado, considerando as diversas magistraturas⁷⁹ e a rotatividade dos cargos⁸⁰, o sistema comunal era constantemente manipulado por diversos setores da elite.

Em 1387⁸¹, uma *balìa* a favor dos Albizzi decreta uma punição contra Benedetto Alberti, avô de Leon Battista Alberti, e Cipriano Alberti. O decreto⁸² trouxe as seguintes decisões para Benedetto e Cipriano: proibição de participação em cargos da comuna e de aproximação de palácios das altas magistraturas e o exílio por dois anos. O documento também impediu a participação de outros parentes dos Alberti, com poucas exceções, nas magistraturas⁸³. O decreto de 1387 não foi o único a tratar do exílio da família Alberti, mas indica como o grupo

⁷⁸ TADDEI, Ilaria. Op. cit. (edição digital).

⁷⁹ Na presente parte, não temos a intenção de discutir sobre o sistema eleitoral da comuna florentina. Para uma discussão pontual sobre esse tema, cf. NAJEMY, John. *Corporatism and Consensus in Florentine Electoral Politics*, Chapel Hill, 1982. NAJEMY, John M. *The dialogue of Power in Florentine Politics*. In: MOLHO, Anthony (et.al.), *City states in classical antiquity and medieval Italy: Athens and Rome, Florence and Venice*. Ann Arbor: Institute for International Studies (Brown University), 1991.

⁸⁰ TADDEI, Ilaria. Ibidem. (edição digital)

⁸¹ TADDEI, Ilaria. Ibidem. (edição digital)

⁸² *Item , die sexto dicti mensi maii, supradicti domini priores et vexillifer justitie , una cum dictis gonfaloneriis sotietatum populi et duodecim bonis viris et capitaneis partis guelfe et decem balie et duodecim civibus ad hec deputatis, in palatio supra dicto , invicem congregatis, modo, forma, pro causis et ordine sopradictis providerunt, ordinauerunt et disposuerunt: Quod omnes et singuli de domo, casato seu progenie de Albertis de Florentia , exceptis-- his de quibus inferius describetur, intelligantur esse et sint prohibiti et devetati et prohibitionem et devetum habere , et habeant pro tempore quinque annorum proxime futurorum , ab omnibus et singulis officiis communis Florentie et partis guelfe , et cuiuslibet artis et universitatis civitatis Florentie , et quibuslibet officiis pro dicto communi extra dictam civitatem ; et quod quilibet ex eis , qui interim , durante dicto tempore quinque annorum , extraheretur ad aliquod ex officiis predictis , cuius officii exercitium in totum vel in partem haberet concurrere cum dicto tempore tempore, possit et debeat cedula ipsius extractionis et continens nomen dicti extracti illico remitti , tamquam extracti devetum habentis , et alius extrahi possit et debeat loco sui (grifo nosso).* PASSERINI, Luigi. *Gli Alberti di Firenze*. 2 vol. Florença: tip. M. Cellini e C., 1869. p. 236.

⁸³ PASSERINI, Luigi. Ibidem. p. 236.

familiar foi prejudicado por seus adversários políticos. Assim, o exílio dos Alberti trouxe uma série de implicações políticas e sociais, como a impossibilidade de exercer cargos nas magistraturas ou a proibição de membros da família viverem na cidade, considerando também as consequências da ausência de um indivíduo para o convívio familiar.

Na medida em que os homens da família Alberti precisam sair de Florença, as relações sociais entre os homens e os outros parentes (esposas, filhos, outros dependentes, etc.) são rompidas. Susannah Baxendale⁸⁴ atentou para as consequências do banimento da família Alberti e as maneiras pelas quais os membros da família⁸⁵ responderam à situação política. Para a historiadora norte-americana, considerando o período de exílio, os Alberti mantiveram um vínculo de pertencimento à cidade de Florença.⁸⁶ Assim, os LDF devem ser considerados como uma forma de expressão de manutenção dos vínculos da família Alberti pela *città*⁸⁷.

No livro II dos LDF, Alberti faz referência aos infortúnios sofridos por sua família, ao tratar de uma discussão sobre as relações de amizade. Em um diálogo com Battista, Lionardo afirma:

E agora nossos destinos cruéis e amargos foram privados, assim como todos nós, de todo outro prazer e de toda alegria nas amizades. E as condições dos tempos, para nosso infortúnio, mantêm nossa família Alberti espalhada e dispersa, como você pode observar, uma parte em Ponente, Londres, Bruges, Colônia, poucos na Itália, em Veneza, Gênova, Bolonha, alguns em Roma, enquanto que um bom número se encontra na França, em Avignon e Paris, e mesmo na Hispânia, em Valência e Barcelona, lugares onde nosso Alberti foram, durante anos, mercadores muito íntegros e honrados.⁸⁸

⁸⁴ BAXENDALE, S. F. Op. cit. p. 720.

⁸⁵ A autora também se preocupou em analisar como as mulheres foram capazes de responder à situação do exílio. BAXENDALE, S. F. Ibidem. p. 745-749.

⁸⁶ A autora escreve na conclusão de seu artigo: "Unlike execution, exile is a reversible punishment. Its proffered hope of a return to grace was accepted by the Alberti who never lost the sense that they were 'of Florence'." BAXENDALE, S. F. Op. cit. p. 752.

⁸⁷ Baxendale fala de preservação de uma identidade, sem citar a obra de Alberti. BAXENDALE, S. F. Ibidem. p. 752.

⁸⁸ *E ora i nostri duri e acerbi casi hanno insieme e lui e tutti noi d'ogni altro nelle amicizie diletto e piacere privatolo. E le condizone de' tempi, nostra infelicità, tengono dispersa e disseminata la nostra famiglia Alberta, come vedi, parte in Ponente, a Londra, Bruggia, Colonia, pochi in Italia, a Vinegia, a Genova, a Bologna, in Roma alcuni, e in Francia non pochi sono a Vignone e a Parigi, e così per le Ispagne, a Valenza e a Barzalona, ne' quali tutti luoghi e' nostri Alberti sono piú anni stati interissimi e onoratissimi mercatanti.* ALBERTI, L. B. p. 88.

No período em que Alberti escreveu os *Libri della Famiglia* (1432-1434), Florença passava por um momento de transição entre o domínio dos Albizzi e de ascensão da família Médici na experiência comunal. Nesse sentido, os LDF celebram a memória dos antigos Alberti, mas também fazem referência à situação do exílio de seus parentes ⁸⁹ (*tengono dispersa e disseminata la nostra famiglia Alberta*). Por meio do trecho citado, podemos mapear a presença da família em diversas partes da Península Itálica e da Europa. Nesses novos lugares, a família Alberti estabeleceu alianças políticas e econômicas⁹⁰.

L. B. Alberti explora a experiência de seus parentes, para indicar como os Alberti souberam resistir às dificuldades. A formação de redes de alianças políticas e econômicas atesta a capacidade de seus familiares em resistir aos interesses dos setores favoráveis aos Albizzi. Nessa perspectiva, a noção de rede de alianças propicia uma chave de análise sobre as respostas da família Alberti às imposições da política florentina.

1.2 As alianças matrimoniais e as relações de amizade entre os Alberti

Paul D. McLean⁹¹, em *The Art of the Network: Strategic interaction and Patronage in Renaissance Florence*, analisa como escritores florentinos dos séculos XIV e XV elaboraram estratégias individuais de formação de redes sociais⁹². O sociólogo compreende o conceito de rede (*network*), a partir de uma interação com a noção de processo social. As considerações de McLean nos parecem úteis, para a discussão sobre a formação de redes de alianças em L. B.

⁸⁹ Os *Libri* começaram a ser escritos em 1432, em Roma. O diálogo contido na obra, por sua vez, ocorre nos anos 1420, em Pádua. Cf. AYMARD, Maurice. Famille et amitié chez Alberti. In: FURLAN, Francesco; LAURENS, Pierre; SYLVAIN, Matton. *Leon Battista Alberti: actes du congrès international de Paris (Sorbonne, Institut culturel italien, Collège de France) 10-15 avril 1995*. Turim, Paris; Aragno, Vrin, 2000. p. 136.

⁹⁰ Em outra parte do capítulo, discutiremos sobre as atividades econômicas desenvolvidas pela família Alberti.

⁹¹ D. McLean, Paul. *The Art of the Network: Strategic interaction and Patronage in Renaissance Florence*. Durham, Londres: Duke University Press, 2007.

⁹² D. McLean, Paul. *Ibidem*. p. 5.

Alberti⁹³. Em primeiro lugar, McLean atenta para a natureza processual das redes de alianças. Destarte, podemos sinalizar dois pontos desse componente processual das redes: 1 - a noção de rede não limita a ação dos atores sociais, e 2 – as ações individuais não anulam a formação de uma rede de alianças. A rede não pode ser compreendida como uma noção que está restrita à rigidez de uma estrutura. Pelo contrário, a noção de rede permite a percepção das múltiplas formas de dinâmica social⁹⁴. Na medida em que as alianças são formadas, as ações individuais se relacionam com as posições tomadas por outros atores (indivíduos ou interesses coletivos). A rede é, portanto, um conceito que possibilita a relação⁹⁵ de uma ação individual com os interesses coletivos. No caso em questão, o estudo das redes de alianças em Alberti permite-nos a análise das ações individuais (as intenções do autor, ao escrever a obra) e suas relações com o seu grupo familiar e com outros setores da sociedade florentina.

Ao discutir que os florentinos tinham a percepção de que a formação de rede apresentava uma dimensão processual, Paul McLean⁹⁶ diz que essas redes podiam ser construídas por meio do casamento, de atividades financeiras ou do mecenato.

O casamento foi uma forma encontrada pela família Alberti de manter os vínculos com a cidade. Baxendale⁹⁷ afirma que, mesmo com o exílio, os Alberti continuaram a estabelecer relações matrimoniais com outras famílias de elite⁹⁸. Apresentamos a seguir, com base na documentação, um mapeamento dos casamentos ocorridos na família Alberti:

⁹³ Consideramos importante assinalar que o sociólogo inseriu, em seu livro, análises dos *Libri della Famiglia*. Nossa investigação se difere da análise feita por McLean, por centrarmos nossa atenção exclusivamente em L. B. Alberti.

⁹⁴ “The relationships that in the aggregate constitute networks are built, rebuilt, sustained, and transformed across time. Thus we have to think about social networks and networking dynamically—something that until recently network analysts have had a hard time doing. And each successive effort at networking takes place from a newly achieved position in a network”. D. Mc. Lean, Paul. *Ibidem*. p. 7.

⁹⁵ D. McLean, Paul. *Op. cit.* p. 2.

⁹⁶ D. McLean, Paul. *Op. cit.* p. 5.

⁹⁷ BAXENDALE, S. F. *Op. cit.* p. 747-748.

⁹⁸ A partir de dados fornecidos por Baxendale sobre casamentos das mulheres da família Alberti ocorridos entre 1401 e 1403, percebemos que os Alberti formaram redes de alianças com a família Strozzi (cinco uniões matrimoniais). No entanto, ressaltamos que a historiadora, no texto citado, não apresenta a documentação que serviu de base para o mapeamento das uniões matrimoniais. Para a tabela sobre os casamentos das filhas da família Alberti, no período indicado, cf. BAXENDALE, S. F. *Op. cit.* p. 754. A tabela completa consta na Tese de

Tabela 1 – Lista de casamentos ocorridos na família Alberti – Período de 1387 – 1434⁹⁹.

Família da noiva	Nome do nubente – família Alberti	Nome da nubente	Ano do casamento
Lupicani	Alberto di Bernardo	Giovanna di Simone	1387
Obizzi	Antonio di Niccolò	Bartolommea di messer Tommaso di Nino	1389
Ricci	Luigi di Tommaso	Sandra di messer Giovanni	1390
Strozzi	Piero di Bartolomeo	Lucia di Carlo	1391
Acorri (già de' Pazzi)	Giannozzo di Tommaso	Niccolosa di Simone	1392
Ridolfi (di Borgo)	Bivigliano di Marco	Tommasa di Noffo	1394
Gianfigliuzzi	Altobianco di Niccolò	Maddalena di messer Rinaldo	1396
Villani	Antonio di Tommaso	Monna di Matteo	1400
Giani	Niccolao di Marco	Agnese di Giovanni	1405
Guazzalotri	Benedetto di Bernardo	Contessa di Bertoldo	1408
Bombeni	Nerozzo di Berardo	Jacopa di Antonio	1421
Dini	Tommaso di Giannozzo	Maddalen di Piero Giovanni	
Strozzi	Antonio di Ricciardo	Nanna di Rossello	1427
Capponi	Matteo di Antonio	Constanza di Piero	1428
Alberti	Adovardo di Alberto	Caterina di Ricciardo	
Giraldi	Iacopo di Piero	Piera di Antonio	1432
Bardi	Francesco di Altobianco	Nanna di Bernardo	1432
Ciampelli	Simone di Niccolò	Francesca di Giovanni	1434

Família do noivo	Nome do nubente –	Nome da nubente – família Alberti	Ano do casamento
Panciaticchi	Giovanni di Bartolommeo	Maddalena di Guasparri	1387
Medici	Antonio di Giovanni	Ghita di Iacopo	1389
Guidi	Guido di Roberto, conde de Battifolle	Selvaggia di Marco	1389
Pitti	Luigi di Buonaccorso	Lisa di Cipriano	
Ricci	Samminiato di Gucciozzo	Bartolommea di Iacopo	1390
Lamberteschi	Bernardo di Lamberto	Venna di Duccio	1391
Strozzi	Giovanni di messer Pazzino	Albiera di Nirezzo	1392
Dini	Piero di Giovanni	Antonia di Alberto	1393
Gianfigliuzzi	Messer Iacopo di Giovanni	Selvaggia di Marco	1393
Biada	Lorenzo di messer Iacopo	Lisa di Guasparri	1394
Morelli	Giovanni di Paolo	Caterina di Alberto	1395

doutorado de Susannah Kerr Foster. FOSTER, S. F. *The Ties That Bind: Kinship Association and Marriage in the Alberti Family 1378-1428*. Ph. D. diss., Cornell University, 1985.

⁹⁹ Tabela feita a partir da lista apresentada por Passerini. Cf. PASSERINI, Luigi. *Gli Alberti di Firenze*. 2 vol. Florença: tip. M. Cellini e C., 1869.

Strozzi	Francesco di messer Palla	Ginevra di Nerozzo	1395
Davizzi	Francesco di Tommaso	Catalana di Alberto	1395
Medici	Giovanni di messer Michele	Agnola di Nerozzo	1396
Alderotti	Buonaccorso di Francesco	Lisa di Duccio	1396
Baldovinetti	Francesco di Piero	Filippa di Ducio	1399
Giacomini	Tommaso di Giacomino	Constanza di Agnolo	1404
Macinghi	Filippo di Niccolò	Caterina di Alberto	1404
Foresta	Niccolò di Noferi	Margherita di Nerozzo	1405
Piaciti	Bindo di Gherardo	Bartolommea di Iacopo	1404
Barberino	Giovanni di Maffeo	Ginevra di Cipriano	1404
Strozzi	Nicollò di Noferi	Margherita di Nerozzo	1405
Zati	Bartolo di Amerigo	Madallena di Gianozzo	1408
Lombardo (de Veneza)	Lorenzo	Margherita di Piero	
Alberti	Adovardo di Alberto	Caterina di Ricciardo	
Bolognini	Bolognino di Giovanni	Lisa di Ricciardo	
Corsini	Piero di messer Filippo	Caterina di Albertaccio	1412
Vettori	Paolo di Gianozzo	Maria di Antonio	1412
Strozzi	Rosso di Strozza	Margherita di Nerozzo	1412
Macinghi	Carlo di Niccolò	Albiera di Albertaccio	
Bardi	Migiotto di Bardo	Simona di Bernardo	1415
Rabatta	Messer Lodovico di messer Michele	Brigida di Antonio	
Ferrantini	Piero	Maria di Gianozzo	
Arrigucci	Compagno di Alessandro	Caterina di Bernardo	1419
Machiavelli	Giovanni di Buonimsegna	Maria di Gianozzo	1420
Santi	Baldassare di Antonio	Margherita di Gianozzo	
Belotti	Lorenzi di Donato	Maddalena di Niccolao	
Sigoli	Lotto di Bonsi	Antonia di Niccolao	
Rondinelli	Andrea di Vieri	Antonia di Luigi	
Barbadori	Cosimo	Niccolosa di Antonio	
Popoleschi (já Tornaquinci)	Niccolò di Piero	Nanna di Antonio	1431
Lippi	Piero di Ghino	Nera di Luigi	
Selding (da Inglaterra)	Gofredo	Agnoletta di Filippo	1437

Por meio dos casamentos indicados no estudo de Passerini, mapeamos a formação de alianças entre os Alberti e famílias como Strozzi (4 ocorrências), Dini (2 ocorrências), Ricci (2 ocorrências) e Medici (2 ocorrências). Essas relações matrimoniais indicam que a família Alberti formou alianças, com o objetivo de manter os espaços de poder na cidade florentina.

No livro II dos *Libri della Famiglia*, intitulado de *De re uxoria* (Sobre a esposa), Alberti tece alguns comentários sobre a importância do casamento para a família. Trata-se de uma reflexão sobre a união matrimonial e, no caso em particular, as consequências dessa união para a família Alberti. O trecho a seguir é extraído do Livro II de Alberti, em um diálogo entre Battista e Lionardo:

O amor que liga o marido à esposa pode ser considerado muito grande, pois se a benevolência nasce de alguma voluptuosidade, o casamento oferece em grande abundância o mais agradável dos prazeres e alegrias; se a benevolência cresce através da intimidade, não há ninguém com quem você mantenha uma familiaridade perpétua como a que você mantém com sua esposa; Se o amor é formado e unido pela descoberta e comunicação de seus afetos e desejos, ninguém além de sua esposa e companheira constante abrirá para você uma maneira mais fácil de saber tudo sobre ela e revelar tudo sobre você; se a amizade é a companheira da honestidade, nenhuma união será mais sagrada para você do que a do casamento¹⁰⁰.

Através do diálogo entre membros da família Alberti, podemos afirmar que o escritor florentino valoriza o casamento (“*niuna coniunzione piú a te sarà religiosissima che quella del congiugio*”) e sugere a contribuição da esposa para os vínculos matrimoniais. Nesse sentido, a discussão sobre o matrimônio é um dos elementos que compõem o manual familiar de Alberti.

O matrimônio¹⁰¹ é um elemento que valida o modelo familiar proposto por Alberti. No Livro II, Lionardo comenta sobre as competências dos membros da família (marido, esposa, filhos), no ambiente doméstico¹⁰². Salientamos que as observações de Lionardo estão relacionadas com uma preocupação nas relações da família com a sociedade de Florença. Lionardo orienta a escolha da esposa, a partir dos conselhos dos mais velhos da família e das vantagens que essa escolha pode oferecer:

Uma vez que a ação e os conselhos dos velhos e de toda a casa terão decididos os jovens, as mães, e os outros velhos parentes e amigos, que desde os antepassados sabem de quais costumes são alimentados quase todas as virgens da cidade, que

¹⁰⁰ (...) *E infiniti quanto si truova prepongono l'amore all'amistà. Puossi l'amor tra moglie e marito riputar grandissimo, però che se la benivolenza surge da alcuna voluttà, el congiugio ti porge non pochissima copia d'ogni gratissimo piacere e diletto; se la benivolenza cresce per conversazione, con niuna persona manterrai piú perpetua familiarità che colla moglie; se l'amore si collega e unisce discoprendo e comunicando le tue affezioni e volontà, da niuno arai piú aperta e piana via a conoscere tutto e dimonstrarti che alla propria tua donna e continua compagna; se l'amicizia sta compagna della onestà, niuna coniunzione piú a te sarà religiosissima che quella del congiugio (...)*. (grifo nosso). ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 93.

¹⁰¹ *A questo modo a me pare manifesto apparisca che la natura e ragione umana insegnò come la compagnia del coniugio ne' mortali era necessaria, sí per ampliare e mantenere la generazione umana, sí per poterli nutrire e conservare già nati (...)*. ALBERTI, L. B. p. 110 (grifo nosso).

¹⁰² No capítulo “A administração doméstica nos *Libri*: uma economia racional?”, retomaremos, com mais especificidade, à análise da gestão do espaço doméstico na obra de Alberti. Como pretendemos demonstrar, as discussões sobre o matrimônio ou outras formas de redes de alianças estão articuladas com a noção da gestão dos bens domésticos.

escolham todas as moças bem nascidas e bem elevadas, e as apresentem àquele que deve se casar. Esse último escolherá aquela que melhor lhe convier¹⁰³.

Por meio da fala de Lionardo, Alberti dá orientações sobre a formação de alianças matrimoniais. O noivo, ao escolher sua pretendente, deve levar em consideração os conselhos recebidos¹⁰⁴. O autor também define quais os motivos para a escolha da pretendente:

E que ele tenha no coração dois motivos para escolher a esposa: o primeiro, para se perpetuar pelos filhos, o segundo para ter, durante toda sua vida, uma companhia estável e sólida. Porém, é preciso procurar uma mulher apta a procriar, que seja grata em te ter por contínua companhia¹⁰⁵.

A necessidade da procriação e a formação de uma relação estável devem nortear a procura por uma esposa¹⁰⁶. O modelo de família sugerido por Alberti está vinculado com a formação de redes de alianças. Assim, Lionardo, após falar sobre as funções da esposa no matrimônio, afirma: “É porque dizemos que, para tomar uma mulher, é preciso buscar belezas, parentesco e riquezas (...)”¹⁰⁷. Para a formação de uma rede de alianças, Lionardo também opina sobre os laços de parentesco¹⁰⁸. Segundo Lionardo, a família da nubente deve ter boas virtudes e condições econômicas satisfatórias:

(...) Tu que estás recém casado, tu não pode nem mantê-los sem danos, nem mandá-los embora sem culpa. Então, para resumir todo esse desenvolvimento em algumas palavras – porque nessa matéria eu quero ser muito breve -, é preciso fazer, por assim dizer, que esses novos parentes tenham um sangue não vulgar, uma fortuna não mínima, uma atividade não baixa. Que nos outros domínios, eles sejam moderados e

¹⁰³ *Indutti ch' e' giovani saranno, opera e consiglio de' vecchi e di tutta la casa, le madri e l'altre antiche congiunte e amiche, le quali persino dall'avola conoscono quasi tutte le vergini della terra di che costume sieno nutrite, queste scelgano tutte le ben nate e bene allevate fanciulle, el quale numero porgano al nuovo che sarà marito. Costui elegga qual piú gli talenta.* ALBERTI, L. B. p. 115.

¹⁰⁴ *In ogni compera e contratto giova informarsi e consigliarsi, domandarne piú e piú persone, e usare ogni diligenza per non avere dipoi a pentersi della compra. Molto piú dovrà essere diligente chi costituirà farsi marito. Costui per mio consiglio essamini, prevegga in piú modi, piú dí, qual sia quella di chi e' dovrà essere tutti gli anni suoi marito e compagno.* ALBERTI, L. B. p. 115.

¹⁰⁵ *E stiagli l'animo a prendere moglie per due cagioni: la prima per stendersi in figliuoli, l'altra per avere compagnia in tutta la vita ferma e stabile. Però si vuole cercare d'avere donna atta a procreare, grata a esserti perpetua congiunta.* ALBERTI, L. B. p. 115.

¹⁰⁶ No item em questão, o centro da análise não é o modelo de família elaborado por Alberti, mas a relação entre esse modelo e a formação de redes de alianças.

¹⁰⁷ *Di qui si dice che nel tór moglie si cerchi bellezze, parentado e ricchezze.* ALBERTI, L. B. p. 115.

¹⁰⁸ *Seguita il parentado, nel quale considereremo qual cose siano bene atte e da preferire. Credo io nel parentado in prima si vuole bene esaminare la vita emodi di tutti e' nuovi coniunti. Molti matrimoni sono stati, secondo che tutto il dí s'ode e legge, cagione di grande ruine alla famiglia, poiché sono imparentatosi con uomini litigiosi, gareggiosi, superbi e malvoluti.* ALBERTI, L. B. p. 117.

comedidos, que eles não te sejam muito superiores, de modo que a tua grandeza não escureça tua honra e tua dignidade, assim que a tua quietude e a tranquilidade dos teus (...).¹⁰⁹

As orientações de Lionardo são dadas para que a família obtenha vantagens, em um casamento. Podemos comparar a lista de casamentos apresentadas anteriormente com as discussões de Alberti sobre o matrimônio. As famílias com as quais os Alberti se casaram tinham boas condições econômicas. Os Ricci e os Medici, por exemplo, estavam envolvidos em atividades bancárias e operações de câmbio¹¹⁰. Do mesmo modo, os Strozzi, os Ricci e os Bardi se destacaram em atividades internacionais de comércio¹¹¹. Assim, o autor dos LDF percebe as relações matrimoniais como um fator que contribui para a preservação dos bens econômicos.

Alberti considera que os membros de sua família se casaram com indivíduos que não possuíam “sangue não vulgar” (*parenti di sangue non vulgari*), atacando os opositores dos Alberti na sociedade florentina. Dessa forma, Alberti parece considerar as alianças matrimoniais Alberti – Strozzi, Medici, Ricci, Bardi, quando propõe um modelo de nubente, mesmo que essas alianças não sejam citadas nos LDF.

Susannah Kerr Foster afirmou que existe uma singularidade nas alianças formadas pelos Alberti por meio do casamento. A historiadora ressalta que os Alberti também se casaram com famílias ligadas às elites tradicionais, seja os aliados dos Albizzi, a exemplo da família Gianfigliuzzi, ou outras famílias tradicionais que não defendiam os Albizzi, mas se opunham aos Ricci¹¹². Na documentação reunida por Passerini, encontramos dois casamentos ocorridos

¹⁰⁹ (...) *Tu di fresco sposo, né puoi senza danno ritenerli, né senza biasimo commiatarli. Adunque, per comprendere tutto questo luogo in poche parole, ché al tutto voglio essere in questa materia brevissimo, procurisi avere questi così nuovi parenti di sangue non vulgari, di fortuna non infimi, di essercizio non vili, e nelle altre cose modesti e regolati, non troppo superiori a te, acciò che la loro amplitudine non auggi come l'onore e dignità tua, così la quiete e tranquillità tua e de' tuoi, (...)*. ALBERTI, L. B. p. 117-118.

¹¹⁰ BRUCKER, Gene A. *Florentine Politics and Society, 1343–1378*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1962. P. 33. HOLMES, George. How the Medici became the Pope's bankers. In: RUBINSTEIN, Nicolai (Ed.). *Florentine studies. Politics and society in Renaissance Florence*. Londres: Faber and Faber. 1968.

¹¹¹ BRUCKER, Gene A. Op. cit. p. 24.

¹¹² FOSTER, Susannah Kerr. *The Ties That Bind: Kinship Association and Marriage in the Alberti Family 1378-1428*. Ph.D. diss. Cornell University, 1985. p. 477.

entre essas famílias: um em 1393 entre Messer Jacopo di Giovanni Gianfigliazzi e Selvaggia di Marco Alberti, e outro em 1396, entre Altobianco di Niccolò Alberti e Maddalena di messer Rinaldo. De acordo com a historiadora norte-americana, o interesse maior dos Alberti no casamento não era tanto ganhar projeção política, mas consolidar as redes com as famílias de elite de Florença¹¹³.

A análise da formação de redes de alianças nos *Libri* deve considerar as proposições do autor sobre o matrimônio. Conforme o estudo de Paul Mc. Lean¹¹⁴, a aplicabilidade da noção de redes de alianças nos LDF encontra-se nas estratégias discursivas elaboradas pelo autor florentino¹¹⁵.

O discurso do florentino sobre as vicissitudes de sua família é um eixo que orienta a formação da rede de alianças em Alberti. O autor, ao tratar das formas pelas quais a família soube superar o exílio, justifica a importância da família para a sociedade florentina. No livro II, Lionardo faz referência ao banimento de seus parentes da cidade e à forma como os Alberti superaram as vicissitudes:

(...) Eu choro nosso infortúnio, e, no presente, meus irmãos, eu me aflijo ainda mais pelo fato de ver Lorenzo gravemente acamado, vosso pai, esse homem eminente pela inteligência, pela autoridade, por todas suas virtudes, esse defensor, esse excelente protetor cuja presença é necessária para vocês como para toda família Alberti, nesses tempos cruéis e duros. Ó fortuna, como tu és levada e obstinada contra nossa família! Mas nessa dor, eu observo pela minha parte o mais estimado provérbio de Epicuro; eu me lembro da grande felicidade que outrora desfrutava nossa família na sua pátria quando ela se encontrava numerosa por seus homens, abundante de bens, adornada de renome e autoridade, poderosa pela graça, favor e por suas amizades (...)¹¹⁶.

¹¹³ FOSTER, Susannah Kerr. *Ibidem*. p. 479.

¹¹⁴ D. McLean, Paul. *Op. cit.* p. 5.

¹¹⁵ Assinalamos um limite que se impõe à análise da formação de redes em Alberti. Os *Libri* não apresentam um mapeamento das relações matrimoniais da família. Se considerarmos exclusivamente os LDF, não é possível afirmar com quais famílias os Alberti estabeleceram uma rede de alianças. Por conseguinte, a reflexão teórica sobre o matrimônio deve ser acompanhada com o cruzamento de outros documentos.

¹¹⁶ *Piango la nostra sciagura, e ora tanto più adoloro, frate' miei, poiché io veggo Lorenzo vostro padre, uomo per intelletto, per autorità, per ogni virtù prestantissimo, e a voi e a tutta la famiglia nostra Alberta in questi tempi acerbi e durissimi ottimo e necessario difensore e protettore, così giacere grave. O fortuna, quanto se' contro alla famiglia nostra irata e ostinata! Ma in questo dolore seguo in me quello approbatissimo proverbio dello Epicuro; riducomi a memoria in quanta felicità già in patria la famiglia nostra godeva quando ella si trovava grande d'uomini, copiosa d'avere, ornata di fama e autorità, possente di grazie, favore e amicizie (...)*. ALBERTI, L. B. p. 108.

Lionardo lamenta a enfermidade do pai de Alberti e expõe os infortúnios do passado de sua família, a exemplo do exílio. Ao falar da atuação da fortuna, Lionardo menciona como os Alberti se beneficiaram de vantagens em Florença, por sua condição social e pelas redes de alianças (*amicizie*). Os comentários sobre a amizade são recorrentes na obra de Alberti e, portanto, corroboram com a aplicabilidade da noção de redes de alianças, para o estudo da relação da família Alberti com a sociedade florentina. Dessa forma, pretendemos demonstrar que tanto o matrimônio quanto as relações de amizade são formas de alianças sociais construídas pela família em questão.

Alberti, no livro IV¹¹⁷ dos LDF, desenvolveu uma reflexão sobre a amizade (*De amicitia*). A amizade em Alberti é uma noção que significa tanto à afeição por outras pessoas quanto às relações sociais formadas entre diversos atores e com a possibilidade de obtenção de vantagens econômicas. Quanto às relações sociais, o autor associa a amizade com as alianças formadas pela família no exílio. No início da obra, Alberti menciona as alianças de um membro da família, Piero Alberti, com membros da nobreza e com o papa João XXIII¹¹⁸:

(...) Como vocês sabem, quando nós residíamos em nossa pátria, toda minha renda e toda minha fortuna familiar consistia quase inteiramente em possessões e vivendas. Então, nesse penoso exílio que é hoje o nosso, para me defender dos rancores e das inimizades que nos privaram das honras públicas e que nos perseguiram cruelmente, julguei útil de me ligar a algum príncipe com o propósito de viver junto com mais autoridade que a de um banido, com menos medo que alguém desarmado, e com mais atenção pela minha saúde (...)¹¹⁹.

Piero Alberti relata a sua experiência de exilado e a aproximação com membros da nobreza. Piero diz que tinha boas condições econômicas e, com o exílio, ele e sua família foram

¹¹⁷ Ressaltamos que as considerações de Alberti sobre a amizade não estão restritas ao Livro IV. Em outros momentos da obra, o assunto também é mencionado.

¹¹⁸ Salientamos que as referências à aproximação de Piero Alberti com membros de elites de outras regiões da Península Itálica são feitas sem uma preocupação com a veracidade dos fatos.

¹¹⁹ (...) *Come sapete, ogni mio sussidio e fortuna familiare era, quando sedavamo in la patria nostra, quasi tutta in possessioni e ville. In questo poi nostro grave essilio, a difendermi dagli odii e inimicizia quali noi spogliarono de' publici ornamenti e troppo ci persequitavano, a me parse utile agiugnermi a qualche principe, apresso di chi io vivessi con più autorità che escluso, e con men sospetto che nudo, e con più riguardo della salute mia (...).* ALBERTI, L. B. p. 280.

privados das honras públicas (*de' publici ornamenti*). Assim, a resposta encontrada pelo membro da família Alberti ao exílio foi a formação de uma rede de alianças.

Piero faz referência às relações estabelecidas com Gian Galeazzo¹²⁰, duque de Milão, Ladislao, rei de Nápoles e o papa João XXIII¹²¹ e narra a sua experiência com esses membros das elites de outras regiões da Península Itálica. Sobre as alianças de Piero Alberti com Gian Galeazzo¹²², o relato de Piero começa a narrativa com o planejamento do seu encontro com o duque de Milão. Considerando o melhor momento para o encontro, Piero Alberti planejou se aproximar de alguém ligado ao duque¹²³. A forma pela qual Alberti tratou das estratégias de aproximação de membros de sua família com outros grupos sociais é uma importante referência à análise da aplicabilidade de redes de alianças.

Piero Alberti destaca a habilidade militar de Gian Galeazzo e cita a tentativa do duque em conquistar Florença¹²⁴. Piero também menciona a capacidade de Galeazzo em estabelecer redes de alianças:

(...) E se ocupava de administrar para seus povos a mais equitativa justiça também plenamente que ele podia, assim que assegurar aos seus a paz civil, e ele se aplicava a atar as alianças públicas e a amizade com todos os seus vizinhos, e não era ocioso em estabelecer o acordo com toda república e todo príncipe que fosse digno e nobre na Itália e fora da Itália (...). (grifo nosso)¹²⁵

¹²⁰ (...) *Cosí feci adunque; con molta industria e sollecitudine a me acquistai la grazia di tre, come sapesti, in Italia ottimi, e in tutte le genti famosissimi principi. Questi furono Gian Galeazzo duca di Melano, Ladislao re di Napoli, e Giovanni summo pontefice, a quale ciascuna impresa provai quanto il non essere più ch'io mi fussi ricco a me noceva e disturbava.* ALBERTI, L. B. p. 280.

¹²¹ A referência ao papa João XXIII (*Giovanni summo pontefice*) indica a situação de cisma na Igreja do Ocidente. João XXIII exerceu a liderança de parte da Igreja no período entre 1410 e 1415. Sobre a questão, cf. ROLLO-KOSTER, J., IZBICKI, T. (Org.) *A Companion to the Great Western Schism (1378-1417)*. Leiden: Brill, 2009.

¹²² Sobre a biografia de Gian Galeazzo, cf. BUENO DE MESQUITA, D. M. *Giangaleazzo Visconti, Duke of Milan (1351-1402)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

¹²³ *A me, per conscendere all'amicizia del principe Duca, compresi era necessario adattarmi de' suoi antichi e presso di lui pratici amici qualche uno, quasi come grado e mezzo per cui in atto modo e tempo potessi presentarmi, quando qualche ora fusse el Duca meno che l'usato occupatissimo alle pubbliche sue certo grandissime faccende (...).* ALBERTI, L. B. p. 285-286.

¹²⁴ (...) *infestando qualunque impedisse el suo corso a immortal gloria con suoi triunfi, fra' quali la nostra repubblica fiorentina sentí quanto fusson grandissime sue forze a fermo imperio.* ALBERTI, L. B. p. 286. Maximo Castro afirma que Galeazzo tinha o interesse pela conquista de Florença. Em 1399, o Duque de Milão inicia um projeto expansionista, com a conquista de diversas regiões italianas (Pisa, Siena, Pérúsia, Assis, Spoleto, Nocera e Bolonha. Cf. CASTRO, Maxime. Op. cit. p. 411.

¹²⁵ (...) *Ed era suo essercizio in amministrare a' popoli suoi quanto in lui fusse iustizia interissima, e mantenere a' suoi domestica pace; ed era studio suo contraere publica societá e amicizia con tutti e' suoi finittimi, né era ozioso*

Quando o membro da família Alberti reconhece as qualidades de alguém que não faz parte da república de Florença, podemos afirmar que L. B. Alberti direciona uma crítica aos oponentes de sua família. Enquanto Galeazzo assegura a paz de seu território, os líderes de Florença não são capazes de manter a paz entre os diversos setores políticos da sociedade. As qualidades de Galeazzo também justificam o interesse da família Alberti pela formação de uma relação de amizade. Nessa perspectiva, Piero mostra o apreço pelo duque e faz com que outros membros de sua família também se aproximem do líder de Milão. Vejamos o que Piero Alberti diz:

(...) Vendo que isso era possível, eu intervim com o propósito de que outros membros da família Alberti que aí se encontravam soubessem o tanto quanto eu da liberalidade e da magnificência do Duque. Porque vocês sabem bem que é o dever de cada um de nós ser útil, cada vez que nós o podemos, para a honra e a fortuna dos outros. E as amizades dos príncipes, em particular, devem ser adquiridas e empregadas para expandir e aumentar o nome, a boa fama, a digna autoridade e o louvor dos seus e de sua família.¹²⁶

A articulação de Piero para que outros parentes se aproximassem de Galeazzo é o indicativo de que L. B. Alberti, por meio dos *Libri della Famiglia*, tratou da formação de redes alianças. Nos *Libri*, os comentários sobre a amizade reforçam a intenção do autor pela construção de uma memória exemplar da família Alberti, pois as alianças devem promover “o nome, a boa fama, a digna autoridade e o louvor”.¹²⁷

Após a fala de Piero, Lionardo concorda com o que foi dito por seu parente. O interlocutor de Piero considera oportuno o modo como seu parente se aproveitou de Francesco Barbavaro, com o objetivo de se aproximar do Duque de Milão. Lionardo comenta: “Vosso

in iungere benivolentia con qualunque degna fusse e nobile republica e principe in Italia e fuori di Italia (...). ALBERTI, L. B. 286.

¹²⁶ (...) *Vidi così potere, però me interpuosi che gli altri miei, quali sé ivi trovarono Alberti, sentissero quale io in sé pari dal Duca liberalità e munificenza. Ché ben sapete a noi sta debito in qualunque possiamo cose essere utili l'uno allo onore e fortuna dell'altro. E le amicizie de' principi massime si voglion acquistare e aoperare per accrescere e amplificare a' suoi e alla famiglia sua nome e buona fama e degna autorità e laude.* ALBERTI, L. B. p. 289.

¹²⁷ “*sua nome e buona fama e degna autorità e laude*”. ALBERTI, L. B. p. 289.

conselho, Piero, foi prudente e louvável. É uma sábia sentença afirmar que para unir duas pessoas e as manter juntas, é preciso uma terceira pessoa entre elas”.¹²⁸ Essa fala de Lionardo favorece uma compreensão dos mecanismos de formação de uma rede de alianças. Para a constituição de uma rede, a mediação deve ser levada em consideração. Para que os indivíduos alcancem seus objetivos, eles podem se valer dos contatos intermediários. Por sua vez, o indivíduo que conseguiu formar uma aliança pode auxiliar no processo de intermediação para a formação de novas redes.

Com a morte de Galeazzo, Piero procura formar uma nova aliança com o rei de Nápoles, Ladislao¹²⁹. O membro da família Alberti apresenta outra forma de aproximação com o rei. Enquanto a amizade com o Duque de Milão dependeu da mediação de Barbavaro, Piero decide se aproximar de Ladislao sem o auxílio de terceiros¹³⁰.

Piero Alberti narra que se apresentou ao rei, quando este estava realizando uma caçada. A principal discussão entre a amizade entre o parente de L. B. Alberti e o rei de Nápoles é a defesa da pátria. Nesse sentido, Piero conversa com Lionardo sobre como as atividades de caça apresentariam vantagens na preparação de seus parentes para a defesa do território¹³¹. Piero é breve, ao comentar sobre a importância da caça para a manutenção da paz e das relações de amizade, mas reforça sua proximidade com Ladislao:

É porque, com uma grande vigilância, com assiduidade e atenção, pela prática dos exercícios os mais honestos e os mais agradáveis, com todas as atenções em meus propósitos e com uma digna medida em cada um de meus gestos, eu me aplicava a manter o favor e a benevolência do rei Ladislao (...).¹³²

¹²⁸ *Prudente consiglio, Piero, fu el vostro e da lodarlo. Sentenza de' dotti, quanto afermano che a congiungere e contenere insieme due, bisogna ivi mezzo sai qualche terzo (...)*. ALBERTI, L. B. p. 289.

¹²⁹ Maxime Castro afirma que o rei de Nápoles entrou em conflito com Florença e o papa. Para informações biográficas sobre Ladislao, cf. CASTRO, Maxime. Op. cit. p. 411.

¹³⁰ *Morto el Duca, mi trasferetti a Ladislao re de' Napolitani, omo ch'era di natura, piú alquanto che aperto di costumi, vita ed eloquenza, piú atto all'imperio d'arme che alla gravità e maturità de' consigli. E costui giuns'io a farmegli noto e amico senza altro alcuno che me solo interprete (...)*. ALBERTI, L.B. p. 291.

¹³¹ *Siano, come tu di', l'arti da superare e vincere l'inimico atte a' ragionamenti nostri della amicizia, e sieno le cacce, come dissi, utile a' principi tanto quanto di queste cose altrove si racconterà, qui a me ora pare da preterirle (...)*. ALBERTI, L. B. p. 294.

¹³² *Però io con molta vigilanza, assiduità e osservanza, con onestissimi e iocundissimi essercizii, con ogni riguardo in favellare e degna moderazion d'ogni mio gesto, curava mantenermi la grazia e benivolenza di Ladislao re (...)*. ALBERTI, L. B. p. 296.

As narrativas de Piero Alberti sobre a amizade com Gian Galeazzo e Ladislao devem ser vistas a partir do interesse de L. B. Alberti em elaborar uma narrativa sobre a importância de sua família para a cidade de Florença. Por meio da noção de amizade, o autor se preocupa em indicar a aproximação de seus parentes de pessoas importantes da Itália e da manutenção da honra da família, conforme observou Paul McLean¹³³.

As adversidades, por conta do exílio, não impediram que a família estabelecesse redes de alianças no exterior. No entanto, Maurice Aymard¹³⁴ pondera sobre os elementos que justificam a formação de uma rede de alianças, por parte da família Alberti. O historiador, embora considere importante o exílio da família para as alianças políticas, destaca as atividades econômicas desempenhadas pela família em estudo na constituição de novas redes sociais¹³⁵.

A discussão sobre o encontro de Piero com o (anti) papa de Bolonha parte de um problema econômico. Após a morte de Ladislao, o papa pede uma grande quantidade de dinheiro aos membros dos Alberti que estavam próximos à corte do rei de Nápoles¹³⁶. Na conversa com o papa, Piero procura saber o motivo para o pedido e percebe que o papa estava interessado apenas na riqueza de sua família e não na formação dos vínculos de amizade. Piero diz:

Ele começou a me amar, eu creio que por toda a riqueza que ele viu em nossa família, se bem que ele se tinha persuadido de que eu era um homem generoso e aberto – como eu o dei a ver, de onde ele poderia tirar o lucro e um ganho importante.¹³⁷

¹³³ D. McLean, Paul. Op. cit.

¹³⁴ AYMARD, Maurice. Op. cit. p. 136.

¹³⁵ Maurice Aymard afirma: “En dehors même de tout exil politique forcé, la mobilité nécessaire aux affaires contrainst les Alberti à répéter à chaque fois l’aventure de l’insertion dans un milieu nouveau, et de l’établissement de **nouveaux liens sociaux**, tout en affirmant d’autant plus fortement encore les solidarités de la Casa” (grifo nosso). AYMARD, Maurice. Ibidem. p. 136.

¹³⁶ *Quale morto, Ioanni papa in Bologna, instigato da' nostri inimici, chiese che fra di non più che otto, e' nostri Alberti ivi in corte a lui facessero prestì per danari depositi a' nostri in Londra, quella somma grandissima, quale tu Ricciardo, prima che né egli chiedea, né uomo altro stimava si potessi, subito in gran parte da Vinegia rimessati per Lorenzo tuo fratello, gli anoverasti; somma incredibile e non prima a' di nostri in uno solo monte apresso di privato alcuno cittadino veduta, ché furono più che mille volte ottanta monete d'oro.* ALBERTI, L. B. p. 296.

¹³⁷ (...) *Cominciommi ad amare, credo per tanta ricchezza quanta e' vedea in la famiglia nostra, ond'e' a sé stessi persuadea fussi omo, quanto io me gli mostrai, largo e aperto potere valersene utile e molto emolumento (...).* ALBERTI, L. B. p. 297.

A ganância¹³⁸ do papa João é a característica que impede a amizade entre a família Alberti e o pontífice. Através da narrativa sobre a obtenção de vantagens econômicas de forma indevida, L. B. Alberti esclarece a relação entre a amizade e a economia. Os Alberti são conhecidos pelo estabelecimento de diversos postos comerciais e pelo reconhecimento, como é o caso do pontífice, do sucesso de seus empreendimentos. Desse modo, a noção de redes de alianças deve considerar a situação de exílio da família, pois os Alberti procuraram formar alianças mesmo quando foram expulsos de Florença, e a procura do grupo familiar pelo desenvolvimento dos negócios econômicos.

Por meio de três narrativas sobre a amizade, Piero apresenta modelos de boas e más alianças. As relações de amizade com Galeazzo e Ladislao são consideradas boas, por tratar da manutenção da paz e da reciprocidade entre os líderes políticos e os membros da família Alberti. Por outro lado, a cupidez do papa João é o eixo da narração que possibilita a discussão sobre as alianças que não são vantajosas, por conta de um interesse unilateral.

A discussão sobre o exílio da família oferece a vantagem de possibilitar uma investigação sobre a aplicabilidade da noção de redes de alianças nos *Libri*. Os diálogos entre os parentes do autor sobre o casamento ou a amizade estavam articulados com o interesse de Alberti em indicar seu pertencimento aos setores sociais contrários à política oligárquica dos Albizzi e contribuir para a construção de uma memória dignificante de sua família.

Em 1428, os conselhos do povo e da comuna anulam as deliberações sobre o exílio da família Alberti¹³⁹. Com a volta dos Alberti para a cidade de Florença, novas redes de alianças

¹³⁸ *Erano in lui alcuni vizii, e in prima quello uno quasi in tutti e' preti commune e notissimo: era cupidissimo del danaio tanto, che ogni cosa apresso di lui era da vendere; molti discorreano infami simoniaci, barattieri e artefici d'ogni falsità e fraude (...).* ALBERTI, L. B. p. 297.

¹³⁹ *Item. Tertio provisionem suprascriptam, deliberatam et factam in dicto consilio populi dicto die, continentem conclusionem pro revocatione quorundam ordinamentorum in favorem familie de Albertis, ut possint redire et habitare in civitate Florentie, et eius comitatu et districtu, que incipit Penam insonti datam etc* (grifo nosso). PASSERINI, Luigi. Op. cit. p. 385.

serão formadas e, por conseguinte, contribuirão para o início do governo dos Médici no poder comunal¹⁴⁰ e para novas relações entre as companhias mercantis da época¹⁴¹.

Em nosso trabalho, a noção de redes de alianças permitiu o mapeamento das diversas formas de relações sociais apresentadas por L. B. Alberti, a exemplo dos casamentos e das alianças com membros de elite de outras regiões da Península Itálica. As redes assinalam as diferentes possibilidades de interação social¹⁴². A rede formada pelos casamentos da família Alberti estabelece relações com as alianças políticas e, por sua vez, essas alianças podem se vincular às redes formadas pelas relações econômicas (a rede de postos comerciais da família Alberti, por exemplo). John Padgett e Paul D. McLean¹⁴³ atentam para o fato de que as redes não devem ser consideradas como elementos estáticos e limitadas por um campo específico. Nessa perspectiva, conforme a análise de Padgett e McLean¹⁴⁴, as redes não limitam as múltiplas possibilidades de interação dos atores sociais.

Maurice Aymard¹⁴⁵, em seu estudo sobre a noção de amizade nos *Libri*, destacou de que modo as atividades econômicas realizadas pela família no período do exílio favoreceram a constituição de novas relações sociais. Conforme a análise feita anteriormente, as alianças sociais dos Alberti podem ser identificadas por meio dos casamentos, daí a necessidade de relacionarmos a lista de casamentos da família com as proposições sobre o matrimônio contidas nos LDF, e por meio da discussão sobre a relações de amizade também contida na obra de Alberti. Essas relações sociais favorecem a formação de alianças econômicas. Nesse sentido, consideramos oportuno analisar, na próxima parte, como a família Alberti participou das atividades mercantis em Florença e em outras partes da Europa.

¹⁴⁰ Cf. RUBINSTEIN, Nicolai. *The Government of Florence Under the Medici (1434-1494)*. Oxford: Clarendon Press, 1997.

¹⁴¹ Cf. GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit.

¹⁴² Como assentou Paul D. McLean, a rede é um processo e, portanto, está em constante adaptação. Cf. D. McLean, Op. cit. p.

¹⁴³ PADGETT, John F.; D. MCLEAN, Paul. Op. cit. p. 1468.

¹⁴⁴ PADGETT, John F.; D. MCLEAN, Paul. Ibidem. p. 1470.

¹⁴⁵ AYMARD, Maurice. Op. cit. p. 136.

1.3 – As alianças nas atividades mercantis: a Companhia dos Alberti

Nos *LDF*, podemos perceber como a família Alberti estabeleceu diversos postos comerciais, no período em que os parentes de Alberti foram exilados. Nessa perspectiva, analisaremos a rede econômica da Companhia Alberti na Península Itálica e em outras regiões do Mediterrâneo. Destacamos que a parte possibilita uma discussão sobre a relação entre as dimensões micro (familiar) e macro (a sociedade florentina) da economia albertiana. Em outras palavras, a parte tenta demonstrar como as atividades econômicas dos Alberti servem de chave analítica para a compreensão do conceito de economia nos *Livros da Família*.

Em diversas passagens dos *Libri*, encontramos referências aos postos comerciais da família no exterior¹⁴⁶. Assim, podemos mapear os postos comerciais dos Alberti na Península Itálica (a exemplo de Veneza, Gênova, Bolonha e Roma) e em outros lugares da Europa (Ponente, Londres, Bruges, Colônia, Paris, Vignone, Valência e Barcelona).

Os diversos postos comerciais dos Alberti dão uma dimensão da organização das atividades econômicas lideradas pela família florentina. Essa dimensão reside, sobretudo, na amplitude da rede econômica. Um dos motivos que explicam a complexidade dos negócios da família Alberti é a formação de uma companhia¹⁴⁷ dedicada ao comércio de lã.

Sergio Tognetti¹⁴⁸ afirma que a companhia (*compagnia*) foi uma nova forma de organização dos negócios que se desenvolveu na Toscana, no início do século XIII. A

¹⁴⁶ (...) *E le condizione de' tempi, nostra infelicità, tengono dispersa e disseminata la nostra famiglia Alberta, come vedi, parte in Ponente, a Londra, Bruggia, Cologna, pochi in Italia, a Vinegia, a Genova, a Bologna, in Roma alcuni, e in Francia non pochi sono a Vignone e a Parigi, e così per le Ispagne, a Valenza e a Barzalona, ne' quali tutti luoghi e' nostri Alberti sono più anni stati interissimi e onoratissimi mercatanti* (grifo nosso). ALBERTI, L. B. p. 88.

¹⁴⁷ Sobre as companhias florentinas, cf. TOGNETTI, Sergio. Le compagnie mercantili-bancarie toscane e i mercati finanziari europei tra metà XIII e metà XVI secolo. In: *Archivio Storico Italiano*. n. 646. Florença: Leo S. Oshcki Editore. 2015.

¹⁴⁸ TOGNETTI, Sergio. Ibidem. p. 692.

companhia, geralmente, era formada por membros de uma mesma família e um contrato notarial oficializava os nomes dos sócios e as regras da sociedade¹⁴⁹. Nesse sentido, um contrato¹⁵⁰ de 1322 menciona os membros da família Alberti que formaram uma companhia e descreve os valores investidos por seus membros na sociedade. Por meio do contrato de 1322, percebemos que a rede comercial era formada por diferentes ramificações de uma mesma família (“Alberto e Neri di messer Iachopo del Giudice, e Charoccio e Duccio di Lapo del Giudice, e messer¹⁵¹ Angnolo di Neri, e Iachopo e Nerozzo e Francescho d'Alberto, e Francescho di Neri”)¹⁵². Assim, a noção de família aqui deve ser entendida em seu termo amplo, como destacou Tognetti, considerando os indivíduos que pertencem ao mesmo meio social ou que possuem certa proximidade, a exemplo de membros da família que sejam de diferentes gerações ou que pertencem às diversas ramificações da mesma família, conforme indicamos acima ¹⁵³.

De acordo com De Roover¹⁵⁴, os Alberti iniciaram suas atividades comerciais com a venda de roupas de origem flamenga pela Itália. Essas roupas eram adquiridas pela companhia Alberti nas feiras de Champagne e, posteriormente, vendidas em diversas cidades da Península¹⁵⁵. Para a realização dos negócios, os Alberti contaram com o auxílio da *Arte de Calimala*, uma *guilda* que se dedicava a venda de roupas importadas¹⁵⁶. No entanto, a

¹⁴⁹ TOGNETTI, Sergio. Ibidem. p. 693.

¹⁵⁰ *Al nome di messer Domene Dio e della Vergene Madonna Santa Maria, e di tutti santi e sante di Paradiso. Noi Alberto e Neri di messer Iachopo del Giudice, e Charoccio e Duccio di Lapo del Giudice, e messer Angnolo di Neri, e Iachopo e Nerozzo e Francescho d'Alberto, e Francescho di Neri siamo in chomchordia e facciamo chompamgnia, la quale chomincia nel mome di Dio in kalendi genaio anni mille trecento ventidue (1323, secondo lo stile comune) in questo modo, chome diremo apresso. Contratto di società mercantile fra varii della consortereria degli Alberti, stipulato nel 1322. PASSERINI, Luigi. Op. cit. p. 14-15.*

¹⁵¹ *Messer* foi um título de dignidade dado, geralmente, aos juizes e notários. No entanto, o título também foi empregado como forma de respeito para membros da elite ou para santos. Cf. Messère. In: Treccani. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/messere/>. Acesso em 05/10/2020.

¹⁵² PASSERINI, Luigi. Ibidem. p. 14-15.

¹⁵³ TOGNETTI, Sergio. Ibidem. p. 693.

¹⁵⁴ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 20.

¹⁵⁵ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 20.

¹⁵⁶ O historiador Richard Goldthwaite destaca que, na segunda metade do século XIII, as roupas produzidas em Florença eram de baixa qualidade. Goldthwaite afirma que o preço de venda das melhores roupas feitas em Florença era muito inferior às produzidas no Noroeste da Europa. GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 270.

companhia dos Alberti não se destacou pela venda de roupas importadas, mas pela comercialização de lã.

Segundo Goldthwaite¹⁵⁷, o desempenho satisfatório de Florença no comércio lanífero pode ser explicado pela concorrência com os produtos de luxo originados no noroeste da Europa. O historiador¹⁵⁸ chama atenção para as características geográficas da cidade. A bacia hidrográfica do rio Arno possibilitou o aproveitamento da água para a criação das ovelhas e obtenção da matéria prima e a realização do comércio de lã nas cidades banhadas pelo rio.

Apesar da importância de Florença para o comércio internacional de lã entre os séculos XIV e XV, outras cidades da Toscana também estavam envolvidas nas atividades de fabricação de roupas de lã (a exemplo de Prato e Pisa). Outro polo de produção lanífera na Península Itálica era a região da Lombardia, com destaque para a cidade de Milão¹⁵⁹. Ressaltamos que a produção de tecidos de seda também fazia parte do comércio de têxteis dos mercadores florentinos. No final do século XIV e início do XV, a produção de seda em Florença teve um importante crescimento¹⁶⁰.

A produção de lã envolvia a obtenção de matéria prima e o tratamento dos fios na técnica de tecelagem. Para a organização da produção lanífera, os florentinos formaram associações¹⁶¹ que regulavam as etapas do trabalho e realizavam a venda do produto. Assim, os aspectos geográficos do rio Arno e as ações das associações florentinas explicam, na perspectiva do historiador norte-americano, o sucesso de Florença no comércio em larga escala.

¹⁵⁷ GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 265-266.

¹⁵⁸ GOLDTHWAITE, Richard. Ibidem. p. 266.

¹⁵⁹ A obra de Epstein analisa o desenvolvimento do comércio lanífero na Península Itálica. Cf. EPSTEIN, S. R. **Freedom and Growth. The rise of states and markets in Europe, 1300-1750**. New York: Routledge, 2001.

¹⁶⁰ Para uma discussão sobre a produção de tecidos de seda em Florença, cf. GOLDTHWAITE, Richard. Ibidem. TOGNETTI, Sergio. Op. cit. 2015.

¹⁶¹ Goldthwaite apresenta quatro tipos de associações do comércio lanífero em Florença: as sociedades, as guildas, o sistema *putting-out* e as redes internacionais de comércio e banco lideradas pelos mercadores florentinos. GOLDTHWAITE, Richard. Ibidem. p. 267.

A *Arte della Lana*¹⁶² era a instituição responsável pela organização do comércio lanífero, com grande notoriedade na primeira metade do século XIV, por conta do aumento da produção¹⁶³. A *Arte della Lana* tinha uma sede localizada no centro de Florença, no antigo Palazzo de Compiobbesi¹⁶⁴ e controlava a venda de bolsas, meias e gorros (*borselle, calze e chapelline*)¹⁶⁵. Apesar da importância do comércio de roupas de lã, a cidade de Florença reunia outras organizações dedicadas ao comércio de produtos têxteis, a exemplo da *Arte de Por Santa Maria* (venda de produtos de seda) e *Arte dei rigattieri e linaiuoli* (venda de tecidos para itens de cama e cozinha)¹⁶⁶. O número de investidores, associações e trabalhadores sinaliza a complexidade do comércio de têxteis em Florença. Se analisarmos apenas os números da *Arte della Lana*, teremos uma dimensão da importância do comércio de tecidos em Florença. Segundo John Najemy, a guilda de lã tinha em torno de 600 e 700 investidores, 200 e 300 associações e 10000 trabalhadores de diversas fases da produção¹⁶⁷.

Ao longo do processo de fabricação e venda de roupas de lã, proprietários, representantes dos proprietários, trabalhadores assalariados e fiandeiros tinham funções específicas¹⁶⁸. Os proprietários eram responsáveis por acompanhar o processo de produção¹⁶⁹,

¹⁶² No início do século XIV, outras corporações participavam das atividades econômicas de Florença. Cada guilda era responsável por uma atividade específica, conforme pontuou Sergio Tognetti: *Arte di Por Santa Maria* (comércio de seda), *Arte de Calimala* (venda de roupas importadas), *Arte de Cambio* (atividades bancárias), *Arte de Medici e Speziali* (formada por médicos e apotecários), *Arte de Giudici e Notai* (juizes e notários) e *Arte de Vaiai e pellicciai* (peleiros). Essas corporações, incluindo a *Arte della Lana*, formavam as *Arti Maggiori*. Esse quadro foi extraído de TOGNETTI, Sergio. The development of the Florentine silk industry: a positive response to the crisis of the fourteenth century. In: *Reti Medievali Rivista*, v. 2004/2, Florença: Firenze University Press. 2004. p. 5.

¹⁶³ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 23. De Roover afirma que a ascensão da *Arte della Lana* ocorreu no mesmo período de crise da *Arte de Calimala*.

¹⁶⁴ FRICK, Carole Collier. *Dressing Renaissance Florence: Families, Fortunes, and Fine Clothing*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002. p. 15.

¹⁶⁵ FRICK, Carole Collier. Op.cit. p. 36-37.

¹⁶⁶ FRICK, Carole Collier. Op. cit. p. 37.

¹⁶⁷ NAJEMY, John. *A history of Florence. 1200-1575*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006. p. 100.

¹⁶⁸ NAJEMY, John. *Ibidem*. p. 103.

¹⁶⁹ A comercialização dos tecidos de lã envolvia diversas etapas. De acordo com Najemy, a primeira etapa era a de limpeza, seleção e penteação da lã. Posteriormente, a lã selecionada era enviada aos fiandeiros e fiandeiras que tinham a responsabilidade de produção das roupas ou outros tecidos. A última etapa do trabalho consistia no recebimento das roupas feitas pelos fiandeiros e na realização do ato de compra e venda. NAJEMY, John. *Ibidem*. p. 103.

enviar os representantes para pagamento das roupas feitas por fiandeiros e fiandeiras e executar o ato de compra e venda. Geralmente, os responsáveis por uma sociedade (companhia) de lã eram membros de uma mesma família, como foi o caso da Companhia Alberti. Todavia, precisamos fazer algumas ponderações quando relacionamos uma família com o protagonismo de uma associação comercial. Edwin S. Hunt¹⁷⁰, em um estudo da Companhia Peruzzi, chamou atenção para o fato de que algumas associações eram compostas de membros de uma mesma linhagem familiar e de sócios de outras famílias. Hunt também alertou para o reducionismo em considerar que todos os membros de uma família se dedicavam exclusivamente às atividades econômicas¹⁷¹. Os membros de uma família detentora de uma companhia podiam seguir diferentes carreiras. L. B. Alberti, por exemplo, foi escritor e trabalhou para a cúria pontifícia¹⁷² e, portanto, nunca participou das atividades da associação comercial de sua família.

A análise de Hunt nos parece válida, na medida em que mostra a particularidade da noção de família na Florença do século XIV e atenta para o fato de que, em uma família que tinha uma companhia, os membros que ocupavam outros espaços profissionais não anulavam as redes de solidariedade construídas pelo grupo familiar¹⁷³. Pelo contrário, a participação em cargos políticos ou eclesiásticos, por exemplo, podiam reforçar a honra de uma família¹⁷⁴.

Na Florença do século XV, a cooperação econômica podia acontecer de diferentes níveis: associação (companhia), as *arti* e a *mercanzia*. Em uma companhia, o número de sócios era limitado. As corporações (*arti*), por sua vez, agregavam diversas sociedades e defendiam seus interesses econômicos. No início do século XIV, os membros das cinco maiores corporações (*Calimala, Cambio, Lana, Por Santa Maria e Medici*) criaram a *mercanzia*, com

¹⁷⁰ HUNT, Edwin S. **The Medieval Super-Companies. A study of the Peruzzi company of Florence.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 11-13.

¹⁷¹ HUNT, Edwin S. *Op cit.* p. 13.

¹⁷² L.B. Alberti desempenhou cargos na Cúria Romana, no pontificado de Nicolau V e Pio II. PASSERINI, Luigi. **Gli Alberti di Firenze.** vol. 1. Florença: tip. M. Cellini e C., 1869. p. 135. A relação entre Alberti e a companhia de sua família será discutida na próxima parte.

¹⁷³ HUNT, Edwin S. *Op. cit.* p. 12.

¹⁷⁴ HUNT, Edwin S. *Ibidem.* p. 13.

o objetivo de protegerem seus interesses econômicos, considerando as atividades econômicas e bancária de larga escala¹⁷⁵.

A companhia Alberti, por participar de uma rede internacional de venda de roupas de lã, estava inserida na *universitas mercatorum*¹⁷⁶ (universalidade dos mercados). Como já mencionamos anteriormente, os *Libri* nos dão informações sobre as localidades dos postos comerciais da companhia. No entanto, para a análise das redes econômicas dos Alberti, outras fontes também devem ser levadas em consideração, a exemplo dos registros contábeis, os documentos sobre o exílio e os testamentos de membros da família Alberti.

Os registros contábeis da companhia¹⁷⁷ Alberti são documentos que propiciam a percepção de como a companhia estabeleceu uma rede de negócios. As demonstrações contábeis apresentam os postos comerciais da família Alberti e a junção dos ativos dos agentes que se encontravam em diferentes lugares. A soma dos ativos mostra que a companhia funcionava a partir da união dos seus sócios. O lucro de um sócio não dependia apenas do sucesso ou insucesso em suas atividades econômicas, mas também da cooperação de seus agentes. Vejamos os ativos da demonstração contábil de 1327-1329:

Tabela 2: Ativos da companhia Alberti – 1/11/1327 – 1/11/1329¹⁷⁸.

Ativos			
Dinheiro e bens nas mãos dos sócios no exterior			
	£	s.	d.
Flandres	20.100	0	0
Avinhão (Corte de Roma)	13.540	0	0

¹⁷⁵ NAJEMY, John. Op. cit. p. 109-110.

¹⁷⁶ NAJEMY, John. Op. cit. p. 110, 112.

¹⁷⁷ As informações sobre os registros contábeis da família Alberti podem ser encontradas na documentação reunida por Armando Sapori, em *I libri degli Alberti del Giudice*.

¹⁷⁸ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 59. Os dados contidos em De Roover foram extraídos da documentação organizada por Armando Sapori.

Veneza	5.907	0	0
Subtotal	39.547	0	0
Posto administrado por Francesco, filho de Alberto	4.700	0	0
Recebidos	14.285	12	4
Bens armazenados	4.928	13	0
Dinheiro em caixa	161	7	0
Subtotal	63.622	12	4

A divisão dos lucros da companhia Alberti era feita a partir do valor investido por cada sócio. Quanto maior o valor investido na companhia, maior a participação nos lucros. No demonstrativo de 1327-1329¹⁷⁹, Caroccio e seus irmãos receberam 3.250 *florini* de lucro, enquanto Jacopo, Nerozzo e Francesco receberam 325 *florini*. Na situação em análise, Caroccio recebeu a maior parte da divisão dos lucros, por ter investido 10 ações. Essa forma de divisão dos lucros constitui uma forma de percepção da importância dos indivíduos na formação da rede econômica. Nesse sentido, as transformações de uma rede econômica acompanham as ações individuais dos sócios.

A sofisticação das atividades econômicas desenvolvidas pela companhia Alberti pode ser observada através da análise dos registros contábeis. Conforme observamos anteriormente, os balanços da companhia Alberti fornecem os dados sobre os ativos, os passivos (despesas da companhia com pagamentos e dívidas¹⁸⁰, por exemplo) e a divisão dos lucros. Os cálculos econômicos realizados pela companhia expressam o aperfeiçoamento das práticas mercantis. Nesse sentido, o registro das atividades econômicas foi uma forma eficaz de administração da companhia. Raymond de Roover diz que as ações coordenadas dos Alberti impediram a situação de falência da associação, ao mesmo tempo em que aponta para a falta de coesão entre os sócios das companhias Peruzzi e Bardi¹⁸¹.

¹⁷⁹ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 59.

¹⁸⁰ Nos registros de 1327-1329, consta o valor de uma dívida da companhia Alberti a um sócio, Marco Bonsignori.

¹⁸¹ DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 50. Para um estudo aprofundado sobre a falência da companhia Peruzzi, cf. HUNT, Edwin S. Op. cit.

Os interesses particulares dos sócios foram um fator importante para rupturas entre membros de uma mesma companhia e a formação de novas redes. Em 1347, Caroccio, com o auxílio de seus filhos, forma uma nova associação. A fundação de uma companhia, por parte de Caroccio de Lapo, provocou rivalidades entre os *Alberti antichi*, liderado por Jacopo d'Alberto, e os *Alberti nuovi*, sob a administração de Caroccio¹⁸². Por volta de 1372, Niccolò di Jacopo e Benedetto di Nerozzo formaram duas companhias independentes e, por consequência, provocaram rupturas na Companhia dos Alberti *antichi*. De Roover¹⁸³, apoiado nos escritos de Francesco Datini, mapeia três companhias dos Alberti presentes em Bruges, na rede internacional de comércio do início do século XV. Uma dessas companhias localizadas por De Roover é de Ricciardo degli Alberti, filho de Benedetto. De Roover afirma a possibilidade de Lorenzo, o pai de Leon Battista Alberti, ter pertencido à companhia do irmão. Essa companhia disputava, por interesses econômicos, com os Alberti *antichi*. O mapeamento feito por De Roover indica como as linhagens da família Alberti podiam estabelecer alianças ou disputas, a depender dos interesses de seus sócios.

A partir de 1347, as redes econômicas das companhias Alberti podiam ser dadas entre os sócios de cada companhia ou da relação entre companhias ou membros de outras famílias florentinas. Em uma declaração¹⁸⁴ de 13 de janeiro de 1396 sobre o aluguel de três navios de Luca del Biondo, escrita por Aliso Alberti, encontramos a formação de uma rede entre diversas famílias de mercadores. A companhia de Diamante e Altobianco confirma a locação dos navios de Luca del Biondo realizada por outras companhias florentinas¹⁸⁵, para o comércio de lã e de roupas. Da mesma forma, os Alberti de Bruges atestam a locação dos navios de del Biondo,

¹⁸² DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 31.

¹⁸³ De ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 32. As informações sobre a formação de novas companhias, por membros da família Alberti, foram colhidas do texto de Raymond de Roover.

¹⁸⁴ BENZA, Enrico. *Francesco di Marco da Prato: notizie e documenti della mercatura italiana del secolo XIV*. Milão, Treves, 1928. p. 377-378.

¹⁸⁵ *Noi Diamante e Altobiano degli Alberti e compagni facciamo fede e voi Niccolò degli Amannati e a Tano di Ghinozzo e compagni e a voi Giovannozzo Biliotti e compagni e a voi Andrea di Banco e compagni, come Francesco d'in Arli, quando pell'adrieto fecce colla sua compagnia noleggio a Luca del Biondo in sulle 3 navi, ch'egli condusse l'anno passato, (...)*. BENZA, Enrico. Op. cit. p. 377.

para o transporte de mercadorias dos Alberti que se encontravam na Inglaterra¹⁸⁶. Por sua vez, o relato de Aliso Alberti afirma que outra companhia (*Luigi e Salvestro Mani e compagni*) comprovou o contrato entre os Alberti da Inglaterra e Luca del Biondo. Na declaração, ficou estabelecido o valor do pagamento do aluguel por cada saco de lã (seis *fiorini*) e de roupa (oito *fiorini*)¹⁸⁷. Através da declaração de um membro da companhia Alberti que se encontrava em Bruges, podemos encontrar uma rede econômica formada entre as companhias florentinas.

O transporte das cargas e a necessidade de contatos entre os postos comerciais justificam a necessidade das alianças entre as companhias. Diamante Alberti, por exemplo, contou com o auxílio de Nicolô Bragadini e Cristofano di Bartolo, para o transporte de roupas de Bruges para Barcelona e Maiorca. Em uma carta¹⁸⁸ datada de 1400 sobre o envio de mercadorias, Diamante Alberti avisa que enviou uma carga de roupas pela galera de Nicolô Bragadini e pede para que o destinatário se certifique da quantidade de roupas recebida e entregue aos mercadores que se encontravam em Barcelona, Nicolaio degli Alberti e Filippo Soldani¹⁸⁹. O envio de roupas para o posto comercial de Filippo Soldani sugere que o mercador tinha ligações com a companhia de Diamante e Altobianco e corrobora com a percepção de que uma companhia, em seu quadro de sócios, não se limitava aos membros de uma mesma família. A carta enviada por Diamante nos permite perceber que o envio de mercadorias necessitava do auxílio de outras companhias dedicadas ao comércio de roupas.

¹⁸⁶ *Noi Biondo degli Alberti e compagni dimoranti in Brugia facciamo fede a voi sopradetti o a chi appartenesse tutta la roba che i nostri d'Inghilterra caricarono in sulle ter navi condusse Lucca del Biondo, le nolegiamo al detto Lucca colli detti patto e condizioni che di sopra si dicie, e per chiarezza di ciò ci sottoscriviamo qui a piè di mano di me Nerozzo degli Alberti, di VIII di gennaio anno 1396.* BENZA, Enrico. Op. cit. 378.

¹⁸⁷ *Noi Luigi e Selvestro Mani e compagni facciamo fede de le soscite cose e io Giuliano di Simone compagno de' detti, fui quello nolegiai al detto Luca del Biondo tuta la roba che' nostri di Londra caricarono in sudette navi in Ghilterra a fr. VI il sacco de la lana e fr. VIII il sacco de' panni (...)* BENZA, Enrico. Op. cit. p. 378.

¹⁸⁸ *Noi abbiamo carico in sulla galea di Ser Nicôlo Bragadini una balla di panni 6 segnata così (marca). Quando le galee sono costî fate d'averla e la mandate a Barzalona a Nicolaio degli Alberti e Filippo Soldani.* BENZA, Enrico. Op. cit. p. 386.

¹⁸⁹ De Roover, por exemplo, indica que, por volta de 1400, a companhia de Niccolao degli Alberti se associou com Filippo Soldani. Não temos informações detalhadas sobre as conexões entre Soldani e os Alberti. No entanto, parece-nos relevante apresentar referências dessas redes na historiografia da economia florentina e na carta de 1410. DE ROOVER, Raymond. Op. cit. p. 32.

A carta de Diamante faz referência às conexões entre os postos da companhia: Bruges, Barcelona e Maiorca¹⁹⁰. As redes construídas pelas companhias dos Alberti, considerando os postos comerciais no exterior, contribuíram para o sucesso de Florença no comércio internacional. O conceito de rede foi utilizado pelo historiador Richard Goldthwaite¹⁹¹ para explicar as razões pelas quais Florença se destacou no comércio em larga escala. Nessa perspectiva, o comércio têxtil é um dos elementos analisados por Goldthwaite, em seu estudo sobre a noção de rede para a economia florentina. O historiador norte-americano comenta sobre as exportações de lã para o Noroeste da Europa e o Mediterrâneo¹⁹² e indica as relações dos mercadores florentinos com outras localidades. Por exemplo, Veneza era uma cidade importante para os mercadores de Florença, pelo fato da Sereníssima conectar a Europa com o Levante e por ser um ponto de intensa atividade bancária¹⁹³. Outros espaços também foram importantes para o comércio lanífero: os portos do Mar Tirreno favoreceram o comércio com Gênova e Barcelona, pela via marítima, e Ancona e Ragusa, por via terrestre¹⁹⁴.

A geografia das redes do comércio internacional é um aspecto importante para a compreensão da rede comercial dos florentinos. Conforme sinalizou Goldthwaite, na segunda metade do século XIV, o Mediterrâneo ocidental ocupou um lugar central na rede, pela intensa atividade comercial entre as economias regionais¹⁹⁵. Nessa perspectiva, a participação das

¹⁹⁰ Angela Orlandi realizou um estudo sobre as redes econômicas de uma companhia florentina, os Datini. Orlandi atenta para a presença da companhia Alberti na cidade de Maiorca. Cf. ORLANDO, Angela. *Networks and Commercial Penetration Models in the Late Medieval Mediterranean*, In: CARACAUSI, Andrea; JEGGLE, Christof. *Commercial Networks and European Cities 1400-1800 (Perspectives in economic and social history)*. Londres: Pickering & Chatto. p. 81-106.

¹⁹¹ GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 37.

¹⁹² GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 41.

¹⁹³ GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 41-42.

¹⁹⁴ GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 42.

¹⁹⁵ GOLDTHWAITE, Richard. Op. cit. p. 42. O historiador afirma que as atividades comerciais estimularam o crescimento da economia regional do interior do sul da França e da Península Ibérica. Para estudos sobre as relações econômicas entre Florença e a Península Ibérica, cf. ARÉVALO, Raúl Gonzáles. *Acordes y desacuerdos. Navegación y comercio de las galeras mercantiles de Venecia y Florencia en el Mediterráneo ibérico desde una perspectiva comparada*. In: ARÉVALO, Raúl Gonzáles. *Navegación institucional y navegación privada en el Mediterráneo medieval*. Granada: Grupo de Investigación Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada, 2016. p. 145-191. GUIDO BRUSCOLI, Francesco. *I mercanti italiani, Lisbona e l'Atlantico (XV-XVI secolo)*. In: TELECHEA, Jesús Ángel S.; BOLUMBURU, Beatriz Arizaga; SICKING, Louis (org.). *Diplomacia y comercio en la Europa Atlántica medieval*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2015.

companhias dos Alberti nessa rede comercial, demonstra a complexidade das atividades econômicas e a situação favorável da família de L. B. Alberti no comércio lanífero¹⁹⁶.

Além do comércio de lã, a família Alberti participou de atividades bancárias¹⁹⁷. George Holmes¹⁹⁸ analisou o envolvimento da família em questão na organização das finanças do papado. Holmes¹⁹⁹ afirma que a companhia dos Alberti *antichi*, liderados por Benedetto di Nerozzo e Niccolò di Jacopo Alberti, foi responsável pela administração das finanças dos últimos anos do papado de Avinhão. Essa administração foi exitosa até o ano de 1376, quando a Guerra dos Oito Santos provocou um conflito entre o papado e Florença. O trabalho de Holmes tem o mérito de relacionar o desempenho das companhias florentinas com os conflitos políticos da época e discutir como as alianças entre famílias florentinas foram importantes para a participação de agentes florentinos na Cúria Pontifícia. Por exemplo, a companhia Médici, ao assumir o controle das finanças do papado, procurou se aliar aos Alberti *antichi*²⁰⁰.

A noção de rede, para o estudo da companhia Alberti, aponta para a cooperação dos Alberti com outras sociedades dedicadas às atividades bancárias (Alberti – Médici) e ao comércio. A formação de uma rede econômica, por parte dos Alberti, dependeu das questões políticas de Florença, da atuação dos sócios nas atividades da companhia e nas alianças formadas entre famílias. O prestígio da companhia Alberti, por conta dessa participação em uma rede internacional de comércio, é um dos elementos evocados por L. B. Alberti, nos *Libri*. Esse sucesso econômico cumpre um objetivo na obra do Alberti, qual seja, justificar a importância da sua família para a sociedade florentina da época.

¹⁹⁶ Luca Boschetto afirma que Lorenzo Alberti, pai de L. B. Alberti, liderou o posto comercial de Londres até 1421, ano de seu falecimento. BOSCHETTO, Luca. *I libri della famiglia e la crisi delle compagnie degli Alberti*. In: *Leon Battista Alberti: actes du congrès international de Paris (Sorbonne, Institut culturel italien, Collège de France) 10-15 avril 1995*. Turim, Paris; Aragno, Vrin, 2000. p. 91.

¹⁹⁷ A obra de Goldthwaite é fundamental para o estudo das atividades financeiras em Florença e no comércio internacional. Cf. GOLDTHWAITE, Richard. *Op. cit.* p. 201-255.

¹⁹⁸ HOLMES, George. How the Medici became the Pope's bankers. In: RUBINSTEIN, Nicolai (Ed.). *Florentine studies. Politics and society in Renaissance Florence*. Londres: Faber and Faber. 1968. p. 357.

¹⁹⁹ HOLMES, George. *Ibidem.* p. 357.

²⁰⁰ HOLMES, George. *Ibidem.* p. 358.

Outro ponto a ser destacado na participação dos Alberti nas atividades comerciais e financeiras é a capacidade de gestão dos bens econômicos. Os Alberti se preocuparam em registrar as operações financeiras e realizar cálculos econômicos sobre os ganhos e despesas. A experiência dos Alberti com a gestão da companhia é o fator principal que justifica as proposições de L. B. Alberti sobre a administração da casa. Na perspectiva de L. B. Alberti, os Alberti foram bons administradores das práticas mercantis e as experiências deles são úteis para a reflexão sobre a gestão doméstica.

Considerações finais

O conceito de redes de alianças foi útil na análise da relação entre a experiência social de L. B. Alberti e de seus parentes e os *Libri della Famiglia*. O exílio político marcou a história da família Alberti e essa situação foi explorada por Alberti, em sua obra. No capítulo, buscamos indicar que as redes sociais é um bom eixo de investigação das respostas dadas pela família Alberti ao problema do exílio. Nessa perspectiva, as alianças sociais, políticas e econômicas formadas pelos Alberti nos permitiram avaliar quais foram os objetivos de Alberti, ao escrever os *Libri*.

Apesar dos *Libri* constituírem uma boa base documental para análise das redes de alianças, consideramos oportuno lançar mão de outras fontes, como os registros contábeis e outros documentos organizados por Luigi Passerini e Enrico Benza (cartas, lista de casamento, contrato notarial, declaração de aluguel de navios). Esses documentos foram importantes para o estudo das formações das redes (casamento, alianças políticas e atividades mercantis) e da dimensão das práticas mercantis (a forma de gestão dos ganhos da companhia Alberti, por exemplo).

Por fim, o capítulo procurou demonstrar como as alianças, sejam elas políticas, sociais ou econômicas, são úteis para a análise da experiência dos Alberti na sociedade florentina, e, por conseguinte, indicar como as alianças permitem uma compreensão das proposições de Alberti sobre a economia, considerando a formulação de uma economia racional e baseada numa ética, conforme discutiremos nos capítulos seguintes.

Capítulo II – A administração doméstica nos Libri: uma economia racional?

(...) *Devi essere venerabile, costumato et honesto, et così fa' che la toa famiglia impari più tosto li costumi de la tua vita che de la tua doctrina, però che se imbeve meglio da l'operazione che da le parole*²⁰¹.

Em meio ao corpus relativo às atividades econômicas da Florença de *Quattrocento*, podemos afirmar que Alberti realiza uma reflexão inovadora, quando se preocupa em propor um modelo de administração do espaço doméstico. Assim, o objetivo deste capítulo é analisar como Alberti define a atuação do administrador da casa e como a *masserizia*²⁰² (a administração da casa) expressa a idealização de uma economia racional. A discussão sobre a administração dos bens familiares torna-se relevante para indicarmos o nível de aplicabilidade da noção de economia nos *Libri della Famiglia* e percebermos a originalidade da proposição de Alberti, ao se preocupar com a economia da casa. Nessa perspectiva, situamos um problema específico em torno da relevância da noção de economia para os *Libri*.

A escolha de Alberti pela administração do espaço doméstico indica a maneira pela qual o autor, a partir de sua experiência na sociedade florentina, tratou das tensões sociais da época, com particular atenção pelas rivalidades entre famílias de elite e pela gestão das riquezas produzidas. Assim, o florentino procura justificar, nos *Libri della Famiglia*, tomando por base o próprio exemplo dos Alberti, porque a administração da casa traz proveito para o engrandecimento da *città*.

O tema da gestão econômica, considerando a Florença de *Quattrocento*, foi tratado principalmente por autores envolvidos nas atividades mercantis. Desse contexto, citamos os

²⁰¹ COTRUGLI, Benedetto. *Libro de l'arte de la mercatura*. Org.: Vera Ribauda, Venezia : Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016. (Italianistica; 4). p. 162.

²⁰² *Masserizia* pode ser traduzida por administração da casa. No dicionário online do instituto Treccani, consta a seguinte definição: “Lo stesso che *masseria*, nel senso di amministrazione del massajo, e in quello di risparmio, economia: *far masserizia*, risparmiare, amministrare con oculatezza”. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/masserizia/>. Acesso em 11.04.2019. O dicionário online La Repubblica traduz por: “Amministrazione della casa, moderazione nello spendere, fare masserizia, fare economia, risparmiare, dim. masseriziòla, pegg. masseriziàccia”. Disponível em: https://dizionari.repubblica.it/Italiano/M/masserizia.html?refresh_ce. Acesso em 11.04.2019.

ricordanze, escritos²⁰³ que registravam a movimentação financeira de uma família (entradas e saídas), incluindo a descrição do patrimônio. Nesse tipo de texto, não há qualquer tipo de preocupação em racionalizar o espaço doméstico, ou seja, as discussões de como administrar bem a casa estão ausentes, e a noção de *masserizia* não é desenvolvida. Portanto, o centro da gestão econômica não é tanto a casa, mas todas as tarefas empreendidas pelos mercadores, conforme a apresentação dos registros contábeis. Nessa perspectiva, podemos salientar que a originalidade da obra de Alberti está na preocupação em tratar da gestão doméstica.

Outra dimensão da gestão econômica pode ser encontrada na discussão sobre a atuação dos mercadores na sociedade, a exemplo do *Libro de l'arte de la mercatura*²⁰⁴, de Cotrugli. Nesse tipo de obra, a noção da administração é aplicada ao mercador, o responsável por atuar na venda de um determinado bem. Como afirmamos anteriormente, Cotrugli não faz do espaço doméstico o centro da gestão econômica, optando por oferecer orientações de regulação da atividade mercantil. Sinalizamos que não é nossa intenção apresentar um catálogo de manuais de mercador produzidos na Itália Medieval sobre o tema da gestão dos bens, mas indicar que o espaço doméstico não foi o elemento central das reflexões contidas nessas obras.

A memória mercantil, elaborada entre os séculos XIII e XV, abrangeu não só os registros contábeis, mas também preceitos morais, reflexão pedagógica e discussão sobre a gestão econômica, conforme defende Christian Bec, em *Les marchands écrivain*²⁰⁵. Os mercadores, através do domínio do letramento, trataram de temas que faziam parte de sua experiência profissional e de sua relação com a sociedade. De acordo com Giacomo Todeschini²⁰⁶, apoiado na leitura da obra de Bec, os escritos sobre a *mercatura* expressam um “estilo existencial” de

²⁰³ Esses escritos se relacionam com a obra de Alberti, por tratar do patrimônio familiar, ainda que tenham estilos de escrita diferenciados.

²⁰⁴ COTRUGLI, Benedetto. *Libro de l'arte de la mercatura*. Org.: Vera Ribaldo, Venezia : Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016. (Italianistica; 4).

²⁰⁵ Cf. BEC, Christian. *Les marchands écrivain: Affaires et humanisme à Florence (1375-1454)*. Berlin ; Boston : De Gruyter Mouton, 1967.

²⁰⁶ Cf. TODESCHINI, Giacomo. *Mercatura*. In: “*Il contributo italiano alla storia del Pensiero – Economia (2012)*”. Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/mercatura_%28II-Contributo-italiano-alla-storia-del-Pensiero:-Economia%29/. Acesso em 12/01/2019.

seus autores. Nessa perspectiva, a gestão econômica pode ser definida como a capacidade dos mercadores em organizar suas tarefas, ter domínio do ofício, gerir o lucro e evitar prejuízos. Percebemos que a gestão econômica não é associada, nos séculos XIII e XIV, ao espaço doméstico, mas à dinâmica das atividades mercantis.

A noção de gestão econômica, considerando as obras dos mercadores, permitiu aos historiadores desenvolver reflexões sobre o dinamismo da economia florentina²⁰⁷. Franco Franceschi, por exemplo, situa o debate²⁰⁸ sobre a formação da industrialização e do lugar da Itália na integração de uma “economia mundial”. A principal questão que se colocava, no debate exposto por Franceschi, era se a Itália entre os séculos XIV-XV, com atenção especial por Florença, Veneza e Milão, desempenhou um papel de transição na economia da Europa. Na historiografia sobre a economia da Itália entre os séculos XIII-XV, o tema da racionalidade esteve dependente das considerações sobre a crise do século XIV e a capacidade de resposta a essa possível estagnação econômica²⁰⁹. Não houve, por parte de historiadores da economia, nenhuma preocupação com uma análise específica sobre a administração doméstica.

A ausência de atenção pela administração doméstica, nos historiadores da economia da Itália entre os séculos XIII-XV, refletiu o peso do debate sobre a consolidação do capitalismo na Europa²¹⁰. Esse debate permitiu desenvolver teses alternativas àquelas que desconsideravam

²⁰⁷ Cf. GOLDTHWAITE, Richard. A. *The Economy of Renaissance Florence*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009. FRANCESCHI, Franco. *The economy: work and wealth*. In: NAJEMY, John M (ed.). *Italy in the age of the Renaissance 1300-1550*. OUP Oxford, 2004.

²⁰⁸ “The most important debates on economic themes have been primarily concerned with issues like 'proto industrialization', the role of Italy and its most economically dynamic cities in the creation of a European 'world economy', and the formation of economic regions”. FRANCESCO, Franco. *Idem*. p. 124. Franceschi cita os principais expoentes desse debate: Robert Lopez, Michael Postan, Harry Miskimin, Gino Luzzatto, Carlo Maria Cipolla, Jean-Francois Bergier, Michel Mollat, Frederic Lane, Raymond de Roover, Armando Saporì, Federigo Melis e Ruggiero Romano.

²⁰⁹ Cf. BROWN, Judith C. *Prosperity or Hard Times in Renaissance Italy?* In: *Renaissance Quarterly*, Vol. 42, No. 4 (Winter, 1989), pp. 761-780. EPSTEIN, S. R. *Freedom and Growth. The rise of states and markets in Europe, 1300-1750*. New York: Routledge, 2000.

²¹⁰ Para um quadro geral do debate, cf. BAVEL, Bas Van. *Manors and Market: Economy and Society in the Low Countries, 500- 1600*. New York: Oxford University Press, 2010. FURIÓ, Antoni. *Estados, mercados y crecimiento económico*. In: *Estados y mercados financieros en el Occidente cristiano (siglos xiii-xvi)* (Actas de la xLI Semana de Estudios Medievales de Estella. 15 al 18 de julio de 2014). Navarra: Fondo de Publicaciones del Gobierno de Navarra, 2014. p. 55-84. GREIF, Avner. *Institutions and the Path to the Modern Economy. Lessons from Medieval Trade*. New York: Cambridge University Press, 2006. HILTON, Rodney. *Class Conflict*

as relações econômicas no período do pré-capitalismo e não viam a aplicabilidade da noção de mercado para os séculos X-XV. Epstein, por exemplo, em *Freedom and Growth. The rise of states and markets in Europe, 1300-1750*, discutiu a formação dos mercados e as consequências da integração desses mercados na Europa pré-moderna²¹¹. Furió²¹², em balanço da obra de Epstein, expressa a contribuição desse pesquisador para a economia medieval, ao defender o uso da noção de mercado na análise do crescimento econômico, no período anterior aos séculos XIX e XX.

Se, por um lado, a historiografia tratou dos benefícios da racionalidade econômica para o dinamismo da economia italiana, por meio da integração de mercados, por outro, a gestão do espaço doméstico pareceu não oferecer vantagens para o estudo desse dinamismo. A análise da racionalidade do espaço doméstico, nos *Libri della Famiglia*, permite-nos reconsiderar as reflexões sobre a gestão econômica, na Florença do século XV. Nessa perspectiva, podemos perceber a interação entre a economia doméstica e o funcionamento do mercado, tendo a cidade de Florença como elemento de intersecção.

Em Alberti, a boa administração do espaço doméstico mantém a estabilidade econômica dos indivíduos e sugere a aptidão dos chefes de família²¹³ na participação das diversas

and the Crisis of Feudalism: Essays in Medieval Social History. London: The Hambledon Press, 1985. POMERANZ, Kenneth. **The Great Divergence China: Europe and the Making of the Modern World Economy.** Princeton: Princeton University Press, 2000. POSTAN, M. M. **Essays on Medieval Agriculture and General Problems of the Medieval Economy.** New York: Cambridge University Press, 1973. PRAK, Maarten. **Early Modern Capitalism. Economic and Social Change in Europe 1400-1800 (Routledge Explorations in Economic History, 21).** London: Routledge, 2001. WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system I: capitalist agriculture and the origins of the european world-economy in the sixteenth century.** London: Academic Press, Inc., 1974. ZANDEN, Jan Luiten Van. **The Long Road to the Industrial Revolution. The European economy in a global perspective, 1000-1800 (Global Economic History Series - number 1).** Boston: Brill, 2009.

²¹¹ EPSTEIN, S. R. Op. cit. p. 01.

²¹² Hoy podemos hablar de mercados y Estados en la Baja Edad Media, porque no los entendemos como entendemos los mercados y Estados de los siglos XIX y XX, y gracias a ello podemos no solo hablar de crecimiento económico en los siglos premodernos –cuando hasta hace poco era una contradicción *in terminis* para muchos historiadores–, sino también analizarlo, medirlo y explicarlo, gracias también, em buena medida, al papel de los mercados y del Estado. FURIÓ, Antoni. Idem. p. 61.

²¹³ A boa administração doméstica é indicador da capacidade de um pai de família em ter êxito em qualquer atividade econômica, incluindo a sua participação no mercado florentino. A utilização do termo “chefes de família” expressa a importância do pai de família, na hierarquia familiar.

atividades mercantis. Nos *Libri*, a diligência do mercador (*massaio*) configura o sucesso dos Alberti na economia florentina e serve de modelo para outras famílias envolvidas no mercado. Dessa maneira, a racionalidade do espaço doméstico é o indicador da capacidade dos indivíduos em escolher as melhores possibilidades de ganho, numa economia pré-capitalista. Importante destacar que Alberti se interessa mais pela economia doméstica pelo fato de não estar envolvido nas práticas do mercado. O escritor florentino procurou refletir sobre como seus parentes souberam bem administrar a casa e, por conseguinte, obtiveram destaque nos negócios da cidade. Assim, a experiência mercantil de seus parentes não é descartada por Alberti, mas permite relacionar os campos da economia da casa com a economia mercantil. Evidentemente, o fato de Alberti não ter realizado o mesmo ofício de seus parentes, fez com que o autor tivesse a intenção maior de registrar o que acontecia na sua família e não no mercado de tecidos no Mediterrâneo, por exemplo.

O capítulo está organizado em partes que dialogam com o problema da administração doméstica. Em um primeiro momento, analisamos como Alberti analisa a gestão dos bens familiares e legitima²¹⁴ a atuação do chefe de família como administrador do espaço doméstico. As discussões demonstram a particularidade da proposição de Alberti, ao considerar a casa como espaço econômico por excelência. Ressaltamos que a leitura sobre o administrador da casa (*massaio*) deve ser ponderada por meio de uma dimensão racional da economia, e não pelas interpretações que sugerem o nascimento do capitalismo e o desejo pelo acúmulo de riquezas²¹⁵. Do mesmo modo, indicamos a originalidade da reflexão de Alberti, ao tratar do espaço doméstico, em sua teoria sobre a racionalidade econômica²¹⁶. Para isso, optamos por

²¹⁴ Para Alberti, o pai de família é responsável por administrar todas as atividades econômicas da casa. Nos *Libri*, encontramos os motivos utilizados pelo autor para legitimar a participação dos chefes de família na administração doméstica. Discutiremos a questão, na parte 1.3.

²¹⁵ Na análise de Sombart, as ideias de Alberti são utilizadas para justificar as “origens do espírito capitalista”. Cf. SOMBART, Werner. *Economic life in the modern age*. New York: Routledge, 2017.

²¹⁶ A teoria sobre a racionalidade econômica nos *Libri* é constituída pelas reflexões do autor sobre o aproveitamento da gestão da casa, sobre as tarefas que os membros da família devem fazer para contribuir com o patrimônio familiar e as ações que não são consideradas úteis para a administração doméstica.

uma análise comparativa de textos contemporâneos ao autor, com a intenção de verificar em que medida o florentino se diferencia de outras reflexões produzidas sobre a economia. Ao lado dessa análise comparativa, atentamos para alguns elementos biográficos de Alberti que também contribuem para sua análise da gestão familiar.

Na segunda parte do capítulo, discutimos como as reflexões do florentino sobre a economia do espaço familiar encontram base discursiva em uma obra específica da Antiguidade, o “Econômico”, de Xenofonte. Nesse sentido, percebemos a maneira pela qual Alberti manuseia a noção grega de *Oikos*. Por fim, analisamos a relação entre administração da casa e a racionalidade econômica. Centramos nossa análise na discussão sobre a relevância do ambiente familiar para o êxito da economia. No que tange às tarefas da casa, a racionalidade é expressa por meio da gestão do pai de família e da capacidade dos familiares em aceitar as ordens do chefe familiar, de acordo com as responsabilidades que lhe são conferidas, a exemplo da função da esposa de criar os filhos. Nessa perspectiva, a racionalidade se constitui na realização de ações que são úteis para o bom funcionamento da casa, por parte de seus membros.

2.1 A gestão dos bens e a *masserizia*

A noção de gestão dos bens chama atenção para a maneira como os sujeitos são capazes de administrar os bens materiais, considerando as diversas formas de ganhos e gastos (venda, compra, herança, doações, etc.). A análise do conceito de gestão de bens contribui para percebermos como as ações da boa administração se relacionam com uma dimensão ética²¹⁷,

²¹⁷ Sobre a dimensão ética dos bens econômicos, cf. TODESCHINI, Giacomo. **Il prezzo della salvezza. Lessici medievali del pensiero econômico**. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1994. SILVA, Marcelo Cândido da. A “Economia Moral” e o combate à fome na Alta Idade Média. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 20, n. 38, 2013. TONEATTO, Valentina. Élités et rationalité économique. Les lexiques de l’administration monastique du haut Moyen Âge. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010. p. 71-96.

na medida em que essas ações favorecem uma compreensão do que é correto fazer com os bens materiais para determinada sociedade. Portanto, a gestão se efetiva por meio de uma racionalidade justificada em uma dimensão ética. O que significa gerir bem os bens obtidos por uma família? O que é mais vantajoso: acumular ou gastar? Tais questões serão respondidas através das reflexões oferecidas por Alberti, em meio à Florença do século XV.

Nos *Libri della Famiglia*, a gestão dos bens é identificada como a possibilidade de assegurar a manutenção da riqueza familiar e, por extensão, a preservação da honra, na medida em que a posse de bens é utilizada como critério para definir se uma família é digna de louvor²¹⁸ ou não. Nesse sentido, ter condições de gerir bem os bens familiares é indicador de como uma família merece o louvor da sociedade florentina.

Particularmente no livro III, Alberti apresenta a discussão sobre a gestão dos bens, por meio do velho mercador, Gianozzo Battista, homem não letrado, mas detentor de vasta experiência sobre o tema. Através de Gianozzo, o florentino expressa seu ponto de vista sobre a melhor maneira de proceder com os bens possuídos por uma família. Em uma conversa com Lionardo, o ancião indica a importância da prudência e da utilidade do dinheiro²¹⁹. Nessa perspectiva, a boa gestão está articulada com o controle dos bens, de modo que as despesas não superem os ganhos. O ancião afirma, no fim da conversa com seu parente: “é preciso poupar, e se guardar das despesas supérfluas como uma inimiga mortal”²²⁰.

Através de Gianozzo, podemos perceber como a preocupação com os bens materiais pode interferir na situação social de uma família. A manutenção dos bens revela uma

²¹⁸ Há uma preocupação, por parte de Alberti, em defender a posição social dos setores de elite da época. Assim, a idealização da noção de família assegura o status social desses grupos sociais.

²¹⁹ *Testé, Lionardo mio, sono io prudente, e cognosco chi getta via il suo essere pazzo. Chi non ha provato quanto sia duolo e fallace a' bisogni andare pelle mercé altrui, non sa quanto sia utile il danaio. E chi non pruova con quanta fatica s'acquisti, facilmente spende. E chi non serva misura nello spendere, suole bene presto impoverire. E chi vive povero, figliuoli miei, in questo mondo sofferà molte necessità e molti stenti, e meglio forse sarà morire che stentando vivere in miséria (...)* (grifo nosso). In: ALBERTI, Leon Battista. *I libri della famiglia*, A cura di Ruggiero Romano e Alberto Tenenti, Nuova edizione a cura di Francesco Furlan, Torino, Einaudi, 1994. Disponível em : http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_3/t49.pdf . Acesso em 12/06/2017. p. 169.

²²⁰ *Figliuoli miei, e' si vuole essere massaiò, e quanto da uno mortale inimico guardarsi dalle superflue spese.* Ibidem. p. 170.

preocupação com a mobilidade social, na medida em que afirma que é preferível morrer a viver em situação de miséria (*E chi vive povero, figliuoli miei, in questo mondo soffera molte necessità e molti stenti, e meglio forse sarà morire che stentando vivere in miseria*²²¹). Trata-se de perceber que a gestão, além de indicar a forma de como é possível ter um controle nos ganhos e despesas familiares, procura evitar que famílias se encontrem em um estado de pobreza. Alberti, ao falar em gestão dos bens, associa a posição social da família com a condição econômica. Em uma fala de Gianozzo, encontramos uma relação entre a gestão dos bens e o status social:

É preciso saber gastar e utilizar os bens e o dinheiro. Aquele que não sabe gastar as riquezas senão pela comida e a vestimenta, aquele que não sabe as empregar pela utilidade dos sentidos, pela honra de sua casa, aquele, seguramente, não as sabe utilizar²²².

A boa utilização do dinheiro, nos *Libri*, assegura a honra da casa (*onore della casa*). Assim, mais do que uma gestão preocupada em assegurar a preservação dos bens familiares, a boa racionalização é o indicativo de que uma família encontra-se em uma situação social estável para a sociedade florentina.

Nos *Libri*, a boa gestão dos bens é realizada, principalmente, pela figura do administrador doméstico (*massaio*). Alberti tece considerações de como o administrador é capaz de gerir bem a casa. O termo utilizado, pelo florentino, para falar da administração doméstica é *masserizia*. Ao longo da obra, a palavra italiana é utilizada oitenta e cinco vezes, com maior frequência de ocorrência no livro III (setenta e quatro vezes).

Tabela 3 - Ocorrência dos vocábulos *massaio* e *masserizia*

²²¹ Ibidem. p. 170.

²²² *La roba, e' danari si vogliono sapere spendere e adoperare. Chi non sa spendere le ricchezze se non in pascere e vestire, chi non sa usarle in utile de' suoi, in onore della casa, costui certo non le sa adoperare* (grifo nosso). ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 272-273.

Vocábulos	Livro I – Ocorrências	Livro II	Livro III	Livro IV	Total
<i>Massaio</i>	1	2	23	-	26
<i>Masserizia</i>	2	6	74	3	85

No livro III, Lionardo pergunta a Gianozzo em que consiste a *masserizia*²²³. Gianozzo, antes de tecer considerações sobre a indagação feita, apresenta-se como homem não letrado, mas possuidor de experiência, fato que o credencia para falar sobre o tema proposto²²⁴. Eis a resposta dada a Lionardo:

(...) Mas, veja você, Lionardo, essas pessoas gastam aquilo que te falei tanto, não gosto deles, porque eles gastam sem razão, e os avaros me incomodam igualmente, porque eles não utilizam as coisas quando é necessário, mas também porque seu desejo é muito grande. Sabes quais são aqueles de que eu gostarei? Aqueles que, segundo a necessidade, utilizam as coisas pelo que é suficiente, e não além, eles guardam isso que resta. E a esses, eu os chamo administradores domésticos.²²⁵

Segundo Gianozzo, a *masserizia* é a forma mais racional de utilizar os bens materiais. A crítica do ancião é feita, de um lado, aos que não conseguem poupar de modo algum, e, de outro lado, os que poupam visando o enriquecimento e não destinam seu dinheiro nem para as coisas úteis. Desse modo, o escritor florentino encontra uma medida equilibrada para os bens econômicos. A prudência com a riqueza não invalida os gastos necessários de uma família.

A utilização dos bens segundo as necessidades (*bisogni*), em Alberti, faz referência, conforme análise de Clément Lenoble²²⁶, à ideia do bom administrador contida nas regras

²²³ *Adunque questa vostra masserizia che cosa sarà?* Ibidem. p. 173.

²²⁴ *Tu sai, Lionardo, che io non so lettere. Io mi sono in vita ingegnato conoscere le cose più colla pruova mia che col dire d'altrui, e quello che io intendo più tosto lo compresi dalla verità che dall'argomentare d'altrui.* Ibidem. p. 173.

²²⁵ *Ma vedi tu, Lionardo, quelli spenditori, de' quali io ti dissi testé, dispiaciono a me, perché eglino spendono senza ragione, e quelli avari ancora mi sono a noia, perché essi non usano le cose quando bisogna, e anche perché quelli medesimi desiderano troppo. Sa' tu quali mi piaceranno? Quelli i quali a' bisogni usano le cose quanto basta e non più, l'avanzo serbano; e questi chiamo io massai.* Ibidem. p. 174.

²²⁶ LENOBLE, Clément. Leon Battista Alberti (1404-1476): economia et gestione. In.: V. Negri Zamagni. *Il contributo italiano alla storia del pensiero economico*, Roma, Treccani, 2012.

monásticas, sermões e tratados teológicos, a partir da Alta Idade Média²²⁷. O historiador francês também relaciona a noção dos gastos restritos à necessidade com as formulações teológicas sobre o *usus*²²⁸ franciscano, principalmente no que tange à regulação da vida conventual²²⁹. As observações de Lenoble, ao estabelecerem relações de um léxico econômico entre temporalidades diversas, mostram como se constitui a historicidade da noção da *masserizia*. No entanto, importa-nos analisar a particularidade da proposição de Alberti, no âmbito da administração, sem a pretensão de elaborar genealogias de um determinado conceito.

Na conversa entre Gianozzo e Lionardo, o ancião atribui à *masserizia* uma dimensão prática, ao desconsiderar as reflexões teóricas contidas nos livros. Gianozzo fala, no diálogo:

“(...) O que nós dizíamos então da administração da casa? Que era útil. Eu ignoro isso que vossos livros ordenam; eu vos direi minha opinião, minha concepção da administração, isso que ele comporta e como o praticar. Que a administração seja útil, necessária, honesta e louvável, eu penso que ninguém duvida. O que é dito em vossos livros?²³⁰

Segundo Gianozzo, as noções sobre a administração doméstica devem ser adquiridas através da experiência e, nesse sentido, o ancião dá indicações de como é possível ser bom administrador. Alberti prossegue a reflexão sobre a administração doméstica, atentando para a necessidade dos gastos restritos ao uso. A afirmação de Gianozzo é dada no momento em que dialoga com Lionardo sobre a importância da *masserizia* para os escritores antigos:

Sim. Oh, como eles falam bem! De que serve ganhar alguma coisa se a gente não administra? O homem sofre para adquirir bens e dispor deles quando necessário. Ele

²²⁷ Conforme referência sinalizada pelo historiador Clément Lenoble, a obra *Banquiers du Seigneur* de Valentina Toneatto, apresenta uma discussão relevante sobre a administração sacra, no período da Alta Idade Média. Cf. TONEATTO, Valentina. *Les Banquiers du Seigneur*. Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2012.

²²⁸ Na Ordem Franciscana, o *usus* indica a utilização dos bens apenas para as coisas necessárias ao frade e ao convento. Fica expresso, na bula *Solet Annuere*, documento papal que aprova a Regra Franciscana, em 1223, que os frades não deveriam ter posses e, portanto, só poderiam se valer de vestimenta (túnica, sandália) e alimentação restritas à sobrevivência. Portanto, o *usus* (uso) não admite a possibilidade de um frade ser detentor de qualquer *dominium*. Sobre a questão, ver: PIRON, Sylvain. La pauvreté dans l'expérience et la réflexion franciscaines. In: LEROUX, Alain, LIVET, Pierre. *La pauvreté dans les pays riches. Leçons de philosophie économique*, Economica, pp.36-52, 2009. <halshs-00419533>.

²²⁹ Em outro capítulo da tese, voltaremos a discutir sobre as reflexões da Ordem Franciscana no campo da economia.

²³⁰ (...) *Or bene, che diciavamo noi della masserizia? Ch'ella era utile. Io non so quelli vostri libri quello se ne vogliono; io vi dirò di me, che masserizia sia la mia, di che cose e in che modo. Che la masserizia sia utile, necessaria, onesta e lodata stimo niuno dubita. Che se ne dice apresso de' vostri libri?*. ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 175-176.

os procura quando está em boa saúde para quando ele estiver doente, e como a formiga, ele os procura no verão em vista do inverno. É preciso então utilizar as coisas à necessidade; quando não há necessidade, é preciso conservá-las. Assim podemos dizer: **toda a administração doméstica consiste menos em conservar as coisas do que em as utilizar conforme a necessidade.** Você compreende? (grifo nosso).²³¹

Conforme reflexão sobre a utilidade dos bens, a *masserizia* consiste em ser capaz de se valer dos bens materiais apenas para as necessidades da família. Em Alberti, o ato de poupar não se restringe ao crescimento das riquezas, mas deve servir aos interesses da família, principalmente nas adversidades (doença do pai de família, mudança climática, etc.). Nesse sentido, a noção da administração doméstica estabelece uma distinção entre o administrador que utiliza os bens para o proveito da família e o administrador que visa o lucro desenfreado e o acúmulo desses bens, desconsiderando a utilidade dos bens (avareza)²³².

Nos *Libri della Famiglia*, a *masserizia* estabelece um ponto central tanto nas formulações sobre a economia, de um modo geral, quanto na definição da administração doméstica, de modo particular. A administração da casa cumpre a finalidade de organizar, da melhor forma possível, as riquezas da família. Não há economia racional, se o administrador não sabe utilizar bem suas riquezas. Vejamos outra afirmação de Gianozzo sobre a maneira que o administrador (*massaio*) deve organizar as despesas:

É porque, tu observas que não gastar, e não saber utilizar as coisas necessárias é um prejuízo. Mas visto que a administração da casa consiste em utilizar e conservar as coisas, veremos quais coisas é preciso utilizar e conservar. E antes de tudo, eu julgo que querer utilizar e conservar os bens de outro seria ou arrogância, ou violência perfeita, ou injustiça. Estou certo?²³³

²³¹ *Sì. Oh, quanto e' dicono bene! Che giova guadagnare se non se ne fa masserizia? L'uomo s'afatica guadagnando per avèllo a' bisogni. Procaccia nella sanità pella infirmità, e come la formica la state pel verno. A' bisogni adunque si vuole adoperare le cose; non bisognando, serbàlle. E così hai: tutta la masserizia sta non tanto in serbare le cose quanto in usarle a' bisogni. Intendi?* (grifo nosso). ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 176.

²³² A noção de Avareza para Alberti será discutida em outro capítulo da tese.

²³³ *Però vedi tu ch'egli è danno questo non spendere e non sapere usare le cose al bisogno. Ma poiché la masserizia sta in usare e serbare le cose, veggiamo quale cose s'abbino a usare e serbare. E qui in prima a me pare che volere usare e serbare le cose altrui sarebbe o arroganza, o violenza al tutto o ingiustizia. Dico io bene?* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 177.

A utilização dos bens de uma forma racional, por parte do *massaio*, sugere que o administrador possui certas qualidades. Em um trecho do diálogo, o ancião afirma que o administrador deve ser verdadeiro e solícito.²³⁴ Essas qualidades do bom administrador também fazem referência às características atribuídas ao pai de família. Ao analisarmos, na obra de Alberti, a gestão doméstica, devemos considerar o pai de família como o responsável por gerir a família. Assim, o bom pai de família também é o bom administrador.

A discussão sobre o administrador doméstico assume uma particularidade, considerando as proposições de Alberti, na Florença de *Quattrocento*. Lenoble²³⁵, ao se valer do estudo de Giacomo Todeschini²³⁶, apresenta como se configurou o léxico do bom administrador, em documentos que tratam da administração de monastérios, das discussões teológicas sobre economia oriundas das ordens mendicantes e, por fim, da atuação de banqueiros e mercadores na cidade. A análise feita por Lenoble contribui para a importância da análise lexical, no âmbito da economia, na Florença dos séculos XIV-XV. Como afirmamos anteriormente, não podemos associar o estudo da administração monacal entre os séculos V-VI com a administração doméstica proposta por Alberti. A nosso ver, Lenoble acerta em propor uma análise econômica, tendo em vista as particularidades de um léxico encontrado na documentação.

A elaboração de uma linguagem econômica diz respeito às formas pelas quais os sujeitos se relacionam com a riqueza e, por conseguinte, são capazes de atribuir valores aos bens, de acordo com uma racionalidade. Trata-se de admitir a importância da economia, em uma

²³⁴ *Però conviene le cose di che noi abbiàno a essere veri e solliciti massai veramente siano nostre. Ora quali saranno elleno?*(grifo nosso). Ibidem. p. 177.

²³⁵ LENOBLE, Clement. Ibidem. p. 10.

²³⁶ TODESCHINI, Giacomo. *I mercanti e il Tempio. La società cristiana e il circolo virtuoso della ricchezza fra Medioevo ed Età Moderna*, Bologna 2002.

linguagem textual²³⁷, antes do capitalismo²³⁸. Diante dessas considerações, o léxico econômico de Alberti diz respeito à situação de um indivíduo pertencente a uma família envolvida nas práticas mercantis, em sua época.

Nos LDF, o administrador doméstico é o agente principal da organização das riquezas. Assim, a forma como os bens são geridos dependem da qualidade do *massaio*. O verdadeiro e solícito administrador (*vero e sollicito massaio*) é aquele que faz uso dos bens, conforme a necessidade. Essa definição de *massaio* também pode ser encontrada nos LDF e nos tratados sobre o mercado elaborados nos séculos XIII e XIV²³⁹. As indicações do bom administrador, presentes nas obras sobre as atividades econômicas da Itália dos séculos XIV-XV, sugerem a consolidação de um léxico preocupado em regular a maneira como os indivíduos se relacionam com a riqueza.

Paolo da Certaldo (1320-1370), autor de *Il libri di buoni costumi*, dá conselhos sobre as rendas obtidas nas atividades econômicas, na Florença de *Quattrocento*. Em meio a esses conselhos, Paolo faz referência, ainda que não use a palavra *massaio*, à forma de organização da produção agrícola. Eis o conselho do florentino:

Se vives de renda de tua terra e não és bom guardião do dinheiro (o qual um a cada seis não sabe guardar), não vende a tua biada²⁴⁰ completa em uma oitava, de moro que

²³⁷ O historiador italiano Giacomo Todeschini contribui para os estudos sobre Economia Medieval, na medida em que demonstra como a linguagem possibilita-nos entender as formas que os sujeitos puderam expressar os comportamentos econômicos. Afirmo Giacomo Todeschini: “Per pensiero economico medievale non si vorrà dunque intendere l’analisi economica «before Adam Smith» (Sewall, 1901, Gordon, 1975), ma piuttosto la storia di una sezione del vocabolario e del linguaggio medievale; quelli contenuti da fonti, molto varie, che tuttavia hanno in comune la criação, la predisposizione e l’affinamento di criteri di verbalizzazione de comportamenti economici” (...). TODESCHINI, Giacomo. *Ibidem*, 1994. p. 34.

²³⁸ Ao considerar as relações econômicas antes do capitalismo, situamos um longo debate entre modernistas e primitivistas. A questão principal desse debate é perceber o momento histórico em que a sociedade pode aliar a racionalidade com uma economia de grande mercado. Sobre a questão, cf. POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Campus, 1980. TONEATTO, Valentina. *Élites et rationalité économique. Les lexiques de l’administration monastique du haut Moyen Âge*. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). *Les élites et la richesse au haut Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 71-96.

²³⁹ LENOBLE, Clement. *Ibidem*. p. 10.

²⁴⁰ Cereais utilizados para alimentação do gado (forragem). “Nome generico dei cereali usati come foraggio per le bestie: particolarmente, in Toscana e nelle regioni subalpine, l’avena coltivata (mentre col nome di *b. selvatica* viene indicato il forasacco): *dare la b. ai Cavalli*”. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/biada/>. Acesso em 12/04/2019.

o dinheiro não se destine para outro lugar e depois não tenha do que viver, e precisasse empenhar ou vender terra ou bens domésticos para viver. Assim, calcule quanto dinheiro tens no mês para despesas, e tanta biada vendes cada mês, e não mais²⁴¹.

No trecho selecionado, a recomendação é para que a administração da produção agrícola seja racional, de modo que a venda dos cereais não exceda a quantia necessária para as despesas mensais. Portanto, para Paolo da Certaldo, o bom administrador precisa ter um *savoir-faire*, para saber conservar as riquezas e gastar o necessário.

Em outro ponto dos *Libri di buoni costumi*, Paolo elogia a figura do administrador, principalmente daquele que sabe gastar o que convém: “Coisa muito bela e grandiosa é saber ganhar dinheiro, coisa mais bela e maior é saber gastar com medida e onde se convém”²⁴². A discussão sobre a administração, considerando os tratados de mercadores, também está presente em *Libro de l'arte de la mercatura*, obra feita por Benedetto Cotrugli, em 1458²⁴³, em Nápoles. Ressaltamos que a nossa intenção é demonstrar, a partir de textos produzidos na Itália dos séculos XIV-XV, a particularidade de Alberti sobre a noção da gestão dos bens, nos escritos sobre atividades econômicas de *trecento e quattrocento* (tratados sobre atividades mercantis e livros de família).

No *Libro de l'arte de la mercatura*, Cotrugli elabora uma exaltação das práticas mercantis para a sociedade e formula sugestões de como ser um bom mercador²⁴⁴. O autor, contemporâneo de Alberti, tece reflexões sobre a administração das atividades mercantis e

²⁴¹ *Se vivi di rendite di tue terre e tu non sia buono guardatore di danari (ché de' sei l'uno no gli sanno guardare), non vendere le tue biade tutte a un'otta, sì che i danar non pigliassoro luogo in altro e poi non avessi di che vivere, e convenisseti impegnare o vendere terre o masserizie per vivere. Anzi fa ragione di quanti danari hai assai il mese per spese, e tanta biada vendi ogni mese, e non più (...).* Da Certaldo, Paolo. *Libro di buoni costumi* (Italian Edition) (Locais do Kindle 306-310). Edição do Kindle.

²⁴² *Molto è bella cosa e grande sapere guadagnare il danaio, ma più bella cosa e maggiore è saperlo spendere con misura e dove si conviene. E sapere ritenere e guardare quello che t'è lasciato dal tuo patrimonio o da altri parenti è sopra le dette virtùdi, però che quello che l'uomo non guadagna è più agevole a spendere che quello che guadagna con sua fatica e con suo sudore e sollecitudine.* Da CERTALDO, Paolo. *Ibidem*. p. 104-106.

²⁴³ Sobre aspectos biográficos de Cotrugli e comentários do *Libro*, cf. RIBAUDO, Vera. Sul testo dell'Arte de la mercatura. In: COTRUGLI, Benedetto. *Libro de l'arte de la mercatura*. Org.: Vera Ribaudó, Venezia : Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016. (Italianistica; 4).

²⁴⁴ ZANATO, Ticiano. Premessa. In: COTRUGLI, Benedetto. *Ibidem*. p. 15.

rejeita o acúmulo desenfreado, por parte do mercador. No prefácio do capítulo quatro, intitulado de *Lo mercante circa le virtù icognomiche* (Sobre as virtudes econômicas do mercador), o autor afirma:

Mas o mercador, o qual ganha continuamente, deve reservar alguma parte de seu ganho e investir em coisa estável, porque, meu mercador, cada homem racional faz todas as coisas que faz com alguma finalidade, mas se o teu fim não é senão sempre acumular dinheiro sobre dinheiro, e se mil anos vivesse, acumularias *in infinitum*, sem outro fim, eu te tenho por animal e besta irracional e não homem, e a tua acumulação é do rico «qui sepultus est in inferno»²⁴⁵ e daquela que diz o evangelista: «Difficile est divitem intrare in regnum Dei, sicut gamelum per foramen acus etc.»²⁴⁶, porque você é rico de cupidez sem fim²⁴⁷.

Cotrugli critica o acúmulo das riquezas sem um fim específico e orienta o mercador para que o lucro obtido seja investido em bens que ofereçam estabilidade financeira. Mais do que a rejeição de um simples acúmulo, o mercador deve utilizar os bens de modo racional. As reflexões de Cotrugli dirigem-se, principalmente, ao mercador e à atividade mercante, embora possamos localizar indicações sobre a economia doméstica, precisamente no livro IV de sua obra²⁴⁸. Nesse sentido, enquanto o mercador da Dalmácia²⁴⁹ está preocupado com uma noção de gestão que parte do seu envolvimento nas atividades econômicas, os *Libri della Famiglia* contemplam uma noção de gestão doméstica.

A preocupação com a administração das riquezas também está presente nos *Livros de Família*. Nesses livros, encontramos a descrição de atividades de compra e venda de bens,

²⁴⁵ O editor da obra de Cotrugli preferiu por o nome do evangelista no corpo do texto. Trata-se de uma referência a Lucas 16,22.

²⁴⁶ Mt 19, 24.

²⁴⁷ *Però lo mercante, lo qual guadagna al continuo, deve trahere alcuna parte da lo suo guadagno et investire in cose stabile, perché, mercante mio, ogni homo rationale tute le cose che fa le dè fare ad qualche fine, ma se lo fine tuo non è si non sempre acumulare denari sopra denari, et se mille anni vivessi, voresti acumulare in infinitum, sença altro fine, io te stimo per animale et per bestia irracionale et non per homo, et la tua accumulacione è de lo richo «qui sepultus est in inferno», Luce, et di quella che dicie lo Vangelista: «Difficile est divitem intrare in regnum Dei, sicut gamelum per foramen acus etc.», perché tu sè rico di cupidità sença fine.* COTRUGLI, Benedetto. Op. cit. p. 158.

²⁴⁸ No prefácio do livro IV, Cortugli escreve: *Havendo fato lo transcurso secundo lo nostro proposito per li ter libri precedenti, con l'adiutorio di uno seguiremo lo quarto libro, in che modo lo mercante si dè havere circa la vita yconomica e governo de la casa et de la famiglia.* COTRUGLI, Benedetto. Op. cit. p. 157. No livro IV, o autor dá indicações sobre questões relacionadas à vida privada do mercador.

²⁴⁹ O autor nasceu em Ragusa, uma região da Dalmácia.

despesas da família e patrimônio. Por exemplo, nas memórias da família Andrea di Credi, feito por Oderigo, entre os anos de 1405-1425, o escritor se dedica a apresentar todos os gastos feitos, com a intenção de ter um controle sobre as despesas. Oderigo diz: “Lembro, pelo futuro, de cada despesa e de cada coleta, e para viver mais claro, e para ter em mente, se por algum caso necessitasse, por mim ou por outro”²⁵⁰. No caso desses livros de natureza privada, a gestão dos bens está inserida na dinâmica familiar, sem desconsiderarmos as interações econômicas entre as diversas famílias florentinas.

Dos tratados de mercadores e dos escritos sobre memória familiar, verificamos um *topos* da administração doméstica que se relaciona com as reflexões oferecidas por Alberti. Esses textos, parte deles produzidos à época do florentino, tratam da organização das atividades econômicas em Florença e servem de esteio para a discussão sobre a *masserizia*, nos *Libri della Famiglia*. Em outros termos, os textos sobre gestão de riquezas, produzidos em Florença, orientam a base conceitual utilizada por Alberti, para se referir à experiência dos Alberti nas atividades econômicas. Nesse sentido, não nos interessamos em estabelecer genealogias entre os diversos textos de racionalidade econômica, nem mesmo àqueles sinalizados por Clément Lenoble (administração monástica e tratados teológicos das ordens mendicantes), mas, em outra direção, achamos oportuno perceber como um léxico econômico aparece nos textos, a partir da experiência social vivida por seus atores²⁵¹.

A *masserizia* é um dos elementos chaves para a análise da economia nos *Libri*, por considerá-la indispensável na administração da casa e estabelecer o núcleo da racionalidade econômica. Nas próximas partes, prosseguiremos na análise da *masserizia*, por meio da

²⁵⁰ Ricordo eh' io Odorigo d'Andrea farò qui di sotto di tutti i denari i quali io spenderò nel luogo, o per cagione d'esso, oltre alle spese scritto adietro: e cosi farò da quinci innanzi, lasciando andare alcune spese eh' i' ho fatto nei tempo adietro, cioè dal MCCCCVIII per infino a questo di soprascritto. E però non' ne' farò menzione, però che e' mi farebbe fatica a raccor-darmene; ma, colla grazia di Dio, faronne: ricordo per l'avvenire' d'ogni spesa e d'ogni ricolta, e per vivere più chiaro, e per averlo a mente, se per alcuno caso bisogniasse, o per me o per altri (grifo nosso). RICORDANZE di Oderigo d'Andrea di Credi orafo, cittadino Fiorentino, dal 1405 al 1425. In: *Archivio Storico Italiano*, Vol. 4, No. 1 (1843), p. 69.

²⁵¹ Cf. COQUERY, Natasha. MENANT, François. e WEBER, Florence. Introduction. In: *Écrire, compter, mesurer. Vers une histoire des rationalités pratiques*, Paris, 2006. P. 11-29.

discussão sobre a recepção feita por Alberti da noção de *Oikonomia* contida em Xenofonte e da importância do pai de família, na administração doméstica.

2.2 Oikos: uma leitura de Xenofonte?

O livro III dos LDF, intitulado de *Economicus*, faz referência à obra *Oeconomicus* (Econômico), do escritor grego Xenofonte (430 a.C. - 354 a.C.). No proêmio, dedicado a Francesco d'Altobianco Alberti, amigo de Alberti, o autor afirma claramente se inspirar nesse escritor grego²⁵². A partir dessa constatação, podemos analisar qual o sentido da utilização, por parte do florentino, de uma obra produzida na antiguidade e como a noção de Economia é fundamental para análise da administração da casa.

Ao analisarmos as relações entre obras (*Oeconomicus* e *I Libri della Famiglia*) produzidas em períodos tão distintos (IV a.C, XV), procuramos perceber quais os interesses do escritor florentino em se valer da obra de Xenofonte²⁵³ e como a definição de *oikonomia* foi instrumentalizada por Alberti. Portanto, não pretendemos proceder a um exercício metodológico puramente comparativo e com o intuito de procurar a origem das ideias de um texto em outro.

A palavra *Oikonomia* (*oikonomia*) significa, literalmente, administração da casa²⁵⁴, considerando a junção de duas palavras gregas *oikos* (*casa*) e *nomos* (*lei*). Segundo Giorgio Agamben²⁵⁵, na obra *O reino e a glória*, a partir de leituras de Aristóteles e Xenofonte, a

²⁵² “(...) e in quale tu possa comprendere ch'io velli provare quanto i' potessi imitare quel greco dolcissimo e suavissimo scrittore Senofonte. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 164.

²⁵³ Segundo Hans Baron, Alberti foi o primeiro a utilizar a obra de Xenofonte, em sua reflexão econômica. A obra foi trafuzida por um milanês na metade do século XV e dedicada ao papa Nicolau V. BARON, Hans. In search of Florentine Civic Humanism, Volume 1: Essays on the transition from medieval to modern thought. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 237.

²⁵⁴ AGAMBEN, Giorgio. The mystery of economy. In: *The Kingdom and the Glory: For a Theological Genealogy of Economy and Government* (Homo Sacer II, 2). Trans. Lorenzo Chiesa, Matteo Mandarini. Stanford: Stanford University Press, 2011. p. 17.

²⁵⁵ Ibidem. p. 17.

dimensão do *oikos* (*casa*) é oposta à da *polis* (*cidade*). A dimensão oposta indica esferas diferentes de atuação dos agentes: o micro (*casa*) e o macro (*cidade*). Nesse sentido, as proposições da *oikonomia* não são satisfatórias para a cidade.

As diferentes esferas da sociedade (*oikos* e *polis*) não significam uma separação entre o indivíduo e a cidade, na medida em que a boa administração da casa torna-se útil para o desenvolvimento da polis. A distinção entre essas esferas revela, conforme Agamben, o campo específico de atuação da administração doméstica. Assim, a família pode ser considerada o nível elementar da gestão.

Agamben²⁵⁶ chama atenção para o fato de que o sentido do *oikos* não se relaciona com as noções modernas de família, seja nuclear ou patriarcal, mas se identifica com relações heterogêneas, de acordo com Aristóteles: senhores e escravos (despótica), pais e filhos (paternal) e marido e mulher (gâmica). O intelectual italiano, ao falar dessas diferentes relações, indica como o princípio da gestão fundamenta a Oikonomia²⁵⁷.

Xenofonte²⁵⁸, no *Econômico*, apresenta um diálogo fictício entre Sócrates, Critobulo e Iscômaco. O tema central do diálogo é a administração doméstica. Na primeira parte, o diálogo se dá entre Sócrates e Critobulo e os assuntos versam sobre a definição da economia, a importância do patrimônio familiar e as maneiras de gerir os bens. No segundo momento, Sócrates dialoga com Iscômaco, homem considerado belo e bom, sobre como a mulher deve gerir a casa e técnicas de agricultura. Importa-nos aqui perceber qual a definição de economia oferecida pelo escritor grego.

²⁵⁶ AGAMBEN, Giorgio. Ibidem. p. 17.

²⁵⁷ “Oikonomia is presented here as a functional organization, an administrative activity that is bound only to the rules of the ordered functioning of the house (or of the company in question)”. In: AGAMBEN, Giorgio. Ibidem. p. 18.

²⁵⁸ Utilizamos as seguintes edições do *Econômico*: XENOPHON. *Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology*. Trad. E.C. Marchant e O. J. Todd. London: Harvard University Press, 1997. XENOFONTE. *Econômico*. Trad.: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Para Xenofonte, o administrador deve gerir bem seu patrimônio e saber como utilizar as riquezas obtidas. Nesse sentido, o uso do patrimônio familiar deve cumprir uma finalidade, por parte do administrador, sendo reprovável o fato de possuir bens, mas não saber utilizá-los²⁵⁹. No início da obra, por exemplo, Sócrates discute sobre a utilidade dos bens, ao afirmar que de nada adiantaria possuir uma flauta se o dono não soubesse tocá-la²⁶⁰. Critobulo concorda com Sócrates de que o patrimônio só se constitui como tal quando é proveitoso para o administrador. Assim, no caso de não saber tocar flauta, é sugerida a venda do objeto²⁶¹.

A administração doméstica consiste em saber utilizar os bens. Essa noção de economia foi utilizada por Alberti, com intenções distantes da de Xenofonte, principalmente por meio das reflexões de Giannozzo Batista. Maxime Castro²⁶² afirma que a figura de Giannozzo foi inspirada em Iscômaco, personagem da obra de Xenofonte e considerado homem exemplar. Percebemos que a referência do escritor grego nos LDF serviu para fundamentar as discussões de Alberti sobre como gerir bem as riquezas. Portanto, a referência de Alberti ao escritor antigo, mais do que se valer de uma noção, procurava dar sentido à sua reflexão sobre a gestão econômica, com ênfase na experiência positiva da sua família com a administração dos bens.

A administração doméstica, em Xenofonte, é dependente do ordenamento das tarefas e das coisas. O administrador deve controlar tudo que possui e atribuir tarefas, conforme a necessidade. Nesse sentido, Iscômaco justifica a importância da organização, quando se utiliza de alguns exemplos: a harmonia de um coral, a ordem do exército em um combate, a agilidade de um navio por conta de seus homens²⁶³. Por fim, Iscômaco se utiliza do exemplo do agricultor:

²⁵⁹ STRAUSS, Leo. *Xenophon's Socratic Discourse. An interpretation of the Oeconomicus*. South Bend. St. Augustine's Press. 1998.

²⁶⁰ XENOFONTE, I, 10-11. Citação conforme a estrutura das edições consultadas.

²⁶¹ Xenofonte, I, 11.

²⁶² Trata-se de uma nota feita à edição da obra da *Les Belles Lettres*. CASTRO, Maxime. Notes. In: ALBERTI, L. B. *Ibidem*. p. 408.

²⁶³ XENOFONTE, VIII, 1-9.

A desordem para mim é como se o agricultor guardasse juntos grãos de cevada, de trigo e as favas e, depois, quando precisasse fazer uma massa ou pão ou um prato de legumes, precisasse separá-los em vez de pegá-los já separados e usá-los²⁶⁴.

Iscômaco, ao conversar com sua esposa, defende a importância do administrador na organização de tudo o que está sob sua responsabilidade. Sobre essa questão, Giorgio Agamben²⁶⁵, em análise do *Econômico* (Xenofonte, VIII, 15) atenta para o fato de que o controle dos bens²⁶⁶ faz parte da tarefa do administrador. Desse modo, podemos perceber dois elementos centrais da obra de Xenofonte que foram utilizados por Alberti, na sua formulação de economia: 1 – A utilização racional do patrimônio, 2 – A tarefa de ordenamento (controle) do administrador.

Alberti se apropria de obras da antiguidade, a partir de interesses que lhe são úteis na defesa de sua formulação teórica²⁶⁷. A leitura que Alberti faz do *oikos* orienta uma reflexão moral²⁶⁸ que se pretende válida, considerando o espaço familiar dos Alberti. A leitura de Xenofonte, feita pelo florentino, ocorre na atenção dos humanistas pelos autores da Antiguidade. No entanto, devemos levar em consideração que esses intelectuais manipularam o passado distante, tendo em vista a defesa de suas propostas para o momento em que viviam.

Nos *Libri*, a família é o centro da administração doméstica. Nessa perspectiva, o *oikos* complementa a *polis*, pois as famílias que preservam a *oikonomia* engrandecem a *città* de Florença. O *oikos* também demarca proposições éticas no campo da administração dos bens que se direcionam para um grupo social específico, as famílias de elite, na medida em que se

²⁶⁴ XENOFONTE, VIII, 10. Utilizamos a tradução da Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Cf. XENOFONTE. *Econômico*. Trad.: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²⁶⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Ibidem*. p. 18.

²⁶⁶ Agamben salienta que a palavra *episkepsis* é utilizada, por Xenofonte, para designar a administração ordenada. *Episkopos* é uma derivação de *episkepsis* e significa superintendente e, posteriormente, bispo. “Xenophon defines this activity or ordered administration as ‘control’ (*episkepsis*, from derives *episkopos*, ‘superintendent’, and, later, ‘bishop’”. Cf. AGAMBEN, Giorgio. *Ibidem*. p. 18.

²⁶⁷ Cf. AMORIM, B. G. L. *Diálogos entre antigos e modernos: a recepção da Antiguidade Clássica no Sobre a Família de Leon Battista Alberti*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

²⁶⁸ Cf. DANZI, Massimo. *Fra oikos e polis: il pensiero familiare di Leon Battista Alberti*. In: Bastia, C. & Bolognani, M. & Pezzarossa F. *La memoria e la città. Scritture storiche tra Medioevo ed Età Moderna*. Bologna : Il Nove, 1995. p. 47-62.

preocupa em orientar um bom comportamento econômico, de acordo com ações consideradas corretas para a sociedade do período.

A *oikonomia* fornece as indicações práticas para melhor gerir o patrimônio familiar. Em Alberti, esse patrimônio encontra-se na responsabilidade do pai de família, embora todos os membros da família devam cumprir com suas tarefas: pai, mãe, filhos, parentes, servos e criados. O administrador, além de gerir o patrimônio, também deve ter controle sobre os bens e as pessoas, de acordo com a noção de *episkepsis*.

Retomando a conversa entre Sócrates e Critobulo, os personagens chegam à conclusão de que as riquezas só servem ao administrador caso ele saiba ter proveito delas. Do contrário, os bens devem ser vendidos, conforme a sugestão da venda das flautas, para aqueles que não sabem utilizar o instrumento. No livro III dos *Libri*, Lionardo e Giannozzo conversam sobre a importância do administrador em utilizar os bens de forma racional. O trecho a seguir trata da fala de Lionardo sobre o que ele pensa da contribuição dos escritores antigos para a administração doméstica:

Eu o reconheço, mas, a meu ver, eles não dizem sobre isso nada além do que todo pai de família diligente pode constatar. Que poderiam eles dizer de mais que você não constate nos fatos por eles mesmos, pelos olhos e pela experiência? Muito dizem que, se não houvesse alguém responsável por conservar, seria insensato levar para casa o que adquirimos, e não seria menos risível se alguém quisesse conservar aquilo que não lhe foi atribuído²⁶⁹.

Lionardo dá crédito às reflexões produzidas pelo saber erudito e reconhece o saber prático dos pais diligentes. Lionardo e Giannozzo atestam que a diligência paterna se efetiva a partir de uma ação e, nesse sentido, Alberti reconhece o fato de que Giannozzo, mesmo não sendo um erudito, é capaz de falar sobre a *masserizia*. Conforme o trecho analisado, essa

²⁶⁹ *Confessolo, ma a mio parere e' non dicono però di queste simili altro che quello se ne vegga per ogni diligente padre di famiglia. Che potrebbero essi dire più che voi in sul fatto stessi ve ne vediate con l'occhio e colla pruova? Troppo dicono, se non fusse chi serbasse, sarebbe stultizia portare in casa il guadagnato, e anche sarebbe non manco da ridere se uno volesse serbare quello che non li fusse arecato.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 176.

relação entre erudição e prática sinaliza que o interesse de Alberti pelo *Econômico* está circunscrito às orientações do experiente Giannozzo.

Alberti se serve da reflexão sobre a administração do *oikos* para justificar as práticas familiares da família Alberti. Giannozzo é o membro da família Alberti que se associa ao Iscômaco de Xenofonte e indica as principais orientações de como ser administrador, a partir de sua própria experiência de mercador exilado.

No que tange ao princípio do ordenamento dos bens contido no *Econômico*, os *Libri* falam da importância da diligência do pai de família, para a preservação do patrimônio familiar.

Eis o que Giannozzo afirma:

(...) é assim que não os deixamos perder tempo: é preciso ordenar a cada um o que sabe e pode fazer. E a fim que todos possam e queiram fazer com mais diligência e amor isso que lhes pertence, é preciso fazer, como eu mesmo faço. A mim compete ordenar aos meus umas coisas adequadas, de ensinar-lhes a fazer bem e com diligência e de doar a cada um o que é necessário e proveitoso²⁷⁰.

O velho Giannozzo atribui ao pai de família a tarefa de controlar todas as atividades domésticas. A gestão familiar depende da boa realização das tarefas, de acordo com a capacidade do chefe em designar as funções de cada membro. O pai de família deve ter responsabilidades com os seus dependentes, ensinar o caminho da virtude e fornecer os bens necessários para a casa²⁷¹.

A principal vantagem, em analisar a maneira como Alberti se utilizou da obra de Xenofonte, é perceber que a sua noção de economia está alicerçada em uma visão particular da administração dos bens domésticos. O *Econômico*, mais do que credenciar o saber erudito de

²⁷⁰ *Maisí, a questo modo non si lasciono perdere tempo: comandisi a ciascuno cosa quale sappi e possa fare. E acciò che tutti possano e vogliano con piú diligenza e amore fare quello se gli appartiene, si vuole fare come fo io il debito mio. A me s'appartiene comandare a' miei cose giuste, insegnarle loro fare con diligenza e bene, e a ciascuno dare quello sia necessario e comodo.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 197.

²⁷¹ A discussão sobre o pai de família foi realizada em nossa dissertação de mestrado, sob outra perspectiva. Cf. AMORIM, B. G. L. *Diálogos entre antigos e modernos: a recepção da Antiguidade Clássica no Sobre a Família de Leon Battista Alberti*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

Alberti, justifica o interesse do autor em defender práticas econômicas para as famílias florentinas.

O saber econômico de Xenofonte foi utilizado para indicar como era possível, no ambiente familiar, gerar bem os ganhos. O autor se vale da importância dos escritores antigos para os humanistas, com a intenção de apresentar uma visão inovadora da economia doméstica (*oikonomia*) e da administração familiar, sem desconsiderar as interações entre os níveis “micro” e “macro” da sociedade. O uso de Xenofonte, nos *Libri*, também tem a intenção de associar os preceitos antigos com o exemplo dado pela própria casa Alberti, na figura do Giannozzo Battista. Nesse sentido, o autor mostra que os conselhos econômicos dos antigos são seguidos e praticados por seus parentes.

2.3 A família e a Racionalidade Econômica

A presente parte discute como a família fundamenta a noção de economia nos *Libri*, sem perder de vista a relação entre a família a cidade, e analisa de que forma a administração da casa é dependente de uma visão ética da economia.

Nos LDF, a economia doméstica se desenvolve de acordo com a distribuição de tarefas, por parte dos membros de família. No ambiente familiar, cada membro (mulher, filhos, parentes, serviçais) está sob a responsabilidade do chefe de família e esse deve ter condições de supervisionar as atividades desenvolvidas em sua casa. Nesse sentido, mesmo que a responsabilidade maior seja do chefe da família, todos devem colaborar para a administração da casa.

O pai de família, na condição de chefe, deve prover todos os bens necessários para a casa. Ele é o responsável maior por administrar todos os ganhos e despesas da família. Portanto,

o pai de família é o governante da casa. Em um trecho do Livro III, Giannozzo fala de sua experiência enquanto chefe de família:

Pela natureza, o amor e a piedade fazem que eu prefira a família mais que tudo. E para governar a família, há necessidade dos bens; e para conservar a família e os bens, é preciso de amigos que te aconselhem e que te ajudem a suportar e a evitar as fortunas contrárias; e para usufruir dos bens com seus amigos; para usufruir da família e da amizade, convém adquirir alguma consideração e uma honorável autoridade²⁷².

Giannozzo se apresenta como um bom pai, tendo em vista que se mostra dedicado em governar a família. Observamos aqui a relação entre o governo da família e sua honra na sociedade florentina. O pai de família ganha reputação na medida em que sabe governar e se vale dos conselhos dos amigos sobre como usar bem as riquezas possuídas. A “honorável autoridade”, de que fala Giannozzo, é a expressão de que os *Libri* tratam da condição social de determinadas famílias na sociedade florentina. Assim, percebe-se que Alberti se interessa por uma reflexão sobre a participação de famílias de elite no desenvolvimento da economia florentina.

O chefe de família é orientado a receber o conselho dos amigos mais próximos, no que se refere à administração da casa. A formação de uma rede colaborativa expressa, nos *Libri*, a participação social de diversos membros oriundos de famílias envolvidas nos negócios ou na política da *città*. No livro IV, Piero Alberti relaciona a amizade com as atividades econômicas:

- Quanto, diz então Piero Alberti, eu louvo o entendimento de Buto! E eu confirmo a perfeita veracidade de sua proposição para ter verificado: a pobreza se opõe à aquisição de amizade por numerosas injúrias, e faz obstáculo a todas nossas disposições e todo nosso empreendimento (...)²⁷³.

Piero Alberti demonstra que a manutenção de laços de amizade se efetiva graças à boa situação econômica de seus próximos. Nesse contexto, a pobreza é desvalorizada por não

²⁷² *Da natura l'amore, la pietà a me fa piú cara la famiglia che cosa alcuna. E per reggere la famiglia si cerca la roba; e per conservare la famiglia e la roba si vogliono amici, co' quali ti consigli, i quali t'aiutino sostenere e fuggire l'averse fortune; e per avere con gli amici frutto della roba, della famiglia e della amicizia, si conviene ottenere qualche onestanza e onorata autorità.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 196-197.

²⁷³ - *Quanto, - allora disse Piero Alberti, - io lodo l'ingegno di Buto! E confermo il detto suo essere verissimo, quanto provai, che ad acquistare amicizia con molte iniurie vi si oppone la povertà e interrompe ogni nostro istituto e impresa (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 280.

conceder a virtude necessária para a o engrandecimento da família. A amizade favorece a administração dos bens e, por extensão, estabelece os contatos entre famílias. Todavia, salientamos que a referência à pobreza, por Piero, é pontual e não pode ser identificada com a visão de Alberti sobre a questão. Aqui é importante identificar a pobreza como uma situação econômica desfavorável para o estabelecimento de vínculos de amizade, na medida em que a ausência de boas condições econômicas impossibilita a formação de alianças com membros da elite.

A formação de uma rede colaborativa, entre famílias de um mesmo grupo social, corresponde aos interesses de Alberti em demarcar a posição de seus parentes, em meio às rivalidades políticas de Florença. A fala de Piero Alberti, citada anteriormente, é feita em um momento em que trata da experiência do exílio de sua família.

John Najemy²⁷⁴, ao analisar os conflitos entre as elites florentinas e o controle das magistraturas da comuna, por parte dos Albizzi, afirma que o clientelismo e o patrimônio constituíam a base do poder florentino. Assim, as alianças entre famílias de elite e os bens econômicos eram fatores determinantes para a ocupação de espaços de poder no governo comunal. O historiador norte-americano, em *The Dialogue of Power in Florentine Politics*²⁷⁵, ressalta o problema em perceber a elite florentina e suas redes de clientelismo como um fundamento da política da cidade, pois desconsidera os confrontos entre as elites tradicionais e os outros setores da sociedade. Nessa perspectiva, consideramos as alianças dos Alberti com outras famílias ligadas aos interesses dos *popolani*, como uma estratégia de consolidação de seu grupo social nos confrontos entre as elites florentinas e, dessa forma, a economia é capaz de agregar as famílias em torno da defesa de interesses relacionados à cidade.

²⁷⁴ NAJEMY, John. Op. cit. p. 186.

²⁷⁵ NAJEMY, John M. The dialogue of Power in Florentine Politics. In: MOLHO, Anthony (et.al.), *City states in classical antiquity and medieval Italy: Athens and Rome, Florence and Venice*. Ann Arbor: Institute for International Studies (Brown University), 1991. p. 273. Najemy critica as proposições de Sergio Bertelli, contidas em *Ceti dirigenti e dinamica del potere nel dibattito contemporaneo*, sobre a permanência de uma elite tradicional na política florentina, como se essa elite não fosse alvo de tensões e rupturas.

O sucesso da administração doméstica encontra-se na forma como cada membro da casa realiza suas funções. A racionalidade implica a delimitação de tarefas e a procura pela melhor condição de gestão dos bens. No livro III, Giannozzo fala do lugar central do chefe de família e da relação entre marido e esposa:

Tu sabes bem que tenho sempre considerado como um dever para os pais de família não somente fazer isso que é digno dos homens, mas também de evitar toda ação e todo comportamento que cabe às mulheres. É preciso deixar todos os afazeres menores da casa às mulheres, como eu fiz²⁷⁶.

Giannozzo tece várias considerações sobre a participação das esposas na administração da casa. O papel da mulher é secundário e dependente de seu marido. A mulher deve receber do chefe de família os principais conselhos sobre como realizar suas tarefas e de como cuidar de sua prole. Nesse sentido, o chefe de família tem por responsabilidade guiar sua esposa em suas funções. No diálogo entre Lionardo e Giannozzo, este reconhece as qualidades de sua esposa: “Seguramente, minha esposa foi uma excelente mãe de família graças ao seu entendimento e aos seus costumes, mas mais ainda graças às minhas admoestações”.²⁷⁷ Giannozzo prossegue seus comentários sobre como orientou sua mulher a ser uma esposa exemplar:

(...) Quando, no final de algum dia, minha esposa tinha tomado segurança em minha casa, e já o desejo de sua mãe e dos seus começava a ser menos severo, eu a tomei pela mão e mostrei toda a casa, eu a ensinei que no alto era o lugar destinado à forragem, que em baixo era o lugar destinado ao vinho e à madeira. Eu a mostrei o local onde se conserva o que é necessário à mesa. Assim, em toda a casa, não resta nada da administração que minha esposa não saiba o lugar e não conheça a utilidade (...)²⁷⁸.

²⁷⁶ *Or sí ben sai cosí sempre mi parse debito a' padri della famiglia non solo fare le cose degne all'uomo, ma ancora fuggire ogni atto e fatto quale s'apartenga alle femmine. Vuolsi lasciare le faccenduzze di casa tutte alle donne come feci io.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 231.

²⁷⁷ *Fu certo la mia e per suo ingegno e costumi, ma molto piú per miei ammonimenti ottima madre di famiglia.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 231.

²⁷⁸ *Quando la donna mia fra pochi giorni fu rassicurata in casa mia, e già il desiderio della madre e de' suoi gli cominciava essere meno grave, io la presi per mano e andai monstrandoli tutta la casa, e insegna'li suso alto essere luogo pelle biave, giú a basso essere stanza per vino e legne. Monstra'li ove si serba ciò che bisognasse alla mensa, e cosí per tutta la casa rimase niuna masserizia quale la donna non vedesse ove stesse assettata, e conoscesse a che utilità s'adoperasse.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 231-232.

Segundo o ancião da família Alberti, a esposa de família deve receber do marido as informações sobre o funcionamento da casa. No caso em questão, a mulher de Giannozzo ficou ciente de todas as atividades realizadas na casa, sejam agrícolas ou domésticas. A partir da fala de Giannozzo, observamos que a esposa ocupa lugar importante na gestão doméstica, embora dependa da vontade de seu marido. Essa dependência da esposa ao marido pode ser vista quando Giannozzo diz para Lionardo o que sua mulher lhe falou sobre os conselhos recebidos: “Ela respondeu dizendo que tinha aprendido a obedecer a seu pai e sua mãe, e que ela tinha recebido deles a ordem de sempre me obedecer, e, portanto, ela estava disposta a fazer isso que eu ordenasse”²⁷⁹.

Ao falar sobre as funções que a esposa deve ocupar na gestão da casa, Alberti se apropria do modelo ideal de esposa proposto por Xenofonte. Em um momento do diálogo de Xenofonte, Critobulo afirma que é papel do homem administrar a casa, enquanto o homem se responsabiliza pela aquisição de riquezas, a mulher gasta o que foi obtido pelo marido²⁸⁰. Dessa forma, a boa esposa deve contribuir para o crescimento do patrimônio familiar na obra do autor grego.

Xenofonte divide as atividades que são próprias do marido e da esposa no espaço doméstico. Os homens devem ocupar tarefas fora da casa e as esposas no interior da casa²⁸¹. No diálogo de Xenofonte, Iscômaco afirma: “Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora”²⁸². Assim, de acordo com a obra de Xenofonte, as tarefas das esposas são: cuidar dos filhos²⁸³ e da organização das vestimentas e da alimentação da casa²⁸⁴ e supervisionar o trabalho

²⁷⁹ *Rispuose e disse che aveva imparato ubidire il padre e la madre sua, e che da loro avea comandamento sempre obedire me, e pertanto era disposta fare ciò che io gli comandassi.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 235.

²⁸⁰ Xenofonte III, 15.

²⁸¹ Xenofonte, VII, 22.

²⁸² Xenofonte, VII, 30. p. 39.

²⁸³ Xenofonte, VII, 24.

²⁸⁴ Xenofonte, VII, 36.

dos serviçais²⁸⁵. Ao compararmos as reflexões sobre as funções da esposa na gestão da casa, podemos perceber a aproximação do escritor florentino da obra *Econômico*. Nessa perspectiva, a obra grega serviu de base para as proposições sobre o lugar da mulher na gestão da casa e, por conseguinte, na sociedade florentina.

A visão que Giannozzo oferece sobre a noção de família é patriarcal e hierárquica. Giannozzo expressa para a mulher o seu entendimento sobre a relação entre os casados: “ (...) Minha esposa, quem sabe obedecer seu pai e sua mãe, aprende de boa hora a satisfazer seu marido”²⁸⁶. No entanto, a dimensão patriarcal oferecida por Giannozzo não corresponde às reflexões feitas por Alberti sobre as relações familiares²⁸⁷.

O florentino indica uma função complementar entre o homem e a mulher. Enquanto as atividades masculinas dizem respeito à manutenção da família, educação das crianças e atuação na vida política da cidade, os ofícios femininos se dão no campo circunscrito da casa²⁸⁸. A linha comum dessa relação complementar ocorre via matrimônio. No diálogo, Alberti fala do matrimônio, a partir de considerações sobre o amor. Assim, o matrimônio é identificado como a expressão do amor entre um casal: “*nenhuma união será mais sagrada para ti (Lionardo), que aquela do casamento*”.²⁸⁹ É preciso destacar que a união matrimonial é discutida a partir de uma preocupação centrada na utilidade desse enlace para a sociedade.

²⁸⁵ Xenofonte, VII, 35 e VII, 41.

²⁸⁶ (...) *Moglie mia, chi sa obedire il padre e la madre sua tosto impara satisfare al marito (...)*. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 235.

²⁸⁷ Cf. NAJEMY, John M. *Gianozzo and His Elders: Alberti's Critique of Renaissance Patriarchy*. In: CONNELL, William J. *Society and Individual in Renaissance Florence*. London: University of California Press, Ltd, 2002. p. 78.

²⁸⁸ Klapisch-Zuber discute sobre a participação das mulheres nos livros de família, a partir de biografias que exaltam os valores femininos (virtuosidade, coragem), principalmente no momento do falecimento das matronas. Cf. Klapisch Zuber Christiane. *Les vies de femmes des «livres de famille» florentins*. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée*, tome 113, n°1. 2001. **Alle origini della biografia femminile : dal modello alla storia**. Actes du colloque organisé par le Dipartimento di storia dell'Università degli studi di Firenze, l'École française de Rome et le Comune di Firenze «Progetto donna», Florence 11 et 12 juin 1999. pp. 107-121. O artigo traz contribuição importante para a historiografia sobre as mulheres na Itália Medieval, na medida em que apresenta uma leitura inovadora sobre os limites da sociedade centrada no patriarcado.

²⁸⁹ “(...) *niuna coniuazione piú a te sarà religiosissima che quella del congiugio*”. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 93.

O lugar social das mulheres, segundo Alberti, não é subsidiário, tendo em consideração a importância delas para os vínculos que permitem a procriação, a manutenção da família e, ademais, o fortalecimento da própria *città*. Vejamos o que Battista afirma:

(...) E eu não me estendo a expor a utilidade que podemos tirar dessa amizade e dessa companhia conjugal, para conservar a coisa doméstica, para dirigir a família, para reger e governar todos os bens: todas essas coisas são tais nas mulheres, que podemos estimar que, por causa delas, o amor conjugal tem mais perfeição e força do que todas as outras coisas.²⁹⁰ (grifo nosso).

Nos *Libri della Famiglia*, a compreensão do papel social das mulheres vai além da defesa do patriarcado e de uma posição inferior na sociedade²⁹¹. Embora seu papel esteja restrito ao espaço da casa, sua função é indispensável para a própria formação do núcleo familiar. A formulação teórica sobre família não pode ser concebida a partir de uma leitura baseada no patriarcado e, portanto, os lugares ocupados pelas mulheres não devem ser colocados em segundo plano.

A educação dos filhos também ocupa lugar central no processo da racionalidade econômica. Os filhos são responsáveis por preservar, na geração posterior, o patrimônio e a honra familiar²⁹². Os *Libri della Famiglia*, principalmente no livro I, tratam de como os pais devem cuidar de sua prole. Interessa-nos aqui analisar as implicações do processo educativo dos filhos para a compreensão da racionalidade econômica no âmbito doméstico.

²⁹⁰ "(...) *Non mi stendo in raccontare quanta utilità si tragga da questa congiugale amicizia e sodalità, in conservare la cosa domestica, in contenere la famiglia, in reggere e governare tutta la masserizia, le quali tutte cose sono in le donne tali, che forse alcuno stimarebbe per esse essere l'amore congiugale sopra di tutti gli altri interissimo e validissimo*". ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 93-94.

²⁹¹ NAJEMY, John M. *Op. cit.* 2002. p. 78.

²⁹² Sobre o patrimônio familiar, cf. CAMMAROSANO, Paolo. Les structures familiales dans les villes de l'Italie communale (XIIe-XIVe siècles). In: *Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974)* Rome : École Française de Rome, 1977. CHABOT, Isabelle. "XII. Le gouvernement des pères : l'État florentin et la famille (XIV^e-XV^e siècles)". In: BOUTIER, Jean, et al.. *Florence et la Toscane, XIVe-XIXe siècles: Les dynamiques d'un État italien*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2004. p.241-263. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pur/15796>>. Acesso em 01-05-2018.

Segundo Christian Bec, os mercadores florentinos demonstraram interesse pelos tratados elaborados pelos humanistas sobre a educação dos filhos²⁹³. Seguindo essa linha, os *Libri* contribuem para a discussão sobre o lugar do processo educativo, tomando em consideração as atividades desempenhadas pelas elites florentinas. A educação das crianças atende aos interesses de grupos sociais em preservar sua posição social, incluindo a manutenção do patrimônio. Vejamos um exemplo:

(...) Eu me satisfaço com a tua sentença quando tu dizes que os pais diligentes recebem verdadeiras alegrias de seus filhos, mas aquilo me agrada mais se eu vejo que tu consegues discutir essas questões com argumentos muito sutis, para que, com um longo julgamento, eu possa raciocinar sobre elas. E é preciso ter certeza, Lionardo, que tu e os outros tenham uma companheira e filhos: tome esposa, engrandeça nossa família Alberti, e, segundo tua excelente disciplina, eleva com diligência uma abundante juventude, a fim que em nossa casa cresça um grande número de homens renomados e imortais, como dizia Lorenzo. E eu não duvido que seguindo todos os sábios ensinamentos que tu tens feito parte, nossa casa não torne cada vez mais gloriosa e dotada de uma muito competente juventude.²⁹⁴

No fim do livro I, Adovardo dialoga com Lionardo sobre a preservação da honra dos Alberti, a partir dos ensinamentos seguidos pelos membros mais jovens da família. Os *Libri* pretendem inculcar um modelo de família considerado ideal para a cidade florentina. Trata-se de um manual que, ao falar do engrandecimento da família Alberti, indica um modo de justificar a experiência social desse grupo. Nessa perspectiva, o processo de educação dos filhos assegura a manutenção do patrimônio familiar²⁹⁵, em diferentes gerações. Destacamos aqui o lugar que a formação da geração mais jovem da família desempenha na gestão dos bens. O filho que

²⁹³ BEC, Christian. *Les marchands écrivain: Affaires et humanisme à Florence (1375-1454)*. Berlin ; Boston : De Gruyter Mouton, 1967. p. 24. O autor cita o *De educatione liberorum*, de Maffeo Vegio e a tradução do *De liberis educandis*, de Plutarco, feita por Pier Paolo Vergerio.

²⁹⁴ *Ben son contento stare in quella tua sentenza ch'e' diligenti padri da' figliuoli ricevano vere allegrezze, ma questo piú mi piacerà se io vederò che tu dia modo di tutte queste cose come con suttilissimi argomenti così ancora per lunga pruova poterne ragionare. E vuolsi, Lionardo, dare modo che tu e gli altri abbiate compagna e figliuoli, pigliate moglie, amplificate la nostra famiglia Alberta, e con questa tua ottima disciplina allevate con diligenza molta gioventú, acciò che nella casa nostra cresca gran numero d'uomini, tali quali testé diceva Lorenzo, famosi e immortali. Né dubito, seguendo que' tutti tuoi quali hai insegnatomi erudimenti, la casa nostra di dí in dí si farà molto gloriosa e compiuta di prestantissima gioventú.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 84.

²⁹⁵ O sentido de patrimônio aqui abrange tanto os bens materiais quanto comportamentos considerados virtuosos.

escuta os ensinamentos de seus pais será o futuro administrador dos bens da família e, por extensão, preservará a honra²⁹⁶ familiar.

A racionalidade da economia depende não somente de administração dos ganhos materiais, mas de uma série de comportamentos que interferem na forma de obtenção de riquezas. Esses comportamentos traduzem uma ética²⁹⁷ que orienta a gestão familiar, pois uma reflexão sobre os comportamentos adequados para o espaço familiar fundamenta o que é a boa gestão da casa.

As indicações para o pai de família observar os costumes da casa, ensinar virtudes aos filhos, providenciar os bens materiais e reprimir os vícios dos filhos estão inseridos em um contexto de gestão da família que agrega responsabilidades éticas e econômicas. Do mesmo modo, o filho deve se esforçar para cumprir com zelo as atribuições dadas por seu pai²⁹⁸.

Conforme o princípio da racionalidade econômica proposta por Alberti no século XV, todos os membros da casa têm a obrigação de contribuir com a gestão da família. Nesse sentido, Giannozzo, quando fala sobre as tarefas da esposa no espaço doméstico, reitera que os serviços da casa também devem receber atenção de seus superiores. Para Giannozzo, o administrador da casa precisa ter noção das diferentes posições sociais:

(...) E saibam, meus filhos, que não terá jamais escravo que seja obediente para vos escutar se vocês não sabem comandá-lo como mestres, nem escravo suficientemente rebelde para não obedecer se vocês sabem ser mestres com medida e com razão.²⁹⁹

²⁹⁶ A honra conforme a concepção de Alberti: o reconhecimento de que uma família é digna de admiração.

²⁹⁷ Para uma leitura teórica sobre economia e ética, cf. SEN, Amartya. *On Ethics and Economics*. Blackwell, 1992.

²⁹⁸ *Debbano adunque e' giovani riverire e' vecchi, ma molto più i propri padri, e' quali e per età e per ogni rispetto troppo da' figliuoli meritano. Tu dal padre avesti l'essere e molti principii ad acquistare virtù*". ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 21.

²⁹⁹ (...) *E stimate questo, figliuoli miei, che mai sarà servo sí ubidiente el qual v'ascolti se voi non saprete come signori loro comandare, né mai sarà servo sí contumace il quale non ubidisca, se voi saprete con modo e ragione essere signori*. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 244.

O administrador da casa deve falar com firmeza perante seus dependentes e não se curvar às possíveis querelas provocadas em ambiente familiar. Nessa perspectiva, fala Giannozzo: “E, certamente, meus filhos, ninguém não pode ganhar outra coisa que a culpa nas querelas daqueles que dividem sua casa. A casa não conhecerá querela, se a pessoa que a governa não se mostra imprudente”.³⁰⁰ No caso em questão, observamos como as orientações dirigidas ao administrador da casa são formuladas a partir da organização de um quadro familiar. O pai, mãe, filhos, parentes, servos são os agentes que delineiam aquilo que é possível ser feito pelo gestor da casa, incluindo a prudência em evitar dissensões no grupo familiar.

A partir da apresentação das tarefas de cada ator da economia doméstica, temos uma definição de racionalidade econômica que se configura no espaço familiar. Alberti, nos *Libri*, trata do agir racional dos indivíduos em favor de uma economia capaz de ser útil à família e à cidade. Diante do exposto, a noção de racionalidade econômica³⁰¹ nos permite identificar quais opções foram tomadas pelo escritor florentino, em vista da uma preferência individual.

Em Alberti, as escolhas do administrador doméstico são feitas em proveito dos bens familiares. A racionalidade orienta a gestão da casa e direciona as preferências do administrador. No livro III, Giannozzo convence Lionardo que o administrador deve utilizar o dinheiro de forma satisfatória e adquirir boas coisas para a casa.

Não tenho dúvida, isso é tudo verdadeiro de fato. Mais as coisas são boas, e mais elas duram, mais elas te honram, mais elas te satisfazem, e mais temos respeito por elas. Na casa, é preciso ter boas coisas, e em quantidade suficiente. E essa palavra de alguns aos qual a carestia no mercado é melhor que a opulência em casa, me parece mais verdadeira apenas para uma família desordenada e desregrada. Mas quem, pelo tempo e com ordem, sabe reger ele mesmo e os seus, a ele convem ter uma casa rica onde todas as fortunas de bens abundam. E não se dirá jamais o bastante o quanto a desordem é nociva e quanto a ordem é muito útil; e ignoro qual é mais prejudicial para as famílias: a negligência dos pais ou a desordem da família.³⁰²

³⁰⁰ *E certo, figliuoli miei, delle gare de' suoi di casa niuno può averne se non biasimo. Non sarà la casa gareggiosa, se chi la governa non è imprudente (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 246.

³⁰¹ Na teoria econômica, a racionalidade pode ser definida como a possibilidade de escolha, diante de diversas opções, da situação mais proveitosa para o indivíduo. Segundo Amartya Sen, a coerência interna de escolha e a maximização do interesse pessoal são os dois métodos para definição da racionalidade do comportamento, no âmbito da teoria econômica. Cf. SEN, Amartya. op. cit. p. 10.

³⁰² *O Non dubitare, egli è verissimo. Le cose quanto sono migliori tanto più durano, tanto più ti onorano, tanto più ti contentano, tanto più si riguardano. E vogliansi avere in casa le cose buone, e averne in copia quanto basti.*

Pela fala de Giannozzo, percebemos que a organização dos bens é um fator oriundo da racionalidade econômica. Conforme a atuação do administrador, a gestão familiar poderá ter períodos de abundância ou escassez. Alberti traz o exemplo de Giannozzo para identificar o ordenamento dos bens com o período de abundância. Assim, a reflexão de Alberti contribui para a percepção de que, na Florença entre o final do século XIV e início do XV, havia uma preocupação em construir caminhos de aperfeiçoamento das práticas econômicas, na medida em que se procurava encontrar formas de otimização dos ganhos.

Por meio da obra de Alberti, identificamos a noção de racionalidade econômica enquanto uma possibilidade, a partir de princípios éticos, de preservar os bens e garantir o período de abundância em uma família. Nos *Libri della Famiglia*, além da organização dos bens, outro fator influencia na racionalidade econômica: o tempo. Não perder tempo com coisas fúteis está aliado com saber administrar os bens. Como nos referimos anteriormente, o gestor deve atribuir tarefas para cada membro da família. Essa forma de atribuir tarefas busca a otimização do tempo.

Nos *Libri*, o tempo está a serviço da *masserizia*. Segundo Marianna Villa³⁰³, o aproveitamento do tempo é o indicativo de uma visão econômica própria dos envolvidos na atividade mercantil, a exemplo das reflexões contidas no *Libro dei buoni costumi* de Paolo da Certaldo.

E quello detto d'alcuni e' quali dicono essere meglio carestia di piazza che dovizia di casa, mi pare solo vero in una famiglia disordinata e senza regola. Ma chi per tempo e con ordine sa regolare sé e' suoi, a costui giova avere la casa doviziosa e abbondante d'ogni bene. Né si potrebbe dire a mezzo quanto in ogni cosa sia nocivo il disordine, e per contrario utilissimo l'ordine, né so quale più sia alle famiglie dannoso o la straccuraggine de' padri o il disordine della famiglia. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 253.

³⁰³ VILLA, Mariana. L'etica del lavoro nel Quattrocento letterario: sondaggi nei *Libri della famiglia* albertiani. In: "Quaderni di Italianistica", 32, 2014, 91-116.

Alberti fala do tempo como uma categoria humana, apoiado em uma reflexão aristotélica³⁰⁴. Para o florentino, o homem é constituído de alma, corpo e tempo³⁰⁵. Essas três características, em sua totalidade, contribuem para a *masserizia*³⁰⁶. De acordo com a fala de Giannozzo, o tempo contribui para a racionalização da economia, pois o bom aproveitamento do tempo organiza as atividades a serem desenvolvidas e potencializa os ganhos de produção. O velho Giannozzo, em conversa com Leonardo, apresenta-se como bom administrador, quando diz que aproveita o tempo com atividades louváveis (*essercizii lodati*) e não gasta tempo com coisas vis (*cose vili*)³⁰⁷. O ancião prossegue sua reflexão e aconselha seu interlocutor a evitar o ócio (*ozio*)³⁰⁸. Alberti, por meio de seu parente, atualiza uma discussão sobre o ócio e o trabalho³⁰⁹.

Giannozzo indica um planejamento satisfatório para a realização de atividades ao longo do dia. O velho mercador se pergunta quais tarefas devem ser feitas durante o dia e, após uma análise prévia, executa o que foi planejado. Afirma Giannozzo:

De manhã, de início, quando me levanto, eu me pergunto: que deverei fazer hoje? Tal e tal coisa: eu os enumero, reflito, e, para cada uma, eu atribuo seu momento: a

³⁰⁴ DANZI, Massimo. Governo della casa e "scientia oeconomica" fra Medioevo e Rinascimento: nota sulla "Famiglia" di Leon Battista Alberti. In: Furlan, F.; Laurens, P. & Matton, S. (Ed.). *Leon Battista Alberti*. Paris. Torino, Paris: Aragno; Vrin, 2000. p. 151-170. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:21705>. p. 165.

³⁰⁵ DANZI, Massimo. "L'uomo albertiano è proprietario e gestore di tre cose, l'anima, il corpo e il tempo (III, 455-752). Ibidem. p. 165.

³⁰⁶ *Ora avete voi, figliuoli miei, l'operazioni dell'animo, il corpo e il tempo, tre cose da natura vostre proprie, e sapete quanto le siano preziose e care. Per rimedire e sanare il corpo ogni cosa preziosa si sponne, e per rendere l'anima virtuosa, quieta e felice, s'abbandona tutti gli appetiti e desiderii del corpo; ma il tempo quanto e a' beni del corpo e alla felicità dell'anima sia necessario, voi stessi potete ripensarvi, e troverrete il tempo essere cosa molto preziosissima. Di queste adunque si vuole essere massaiò tanto e più diligente quanto elle più sono nostre che altra cosa alcuna (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 179. (grifo nosso)

³⁰⁷ *Dissi io la masserizia sta in bene adoperare le cose non manco che in conservalle, vero? Adunque io quanto al tempo cerco adoperarlo bene, e studio di perderne mai nulla. Adopero tempo quanto più posso in essercizii lodati; non l'adopero in cose vili, non spendo più tempo alle cose che ivi si richiegga a farle bene (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 186. (grifo nosso)

³⁰⁸ (...) *E per non perdere di cosa si preziosa punto, io pongo in me questa regola: mai mi lascio stare in ozio, fuggo il sonno, né giaccio se non vinto dalla stracchezza, ché sozza cosa mi pare senza repugnare cadere e giacere vinto, o, come molti, prima aversi vinti che certatori. Così adunque fo: fuggo il sonno e l'ozio, sempre facendo qualche cosa (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 186-187. (grifo nosso)

³⁰⁹ De acordo com Marianna Villa, a crítica feita por Alberti ao ócio corrobora para o elogio do trabalho. VILLA, Mariana. Op. cit. p. 99. "La condanna dell'ozio, in Alberti, è funzionale all'esaltazione del lavoro, definito attraverso il termine 'operazioni' (...). Sobre a discussão da noção de ócio em Alberti, cf. VITULLO, Juliann. "Otium" and "Negotium" in Alberti's "I libri della famiglia". In: *Annali D'Italianistica*. Vol. 32, 2014, 73-89. O autor, no trabalho em questão, analisa a ambivalência da noção de ócio nos Libri.

primeira pela manhã, essa ao longo do dia, a terceira essa noite. E, assim, eu chego a fazer tudo de maneira ordenada, e com quase nenhum cansaço³¹⁰.

A indagação “Que deverei fazer hoje?” expressa uma preocupação com a boa utilização do tempo. As escolhas das tarefas cotidianas interferem no êxito da gestão e, portanto, Giannozzo reflete quais tarefas aperfeiçoam os ganhos econômicos. Não saber como organizar as tarefas do dia é uma característica do homem irresponsável, de acordo com o ancião³¹¹.

Chamamos atenção para o fato de que a noção de tempo em Alberti não pode ser reduzida à defesa do enriquecimento das famílias. O tempo deve ser utilizado para atividades úteis e que engrandeçam a virtude da família e do indivíduo. Michel Paoli³¹² afirma que a centralidade da reflexão de Alberti não é o enriquecimento, embora pondere a presença do discurso dos homens de negócios na elaboração dos *Libri*. Nesse sentido, é preciso considerar o tempo como auxiliadora da administração doméstica e não como meio para a prática da avareza³¹³.

Em Alberti, a boa gestão dos bens resulta na preservação do status social da família. No fim do Livro III, Giannozzo diz que os que seguem os conselhos da boa administração serão “afortunados, amados e honrados”.³¹⁴ Percebemos que o princípio da racionalidade objetiva não somente organizar o patrimônio familiar, mas indicar o status social de alguns grupos sociais. Nesse sentido, a racionalidade atribui sentido às práticas econômicas feitas pelos Alberti e legitima o lugar de honra dessa mesma família.

³¹⁰ (...) *La mattina, prima, quando io mi levo, così fra me stessi io penso; oggi in che arò io da fare? Tante cose: annòverole, pensovi, e a ciascuna assegno il tempo suo: questo stamane, quello oggi, quell'altra stasera. E a quello modo mi viene fatto con ordine ogni faccenda quasi con niuna fatica (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 187.

³¹¹ (...) *All'uomo negligente fugge il tempo (...).* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 187.

³¹² PAOLI, Michel. *La question de la richesse et de l'enrichissement dans les livres De Familia d'Alberti*. In: _____ (org.). *Les livres de la famille d'Alberti: sources, sens, influence*, Paris: Classique Garnier, 2013. p. 133.

³¹³ A questão da avareza será aprofundada em outro capítulo.

³¹⁴ *Se adunque così vi pare, a chi di voi, sendo quanto sete prudenti, non piú piacerà produrre in publico due lodatori della diligenza vostra che quattro testimonii, e' quali a tutti gli occhi a chi gli miri accusino la vostra negligenza? Vero? Adunque così fate: sian le spese pari o minori che la intrata, e in tutte le cose, atti, parole, pensieri e fatti vostri siate giusti, veritieri e massai. Così sarete fortunati, amati e onorati* (grifo nosso). ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 277.

A racionalidade contribui para entendermos os limites e vantagens da noção de Economia para L. B. Alberti. A racionalidade não deve ser entendida como um instrumento de mensuração de riquezas ou estratégias de aumento da produção³¹⁵. Pelo contrário, a racionalidade permite-nos analisar como sociedades pré-capitalistas se valeram de estratégias para organizar as trocas comerciais e obter ganhos. No caso em questão, os *Libri* tratam de uma racionalidade que se mostra útil à noção de economia desenvolvida pelo escritor florentino. A economia albertiana é pensada enquanto forma de organização dos bens, a partir de um elemento “racional” que orienta as atividades domésticas (as tarefas de manutenção da casa, a produção agrícola e outras atividades de obtenção de riquezas), em vista do melhor aproveitamento dos ganhos.

A reflexão sobre a administração da casa, em Alberti, indica como a noção de economia vai além do interesse em legitimar o mercado e está mais preocupada em expressar uma experiência pessoal e exemplar para seus contemporâneos. Giannozzo diz no fim do Livro III:

(...) Guardem isso ao espírito, meus filhos: que vossas despesas não sejam jamais superiores a vossas entradas; ao contrário, quando tu podes manter três cavalos, prefira em ver dois bem gordos e bem cuidados do que quatro esfomeados e mal providos, porque, como outros escritores tinham costume de dizer, o olho do mestre faz engrandecer o cavalo, isso significa, de acordo comigo, que devemos alimentar a família não menos pela diligência do que pela despesa. É desse modo, segundo ti, que é preciso interpretar essa antiga expressão?³¹⁶

Giannozzo conclui sua reflexão sobre a economia, demonstrando que o administrador doméstico deve se valer da racionalidade: não gastar mais do que ganha. A racionalidade normatiza os atos dos indivíduos e orienta as opções vantajosas para os atores econômicos. Na medida em que o administrador não gasta mais do que ganha, o autor escolhe uma opção racional, em vista do funcionamento da casa. O velho mercador também associa a maneira mais

³¹⁵ Segundo essa visão, a racionalidade se aplicaria para as sociedades de mercado e, portanto, não seria operante para as sociedades medievais. Sobre a questão, cf. TONEATTO, Op. cit., 2010, p. 76.

³¹⁶ (...) *Terrete questo a mente, figliuoli miei: siano le spese vostre più che l'entrate non mai maggiori; anzi, ove tu puoi tenere tre cavalli, piacciati vederti più tosto due ben grassi e ben in punto che quattro affamati e male forniti, imperoché, come voi litterati solete dire l'occhio del signore ingrassa el cavallo, questo intendo io, che non manco si nutrisce la famiglia con diligenza che con ispesa. Pare a voi così da interpetrar quel detto antico?* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 277.

racional de administrar a casa com a diligência do administrador. Nesse sentido, o autor faz uma referência explícita ao Econômico de Xenofonte (XII, 20)³¹⁷, quando fala que a criação do cavalo depende do olhar do mestre. Do mesmo modo, o administrador da casa deve ser diligente e prover todas as coisas necessárias para seus dependentes. A prudência faz com que o administrador da casa saiba o que e como gastar.

As ações do gestor familiar caracterizam os níveis de atuação da noção de economia em Alberti: o espaço doméstico e a cidade florentina. Não podemos reduzir a proposição teórica de Alberti a uma análise puramente doméstica. Ao falar da experiência da família Alberti com a economia, o autor está preocupado em: 1- defender uma noção de economia, 2- aplicar a experiência da economia familiar para a cidade florentina, 3- justificar as principais práticas econômicas para o crescimento de Florença.

Considerações finais

O capítulo buscou demonstrar a aplicabilidade da noção da administração doméstica, para a análise da economia albertiana. A maior vantagem oferecida pelo estudo da gestão do espaço familiar é perceber como Alberti centrou sua atenção na dimensão da economia doméstica, estabelecendo articulações com a economia da cidade de Florença. O espaço privado da casa dá condições do florentino tecer considerações sobre a boa gestão dos ganhos. Nesse sentido, o espaço da casa serve de base para o que Alberti pensa da economia, em suas relações com a sociedade florentina.

A atenção de Alberti pela economia doméstica revela a originalidade do autor, considerando os escritos sobre economia produzidos nos séculos XIV e XV, a exemplo do *Libri di buoni costumi*, do *Libro de l'arte de la mercatura* ou dos *ricordanze*. Podemos apresentar

³¹⁷ De acordo com a edição de Maxime Castro. Cf. CASTRO, Maxime. Op. cit. p. 410.

duas razões centrais que explicam o porquê de Alberti centrar sua análise na economia doméstica: 1- Aproveitar a experiência de seus parentes, particularmente Giannozzo, para justificar a participação dos Alberti, nas atividades mercantis da época. 2 – Indicar que, para o autor, o sucesso econômico depende de uma experiência de gestão oriunda do espaço privado. Para Alberti, o chefe de família que gere bem sua casa tem condições de também gerir com esmero qualquer atividade de mercado (comércio ou atividade bancária), na cidade de Florença.

A preocupação de Alberti com a administração doméstica encontra fundamento na leitura da obra de Xenofonte, embora tenhamos ponderado os devidos distanciamentos temporais (séc IV a.C., séc. XV) e espaciais (Grécia Antiga, Florença). O que nos interessou, na análise da retomada de Xenofonte por Alberti, foi a atenção pelo *Oikos*, no princípio da administração. Nessa perspectiva, a noção da “Oikonomia” estabelece as articulações entre a gestão dos bens e das pessoas (*episkepsis*) e o sentido mesmo da economia.

Destacamos que Alberti trata da administração doméstica, considerando a Florença de seu tempo, principalmente o século XV. No capítulo anterior, comentamos sobre aspectos da sociedade florentina na época de Alberti, a exemplo das querelas políticas, o exílio de seus parentes, a formação de alianças matrimoniais e a consolidação da companhia Alberti. É nesse contexto que as proposições de Alberti são elaboradas. Portanto, a experiência social de Alberti e de seus parentes em Florença estão articuladas com as discussões econômicas contidas nos LDF.

O capítulo também procurou demonstrar a operacionalidade da noção de racionalidade econômica, no âmbito da administração dos bens privados. A racionalidade ajuda-nos a perceber que a economia das sociedades medievais tem particularidades que não se distinguem das reflexões sobre a economia de mercado. Os *Libri*, por exemplo, sugerem uma noção de economia que se apoia em fundamentos éticos, em vista da situação da família na sociedade florentina. Em nosso entendimento, a formação de mercado e a racionalidade como propulsora

do crescimento econômico oferecem vantagens para a análise da noção de economia nos *Libri della Famiglia*.

Ao analisarmos as considerações de Alberti sobre a administração doméstica, percebemos que a noção de racionalidade se relaciona com a obra do escritor florentino. Quando os LDF tratam do administrador doméstico é possível perceber que o autor está preocupado com o melhor aproveitamento do patrimônio familiar, por exemplo. Assim, não seguir os comportamentos adequados para o administrador significa não agir de forma racional, pois, nesse caso, o *massaio* não cumpre a função básica do administrador que é preservar o patrimônio familiar. Portanto, a ação racional em Alberti pode ser encontrada em orientações como a gestão da casa, as tarefas desempenhadas pelos membros da família e a otimização do tempo.

A expressão da racionalidade, contida, sobretudo, no princípio da *masserizia*, permite-nos perceber que Alberti associou as estratégias de melhor aproveitamento dos ganhos com princípios éticos. Assim, interessa-nos investigar, no próximo capítulo, a importância da ética econômica, nos *Libri*. A partir das discussões feitas nesse capítulo, partimos do princípio de que a racionalidade é dependente de uma visão ética da economia.

Capítulo III - Práticas mercantis e uso dos bens: uma nova ética econômica?

*Olhai, guardai-vos de toda ignorância, porque a vida de alguém não consiste na abundância de suas posses*³¹⁸.

No presente capítulo, analisaremos de que forma a noção de economia proposta por Alberti está baseada em princípios éticos. Nesse sentido, utilizamos o conceito de ética econômica, com o propósito de investigar como o autor florentino se vale de comportamentos considerados úteis para a defesa de sua visão sobre a importância da economia para a sociedade, considerando as práticas econômicas da época, principalmente as atividades mercantis.

A noção de ética econômica traz contribuições para a pesquisa, por indicar como as reflexões econômicas de Alberti são justificadas por meio de comportamentos exemplares. A aplicabilidade da noção de ética econômica, na análise dos *Libri della Famiglia*, permite-nos pensar na relação entre “ética” e “economia”, na Florença do século XV.

Na contemporaneidade, cientistas sociais e economistas, a exemplo de Amartya Sen³¹⁹ e Deirdre McCloskey³²⁰, discutem a relação de dependência entre a ética e a economia. Esses pesquisadores demonstram que qualquer análise econômica está relacionada com comportamentos éticos. Nesse sentido, as ciências sociais³²¹ (sociologia econômica e antropologia econômica) procuram identificar os diferentes níveis de imbricação entre o social, o ético e o econômico. A partir dessas reflexões contemporâneas oferecidas pelos cientistas sociais, na esteira das obras clássicas de Max Weber (*Economia e Sociedade*³²² e *Ética*

³¹⁸ Lucas 12, 15. Bíblia: Novo Testamento: os quatro Evangelhos. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

³¹⁹ SEN, Amartya. *On Ethics and Economics*. Blackwell, 1992.

³²⁰ MCCLOSKEY, Deirdre. *The Bourgeois Virtues: Ethics for an Age of Commerce*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

³²¹ MCCLOSKEY, Deirdre. "Missing Ethics in Economics." In *The Value of Culture: On the Relationship between Economics and Arts*, edited by Klammer Arjo, 187-202. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1996. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt46mwr9.15>.

³²² Cf. WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1, Editora da UnB, 2012.

*protestante e o espírito do capitalismo*³²³), buscamos perceber como a relação “economia” e “ética” é aplicável para o estudo da História Econômica e Social da Florença do século XV.

De acordo com Valentina Toneatto³²⁴, o estudo da noção de ética econômica, no campo específico da História Medieval, desenvolveu-se por volta dos anos 80 do século XX, a partir de trabalhos produzidos ou organizados por pesquisadores italianos, a exemplo de Ovidio Capitani³²⁵ e Giacomo Todeschini. Segundo afirma Toneatto³²⁶, esses trabalhos contribuíram para um debate historiográfico acirrado sobre a dinâmica da economia medieval. No debate em questão, a centralidade das discussões era os limites da relevância da noção de economia para o estudo do período medieval³²⁷. Retomando as questões dos primitivistas e modernistas, historiadores indagaram sobre as características da economia medieval, principalmente nas discussões sobre as condições de pensar o período em termos pré-capitalistas, ou, de outro ponto de vista, a impossibilidade de se tratar de uma economia racional, antes da consolidação do capitalismo³²⁸.

A noção de ética econômica traz a vantagem de perscrutar como uma sociedade, antes do estabelecimento do mercado capitalista, foi capaz de atribuir valor moral às atividades que envolviam aquisição ou troca de bens. A ética da economia sugere que certos valores (virtudes) são justificados e orientam a prática econômica. Nessa perspectiva, através da noção em

³²³ Cf. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³²⁴ TONEATTO, Valentina. *Élites et rationalité économique. Les lexiques de l’administration monastique du haut Moyen Âge*. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). *Les élites et la richesse au haut Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 73.

³²⁵ Cf. CAPITANI, Ovidio (dir.). *L’etica economica medievale*, Il Mulino, Bologna, 1974.

³²⁶ Toneatto, Valentina. *Ibidem*. p. 73.

³²⁷ “D’un côté, les tenants d’une vision classique du développement de la pensée économique occidentale placent son véritable essor à l’époque de la Scolastique, préfigurant le neo-Scolastique et le mercantilisme des XVIe – XVIIe siècles, pour aboutir à la naissance du capitalisme. De l’autre, on a fait valoir l’impossibilité de considérer l’existence et l’émergence d’une sphère économique indépendante avant la révolution industrielle, en mettant en garde contre l’anachronisme d’une démarche se donnant pour objectif les origines de la modernité”. In: TONEATTO, *Ibidem*. p. 74.

³²⁸ Tal debate é sinalizado por Marcelo Cândido da Silva, quando analisa o impacto da obra de Polanyi, *A grande transformação*, nos estudos sobre a economia medieval. Cf. SILVA, Marcelo Cândido da. *Valor e cálculo econômico na Alta Idade Média*. Tempo, Jan; 26 (1), p. 147-163, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2019v260108>.

questão, consideramos oportuno analisar: 1 - as estratégias de avaliação das boas práticas econômicas, por parte da sociedade, 2 - os efeitos individuais ou coletivos das atividades econômicas ilícitas, 3 - os recursos discursivos de legitimação das virtudes econômicas (figuras de linguagem ou referência a textos da tradição cristã).

O capítulo está organizado em três partes. Assim, as partes 1 e 2 discutem a particularidade da proposição ética de Alberti, em relação aos comportamentos econômicos e suas consequências, sejam eles bons ou maus (a avareza). Em seguida, a parte 3 trata das proposições éticas oferecidas pelos escritores florentinos do século XV, no que se refere à importância das riquezas para a consolidação das atividades mercantis da época. As reflexões dos humanistas do *Quattrocento*, embora tratem da importância da riqueza para a sociedade, não podem ser entendidas como opostas ao léxico econômico do cristianismo presente nos escritos e discursos dos Pais da Igreja, dos Mestres Franciscanos e das confrarias florentinas. Como pretendemos demonstrar ao longo do capítulo, a ética econômica estabelece relação de complementaridade com a racionalidade expressa pela administração dos bens domésticos, nos *Libri*.

3.1 O léxico da economia virtuosa: pobreza e riqueza em L. B. Alberti

Nos *Libri*, a correta utilização dos bens materiais é justificada por meio de uma ética. Como ressaltamos anteriormente, a aplicabilidade da noção de ética econômica, na obra de Alberti, possibilita-nos questionar quais são os interesses do autor em promover um modelo virtuoso de economia. Desse modo, além de apresentar as razões pelas quais Alberti defende o bom uso dos ganhos familiares, interessa-nos analisar de que modo as noções de pobreza e riqueza orientam a definição da economia virtuosa de Leon Battista Alberti, nos *Libri della Famiglia*.

O estudo sobre a riqueza e o enriquecimento nos *Libri* feito por Michel Paoli³²⁹, em artigo publicado no livro “*Les Livres de la famille d’Alberti: sources, sens et influence*”, apresenta, com afinco, os níveis de importância da pobreza e da riqueza para Alberti, ao longo dos quatro livros da obra. Como sinalizamos anteriormente, o estudo de Paoli teve o mérito de apresentar uma análise detalhada sobre as diferentes visões do autor florentino sobre a riqueza³³⁰. Se, no livro I, o autor dá mais importância às virtudes oriundas de uma vida sem opulência, no livro III, a riqueza é considerada necessária para a honra familiar. Referenciamos a obra de Paoli, por nos auxiliar em nosso objetivo de análise do par pobreza/riqueza na proposição econômica de Alberti. No entanto, distanciamos-nos do exercício metodológico escolhido por Paoli, por estarmos mais interessado na análise dos vocábulos, em sua relação com a proposta econômica do autor florentino.

A economia virtuosa, em Alberti, é definida por sua capacidade de dar condições às famílias de organizar os bens conquistados. No início do Livro III, Giannozzo estabelece uma oposição entre riqueza e pobreza. Enquanto a riqueza segue o princípio da utilidade³³¹, a pobreza serve de empecilho para uma vida digna. Giannozzo afirma: “e aquele que vive na pobreza, meus filhos, sofre nesse mundo algumas necessidades e privações inúmeras, ao ponto que é preferível morrer que viver na miséria”.³³² A fala do ancião é feita em um momento que procurava justificar, para seu interlocutor, a importância da administração doméstica. A repreensão da pobreza, por parte de Alberti (“é melhor morrer que viver na miséria”), pode ser

³²⁹ PAOLI, Michel. Op. cit.

³³⁰ O estudo de Paoli também tem a vantagem de apontar para o peso das questões da experiência pessoal do autor, na discussão sobre a riqueza nos *Libri*. O autor apresenta as seguintes questões: “Immense richesse du père, Lorenzo degli Alberti, et de la famille en général; puis, dépendance financière à l’égard de ses cousins, héritiers de la fortune de Lorenzo; état de pauvreté (toute relative) pendant une partie au moins de ses études à Bologne; début d’indépendance quand il obtient un premier bénéfice ecclésiastique, quelques années avant que la branche florentine de la famille ne connaisse la ruine”. PAOLI, Michel. Op. cit. p. 121.

³³¹ O trecho citado foi discutido no capítulo anterior, com a intenção de analisar a importância da utilidade dos bens para a *masserizia*. O nosso intuito aqui é perceber a relação de oposição entre a riqueza e a pobreza, na perspectiva do Giannozzo.

³³² “*E chi vive povero, figliuoli miei, in questo mondo sofferà molte necessità e molti stenti, e meglio forse sarà morire che stentando vivere in miseria (...)*”. ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 170.

entendida como um distanciamento do florentino das proposições éticas formuladas pelos Mestres Franciscanos, por exemplo, na Itália dos séculos XIII e XIV. Nesse sentido, a visão econômica de Alberti parece se associar às indicações dos humanistas sobre a importância da riqueza para a sociedade, conforme assinalou Patrick Gilli.

A nosso ver, a repreensão de Alberti à pobreza e suas implicações para a gestão familiar não podem ser entendidas como uma simples oposição à ética econômica defendida por parte da ordem mendicante. Em primeiro lugar, a pobreza é identificada como uma limitação para que um pai de família possa ter condições de prover às necessidades de seus dependentes. Em seguida, a reflexão de Giannozzo sobre a pobreza diz muito da experiência dos Alberti na economia florentina. Nesse sentido, Alberti quis trazer para os *Libri* uma discussão sobre a importância da prudência para a economia doméstica, mais do que simplesmente se opor às reflexões dos franciscanos.

A discussão da pobreza e riqueza, nos *Libri*, como já salientou Michel Paoli, não pode ser pensada de forma homogênea. É impossível indicar uma definição única do que seria a pobreza ou a riqueza, para Alberti. Ao longo dos quatro livros, percebemos uma gradação da importância da riqueza, entre os livros I e II e o livro III, por exemplo. No livro I, por meio de Lionardo, Alberti elabora comentários sobre a importância dos bons costumes para a criação dos filhos, deixando em segundo plano a discussão sobre a aquisição de bens:

Não te nego que os pais, bem mais que todos os outros, de suas mãos e de seus pés, de todos seus nervos, de toda sua indústria e de todo seu julgamento, tanto que eles possam, devem se esforçar em dar a seus filhos bons costumes e uma muito grande honestidade; e porque isso serve de utilidade de sua família – o costume em um jovem não é menos estimado que a riqueza, e *etiam* porque isso fornece ornamento e importância à casa, à pátria, a eles mesmos. Os filhos de bons costumes atestam e glorificam a diligência de seu pai. E estimamos, se não erro, que os cidadãos virtuosos e honestos são mais úteis à pátria que os ricos e os poderosos³³³.

³³³ (...) *Non ti niego però ch'e' padri soprattutto piú che gli altri debbano colle mani e co' piedi, con tutti e' nervi, con ogni industria e consiglio, quanto possono sforzarsi ch'e' figliuoli sieno costumati e onestissimi, si perché fanno l'utile de' suoi, – il costume in uno giovane si stima certo non meno che la ricchezza, – si etiam perché rendono ornamento e pregio alla casa e alla patriasua e a sé stesso. I figliuoli costumati sono testimoni e lodo della diligenza de' loro padri. E stimasi meglio essere alla patria, s'i' non erro, e' cittadini virtuososi e onesti che i ricchi molto e possenti (...).* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem*. p. 46.

Lionardo discute sobre a importância de preservar os bons costumes nos filhos, em detrimento do acúmulo de bens dos ricos e poderosos (*i ricchi molto e possenti*). Salientamos que o trecho apresentado indica-nos a operacionalidade da ética no campo da economia. No livro I, o fato de um indivíduo ser rico não promove a honra da pátria, mas sim os bons costumes preservados no seio familiar. Assim, notamos que a ética da economia albertiana não pode ser vista como uma simples defesa da riqueza. Importa ao florentino, na perspectiva de uma educação familiar, associar a economia com costumes que promovam o “ornamento e apreço da casa, da pátria e de si mesmo” (*rendono ornamento e pregio alla casa e alla patria sua e a sé stesso*).

No livro I, a riqueza não é desvalorizada enquanto tal, mas é percebida como dependente de costumes que precisam ser inculcados pelos pais aos filhos. No trecho citado, um vocábulo específico pode ser associado ao pai de família que sabe ensinar os bons costumes aos filhos: *diligenza* (diligência). Em Alberti, o pai diligente é uma das características do bom *massaio* (administrador). Aqui visualizamos a formação de um léxico ético econômico, na escrita de Alberti, constituído a partir da discussão sobre a importância da riqueza/pobreza para a sociedade florentina. Entre os diversos vocábulos já indicados nessa pesquisa (*masserizia* e *massaio*), apontamos outros que dialogam com a ética econômica de Alberti, principalmente no campo da administração da casa: *diligenza*, *diligente*, *prudenza* e *prudente*.

Tabela 4 - Ocorrências dos vocábulos relacionados às raízes <i>diligen-</i> e <i>pruden-</i>		
Raíz	Número de Ocorrências	Vocábulos utilizados
<i>Diligen-</i>	153	Diligenza,

		Diligente-i Diligentissimo-i
<i>Pruden-</i>	131	Prudenza Prudente-i Prudentissimo-a-e-i Prudentemente Imprudenza Imprudente

Em outro trecho do livro I, Alberti aborda o tema da riqueza, de acordo com o princípio da utilidade. Por meio de Lionardo, o autor discute de que forma os bens materiais interferem no processo formativo dos filhos. No trecho a seguir, o autor condiciona a riqueza a sua utilidade. Vejamos:

Ninguém deve julgar as riquezas de outro modo que não como uma pena e um inconveniente a quem não sabe bem usá-las, e toda riqueza será se não danosa àquele que não saberá bem usar e conservar. Nem eu gostaria de quem oferecesse um cavalo enérgico e generoso a alguém que não soubesse bem cavalgar³³⁴.

Na frase citada acima, o vocábulo “riquezas” (*ricchezze*) está relacionado com a noção de utilidade (*bene usare*). Percebemos, em Alberti, a utilização de um léxico cristão, para justificar a obtenção de bens. No caso em questão, o *bene usare* não deixa de ser uma releitura das inúmeras discussões do *usus* e do *dominium* propostas pela ordem franciscana, nos séculos XIII e XIV. Portanto, a chamada de atenção de Todeschini³³⁵ para o emprego do léxico econômico cristão, por parte dos mercadores e humanistas, parece-nos válida.

³³⁴ *Né sia chi stimi le ricchezze se non faticose e incommode a chi non sa bene usarle, e sarà se non dannosa ogni ricchezza a colui el quale nolla saprà bene usare e conservare. Né a me piacerebbe chi donasse un cavallo gagliardissimo e generosissimo a un che non bene lo sapesse cavalcare.* p. 55.

³³⁵ Cf. TODESCHINI, Giacomo. *Ibidem*, 2008. Segundo Clément Lenoble, baseado na reflexão de Todeschini, Alberti lança mão da ideia do uso franciscano, para sua reflexão sobre a gestão econômica. Afirma Lenoble: “Formulata nei termini usati dall’A., l’idea di “uso” rinvia specificamente a l’*usus* francescano, un modo di impiegare i beni e di gestire la ricchezza fondato sulle nozioni di bisogno e di necessità (Todeschini 2004, cit.) che

Conforme analisamos no capítulo anterior, a utilidade dos bens é um dos componentes da boa administração. Ressaltamos que a fala de Lionardo sobre a figura do bom administrador não exerce tanta atenção quanto nas formulações de Giannozzo, no livro III. Em Lionardo, a utilidade das riquezas se insere na discussão do processo de formação dos filhos. No entanto, não devemos enquadrar as discussões econômicas de Alberti em um quadro hermético, como se no livro I não houvesse nenhuma preocupação com a administração doméstica. Pelo contrário, os *Libri* devem ser lidos em sua complementaridade. A preocupação de Lionardo com a boa utilização dos bens não anula as considerações da *masserizia* feitas por Giannozzo.

Prosseguindo com a reflexão sobre a importância das riquezas para o processo formativo, Lionardo estabelece uma diferenciação entre as noções de pobreza e riqueza. No processo de formação, os pais devem orientar seus filhos para que saibam suportar a situação econômica desfavorável:

Mas certo será maior herança deixar aos filhos tal educação de alma que saibam mais suportar a pobreza que resolver pregar ou servir para obter riquezas. A herança que será considerável será aquela que satisfará não somente todas tuas necessidades, mas também teus desejos. Chamo aqui vontade somente aquilo que seja honesto (...).³³⁶

Segundo Lionardo, os pais devem orientar seus filhos para que saibam suportar a pobreza, mais que o desejo de acumular bens. Nesse sentido, nos *Libri della Famiglia*, o problema não está na ausência de bens materiais em si, mas em não saber suportar as dificuldades trazidas pela pobreza. Essa chamada de atenção para os modos de saber suportar a pobreza encontra justificção na própria experiência de Alberti, quando as dificuldades financeiras estiveram presentes em sua vida, precisamente no tempo de estudos em Bolonha³³⁷.

presiede in pratica alla gestione dei conventi francescani (Lenoble, *L'exercice de la pauvreté. Gestion et gouvernement des âmes chez les franciscains d'Avignon (XIVe-XVe siècle)*, à paraître)". In: LENOBLE, Clément. Il Contributo italiano alla storia del Pensiero – Economia (2012). Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/leon-battistaalberti_%28II-Contributo-italiano-alla-storia-del-Pensiero:-Economia%29/. Acesso em 27/04/2019.

³³⁶ (...) *Ma certo sarà maggiore eredità lasciare a' figliuoli tale istituzion d'animo che sappino più tosto sofferire la povertà, che indurse a pregare o servire per ottenere ricchezze. Assai ti sarà grande eredità quella la qual satisfarà, non tanto a tutte le tue necessitati, ma e alle voglie. Chiamo qui io voglia sol quella che sia onesta (...).*

³³⁷ PAOLI, Michel. Op. cit. p. 121.

O emprego do vocábulo *povertà* não deve ser entendido como um elemento antagônico à noção de riqueza. Na fala de Lionardo, a riqueza que não tenha uma utilidade pode ser mais prejudicial que a situação de pobreza. Nessa perspectiva, a ética econômica de Alberti não pode ser analisada através de uma leitura reducionista das noções de pobreza e riqueza. Interessantes, por outro lado, investigar como diferentes menções às situações econômicas (favoráveis ou desfavoráveis) corroboram para a reflexão ética de Alberti. Na reflexão de Lionardo, por exemplo, é reprovável os casos em que a riqueza não está amparada na utilidade ou, como vimos no trecho anterior, na honestidade (*onesta*).

Em torno da utilidade dos bens, Lionardo ainda estabelece uma diferenciação entre o útil e o supérfluo: “(...) Todo fardo supérfluo é difícil de suportar. Isso que não suportamos cai facilmente, e sabemos que nada é mais frágil que a riqueza”.³³⁸ A distinção entre os bens necessários e a riqueza sem utilidade atende às demandas de uma necessidade, por parte de Alberti, de dar sentido ético à economia florentina, em seus níveis micro (o espaço familiar) e macro (a sociedade). A partir de uma atualização do vocabulário econômico do cristianismo, o autor confere uma leitura particular dos comportamentos necessários para a economia virtuosa.

O vocabulário da boa economia, em Alberti, está a serviço da defesa de costumes que se destinam a serem úteis para as próximas gerações das famílias virtuosas de Florença. O léxico econômico de Alberti não deixa de ser uma forma do autor se posicionar a favor de seu grupo familiar, na participação dos negócios florentinos, conforme discutimos no primeiro capítulo. O florentino, embora utilize um léxico ético do cristianismo, está interessado, a partir de uma perspectiva moralizante, em construir uma imagem positiva de seu grupo social (mercadores, comerciantes e humanistas). Nesse sentido, a leitura ética da economia albertiana é dependente das formas de racionalidade própria do autor, em meio a sua participação na *città* florentina.

³³⁸ *Ogni superchio carico sta difficile a reggere. Quello el quale non si può reggere, facile cade, né cosa alcuna più si pruova fragile quanto la ricchezza.* ALBERTI, Leon Battista. p. 56.

O interesse de Alberti em propor um modelo econômico virtuoso, tomando por base a experiência de sua própria família, é o indicativo de que o autor procurava defender a participação de seus parentes nas atividades mercantis. Alberti, nos *Libri*, elabora um manual familiar, com a preocupação em mostrar como a sua família pode ter sucesso econômico no mercado florentino. Conforme assinala Lionardo, o elemento geracional do *Libri* norteia os bons comportamentos econômicos:

Mas se queres ensinar aos teus filhos a virtude, ensine a suportar, em primeiro lugar, a si mesmo, e melhorar seus apetites e suas vontades, educá-los para que saibam adquirir louvor, graça, e favor muito mais que riquezas, ensiná-los para que sejam dotados como nas outras coisas civis, assim a conservar a honra e a benevolência (grifo nosso)³³⁹.

Na afirmação de Lionardo, encontramos uma percepção de como os valores preservados em seio familiar podem interferir nos comportamentos econômicos. A ética econômica de Alberti, antes de prezar pelo simples acúmulo de bens, centra sua atenção na elaboração de uma memória familiar capaz de indicar o bom relacionamento dos parentes com a produção adquirida. Portanto, os comportamentos familiares conduzem, em primeiro lugar, para um bom relacionamento dos indivíduos com os bens materiais e, por extensão, promovem uma memória virtuosa dos grupos sociais próximos a Alberti.

As orientações, sobretudo no Livro I, sobre como os pais devem proceder na educação de seus filhos, no que se refere ao modo de relacionar com os bens, indicam a maneira que a ética econômica de Alberti nasce de uma reflexão pessoal, a partir das atividades econômicas desenvolvidas por sua família. Essa atenção pelos comportamentos familiares, em Alberti, enseja um vocabulário econômico centrado no espaço familiar. Portanto, o lugar de conservação dos bons costumes é o espaço doméstico. Trata-se de uma ética do *oikos* (casa) que reverbera nas práticas econômicas do mercado florentino.

³³⁹ *Però si vuole insegnare a' tuoi virtù, farli imparare reggere sé in prima ed emendare gli appetiti e le volontà sue, instituirli che sappino acquistare lodo, grazia e favore molto più che ricchezze, ammaestrarli che sieno dotti come nell'altre cose civili, così a conservarsi onore e benivolenza* (grifo nosso). ALBERTI, L. B. p. 56.

No final do livro I, Lionardo termina sua reflexão sobre a pobreza, considerando ser mais honroso viver em situação de pobreza, mas com virtudes, do que ser rico e não praticar os bons comportamentos. Na reflexão de Lionardo, a situação econômica do indivíduo (rico ou pobre) não é mais relevante que seguir o ideal de virtude proposto ao longo da obra de Alberti. Assim, consideramos oportuno salientar a interferência dos comportamentos exemplares, na reflexão albertiana, para a definição da *oikonomia*. A *virtú*, nos *Libri*, não deixa de ser o centro das proposições econômicas de Alberti. Acompanhemos a fala de Lionardo, sobre a noção de pobreza:

(...) Eu pensaria viver feliz tanto quanto eu poderia. E eu não seria mais afetado de suportar um espírito sereno, sem tormento, isso que sempre, como tu o dizes, suportam os bons. E ser pobre não é uma coisa tão inconveniente de que eu pudesse me envergonhar, Adovardo. Creia que eu julgo que a pobreza possa ser contra mim tão má, tão pérfida, e tão desumana, que ela não me deixasse lugar para as virtudes, que ela não verta alguma recompensa às penas de homem zeloso e medido? E se contar bem, tu encontrarás mais virtuosos pobres que ricos. A vida do homem se contenta com pouco. A virtude se contenta bem com ela mesma. Será bastante rico aquele que viverá contente³⁴⁰.

Lionardo demonstra a seu interlocutor, Adovardo, a não reprovação da situação de pobreza, por parte de um indivíduo. A pobreza, segundo o personagem, não impede que o homem siga o caminho dos comportamentos virtuosos. Lionardo diz que o homem não precisa de muito dinheiro para viver (*La vita dell'uomo si contenta di poco*). Dessa maneira, o personagem representa uma visão própria da pobreza, sem condená-la, já que não considera um impedimento para a preservação da virtude.

Adovardo, em seguida, repreende seu parente, ao dizer que ele não deveria recorrer aos princípios do estoicismo³⁴¹. Percebemos, a partir da conversa de Adovardo com Lionardo, como

³⁴⁰ *Di vivere quanto io potessi lie- to. E non mi dorrebbe troppo con giusto animo, senza molestia soffrire quello che spesso, come tu dici, sofferrano e' buoni. E non è egli già sí brutta cosa essere povero che io me ne vergognassi, Adovardo. Credi tu che io pensi la povertà in me sí cattiva, sí perfida e inumana, ch'ella non dia qualche luogo alle virtù, che ella non renda qualche premio alle fatiche dell'uomo studioso e modesto? E se tu amoverrai bene, piú troverai virtuosi poveri che ricchi. La vita dell'uomo si contenta di poco. La virtù è troppa di sé stessa contenta. Assai sarà ricco chi viverà contento.* ALBERTI, Leon Battista. Op. cit. p. 83-84.

³⁴¹ *Or ben, Lionardo, non m'essere testé meco cosí in tutto stoico (...).* ALBERTI, Leon Battista. p. 84. Alguns trabalham tratam da proximidade de Alberti com o estoicismo. Cf.

os personagens do diálogo assumem visões diferentes sobre a pobreza e a riqueza. Segundo Adovardo: “Tu poderias bem dizer, mas jamais admitirei que a pobreza, para cada um e ainda mais para os pais, seja outra coisa que não muito penosa e lastimável”.³⁴²

Como dissemos anteriormente, uma das limitações da pesquisa sobre as noções referidas, nos *Libri*, é a impossibilidade de conceituá-las de forma uniforme. A noção de pobreza de Lionardo, no livro I, contrasta com as visões propostas por Adovardo e Giannozzo, por exemplo. No livro II, o próprio Lionardo apresenta uma discussão diferenciada sobre a questão da riqueza, ao dialogar com Leon Battista e Carlo Battista. No final do segundo livro, Lionardo tece ampla discussão acerca da importância da riqueza para a honra familiar. O personagem demonstra seu ponto de vista, a partir do cruzamento entre a importância da riqueza e o julgamento das atividades mercantis desenvolvidas pelas famílias do círculo de Alberti. Lionardo afirma:

No presente, como as riquezas, para as quais quase todos praticam uma autoridade, são muito úteis para preservar com louvor e favor nisso que empreendemos a fim de adquirir amizade, honra e renome, mas cabe dizer de que forma adquirimos as riquezas e de que forma as conservamos.³⁴³ (grifo nosso).

O trecho citado nos dá uma dimensão de como o autor se vale de elementos comportamentais para tratar das atividades econômicas. Nesse sentido, a reflexão sobre a forma de adquirir e conservar bens está associada a ideia da família ser portadora de “amizade, honra e fama” (*amistà, onore e fama*). Após a chamada de atenção de Lionardo, o autor procura justificar a consolidação de uma ética econômica, ao trazer para o debate a questão da participação da família Alberti nos negócios mercantis.

³⁴² *Tu potresti ben dire, non però che mai io ti confessi la povertà in ogni e piú ne' padri non essere molto brigosa e misera (...)*. ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 84.

³⁴³ *Ora, perché le ricchezze, per le quali quasi ciascuno in prima si essercita, sono utilissime a perseverare nelle principiate faccende con lodo e grazia, ad acquistarsi amistà, onore e fama, però sarà luogo a dire in che modo s'acquisti ricchezza, e in che modo quelle si conservino* (grifo nosso). ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 148.

Em primeiro lugar, o autor pratica um exercício de avaliação das práticas econômicas: comprar, vender, emprestar e arrecadar³⁴⁴. Sobre a prática da venda, por exemplo, Lionardo não a considera uma atividade vil, mas uma forma de ser retribuído por seus esforços. Sobre a questão, afirma Lionardo:

(...) Pois que, em verdade, vender não pode ser definido como mercenário: tu serves a utilidade do comprador, você paga com seu esforço, você recebe uma recompensa aumentando para os outros isso que não lhe teria custado. Dessa maneira então, você não vende os bens, mas teu esforço; pelos bens, resta o dinheiro recebido na troca; pelo esforço tu recebes isso que foi pago mais (caro) (...).³⁴⁵

Na leitura feita por Lionardo, vender nada mais é do que oferecer a alguém alguma coisa obtida por meio do esforço pessoal. Assim, quem efetua a venda estabelece a soma do próprio produto com o esforço pessoal do vendedor. Portanto, Alberti justifica uma das práticas econômicas presentes em seu tempo. O vendedor, amparado em preceitos éticos contidos nos *Libri*, deve efetuar um cálculo econômico, para o estabelecimento de um preço justo que esteja de acordo com seu cansaço físico (*fatica*).

Lionardo prossegue seus comentários sobre as riquezas e defende a utilização do patrimônio familiar na defesa da república florentina. A personagem argumenta que os gastos públicos não são suficientes para manter a paz da república e, portanto, as famílias deveriam contribuir com essas despesas. Vejamos:

Não podemos sempre alimentar graças somente aos salários do tesouro público aqueles que defendem pelas armas e o sangue a liberdade e a dignidade da pátria; e as repúblicas não podem estender sua autoridade e seu império sem grandes despesas³⁴⁶.

³⁴⁴ Lionardo estabelece uma avaliação das atividades mercantis. Segundo o personagem, há quatro atividades que tornam uma família honrosa: (...) *La qual cosa era una delle quattro quali dicemmo essere necessarie a rendere e mantenere felice una famiglia. Adunque ora cominceremo ad accumulare ricchezze. Forse questo tempo, che già siamo presso al brunire della sera, s'aconfarà a questi ragionamenti. Niuno essercizio, a chi hane l'animo grande e liberale, pare manco splendido che paiono quegli instituti essercizi per coadunare ricchezze. Se voi qui considererete alquanto e discorrerete, riducendo a memoria quali siano essercizii accomodati a fare roba, voi gli troverete tutti posti non in altro che in comperare e vendere, prestare e riscuotere (...)*. ALBERTI, Leon Battista. Op. cit. p. 148.

³⁴⁵ *Già poichè in verità el vendere non è se non cosa mercennaria, tu servi alla utilità del comperatore, paghiti della fatica tua, ricevi premio sopraponendo ad altri quello che manco era costato a te. In quel modo adunque vendi non la roba, ma la fatica tua; per la roba rimane a te commutato el danaio; per la fatica ricevi il soprapagato.* ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 148-149.

³⁴⁶ *Non si può sempre nutrire chi coll'arme e sangue difenda la libertà e dignità della patria solo com stipendii del publico erario; né possono le republike ampliarsi con autorità e imperio sanza grandissima spesa.* ALBERTI, L. B. p. 149.

Por meio da fala de Lionardo, percebemos como os comportamentos econômicos partem do nível elementar da casa e se destinam à sociedade florentina. Nesse sentido, o léxico ético-econômico nos auxilia a analisar as interações entre as dimensões privadas e públicas, na formulação de uma teoria econômica. Lionardo, para justificar a participação das famílias de elite nos negócios da república florentina, cita dois membros da família Alberti: Cipriano Alberti e Benedetto Alberti³⁴⁷. Ambos os parentes foram citados com a intenção de mostrar a necessidade das famílias de elite em participar da vida política da cidade. A ingerência das famílias nas questões da república é pautada numa ética, de acordo com a autoridade da própria experiência dos parentes do escritor florentino. Cipriano Alberti, por exemplo, é chamado de homem prudentíssimo (*uomo prudentissimo*). A referência à participação de famílias nas questões políticas, embora não expresse uma tentativa de regulação do “estado florentino”, sugere o interesse de Alberti em requerer um espaço político para sua família, entre as famílias com acesso ao poder republicano, e traça um panorama de como os costumes familiares impactam a sociedade e a economia de Florença.

Lionardo defende a participação dos Alberti nos negócios mercantis e, para isso, recorre ao léxico ético da economia. No trecho a seguir, a personagem fala da capacidade dos Alberti em estabelecer negócios em diversas partes do mundo, graças à honestidade e integridade de seus parentes:

(...) Eu vejo que, desde longo tempo, nessas atividades puramente pecuniárias como em todas as atividades mais honestas, em Ponant, e em diferentes regiões do mundo, nossa casa Alberti soube se governar **com honestidade e integridade**, se bem que

³⁴⁷ (...) *Anzi, soleva dire messer Cipriano nostro Alberti che lo 'mperio delle genti si compera dalla fortuna a peso d'oro e di sangue. El quale detto d'uomo prudentissimo se si può riputare quanto a me pare verissimo, certo le ricchezze de' privati cittadini le quali soppriranno a' bisogni della patria saranno da crederle utilissime. E secondo che soleva dire messer Benedetto nostro Alberti, quello erario sarà copiosissimo non el quale arà infinite somme di debitori e amplissimo numero di censi, ma ben sarà abundantissimo fisco quello al quale e' cittadini suoi non poverissimi saranno affezio nati, e al quale tutti e' ricchi saranno fedelissimi e giustissimi.* ALBERTI, Op. cit. p. 149-150.

nós temos obtidos perto de todos os povos **uma fama e uma autoridade** que não são negligenciáveis nem indignas de nossos méritos³⁴⁸.

Na continuação da argumentação de Lionardo, o parente de Alberti trata da situação econômica favorável de sua família, ao afirmar que os Alberti são uma das famílias mais ricas de Florença. A riqueza dos Alberti, na perspectiva de Lionardo, é associada com alguns qualificativos de seus parentes mercadores: renomados, sinceros, bons e íntegros³⁴⁹. Assim, a fala de Lionardo explicita a percepção de Alberti sobre a importância de se ter comportamentos adequados para a obtenção do sucesso econômico.

Ressaltamos que as qualificações do indivíduo responsável pela boa economia (*onestà, integrità, fama, autorità, ragione, onore* etc) são justificadas nos *Libri della Famiglia*, com a intenção de situar a experiência exitosa dos Alberti no mercado florentino, principalmente na produção lanífera³⁵⁰.

³⁴⁸ (...) *Io veggo la casa nostra Alberta, come in tutti gli altri onestissimi, così in questi essercizii purè pecuniarii, gran tempo aversi saputo reggere e in Ponente e in diverse regioni del mondo sempre con onestà e integrità, onde noi abbiamo conseguita fama e autorità appresso di tutte le genti non pochissima, né a' meriti nostri indegna.* ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 150.

³⁴⁹ (...) *Dico si può gloriare la casa Alberta che da ducento e più anni in qua mai fu essa sí povera ch'ella non fusse tra le famiglie di Firenze riputata ricchissima. Né a memoria de' nostri vecchi, né in nostre domestiche scritture troverrete che in casa Alberta non sempre fussono grandissimi e famosissimi, veri, buoni e interi mercatanti (...).* ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 150-151.

³⁵⁰ *Adunque in gran traffichi si truovano e' gran guadagni, ne' quali io dubito la fortuna non raro vi s' aviluppi in le mercatantie simili a quelle di quegli nostri Alberti, quando e' facevano per terra venire dall'ultima Fiandra insino in Firenze lane a un tratto quanto bastava a tutti e' pannieri di Firenze insieme e gran parte di Toscana.* ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 155. Em outro capítulo, pretendemos analisar a situação dos Alberti na produção de lã, a partir dos Livros de Família.

Tabela 5 - Ocorrências dos vocábulos que qualificam os agentes da boa economia	
Vocábulo	Número de Ocorrências
<i>Onestà</i>	97
<i>Integrità</i>	6
<i>Fama</i>	100
<i>Autorità</i>	45
<i>Ragione</i>	104
<i>Onore</i>	85

Através de uma reflexão sobre os comportamentos úteis à economia, Alberti reivindica o lugar de importância de sua família na sociedade florentina, em detrimento de famílias de mercadores que eram ricas e, na década de 30 do século XV, passaram pelo processo de falência, a exemplo dos Cerchi, Peruzzi, Scali, Spini e os Ricci³⁵¹. Nessa perspectiva, percebemos a capacidade do autor em racionalizar a economia, tendo em vista a situação das famílias de mercadores florentinos³⁵², na época de elaboração da obra.

Lionardo, ainda no fim do Livro II, afirma que a família Alberti é um modelo a ser imitado, no que se refere à boa economia: “(...) Os mercadores devem se comportar como nossos antigos, como nossos Alberti de hoje, e como se comportarão no futuro nossos Alberti, eu não tenho dúvida (...)”³⁵³. O trecho em questão reforça a importância dos comportamentos

³⁵¹ Tais famílias são citadas por Alberti, no livro II: (...) *Sia ditto da me con onore e reverenza delle famiglie: questo sarà dolersi della fortuna, non biasimarsi de' costumi d'alcuno. Cerchi, Peruzzi, Scali, Spini e Ricci, e infinite altre famiglie nella terra nostra amplissime e oggidì ornatissime di virtù e nobilissime, le quali già abbondavano di grandissime e ismisurate ricchezze, si vede quanto subito, ingiuria della fortuna, sieno cadute in infelicità e parte in grandissime necessitati (...)*. ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 151.

³⁵² A questão foi discutida no primeiro capítulo. Interessa-nos saber a relação dos Alberti com as famílias que passaram pelo processo de falência no século XIV, em que medida os *Libri* é uma resposta à situação de crise econômica vivenciada por mercadores, entre os séculos XIV e XV.

³⁵³ (...) *Vogliono essere e' mercatanti così fatti come furono i nostri passati, come sono i presenti, e non dubito per avvenire sempre saranno i nostri Ao lberti (...)*. ALBERTI, L. B. Op. cit. p. 155.

exemplares, na consolidação da boa economia. Conforme acompanhamos ao longo da parte, as reflexões sobre a pobreza e a riqueza estão imbricadas com a dimensão ética da economia. As falas de Lionardo sobre a pobreza (livro I) e a riqueza (livro II) dialogam com o Econômico (livro III), de acordo com as orientações de Giannozzo. Nesse sentido, sinalizamos as dificuldades de tentar uniformizar as reflexões de Alberti em torno da pobreza/riqueza, ao mesmo tempo em que percebemos as intenções do autor em formular um modelo virtuoso de economia.

3.2 A economia viciosa: a *avarizia*

O estudo da avareza, nos *Libri della Famiglia*, permite-nos analisar um dos principais elementos que compõem a ética econômica de Alberti. Nos *Libri*, a avareza constitui um obstáculo à imitação dos bons comportamentos econômicos³⁵⁴. Assim, a crítica à avareza proporciona, de acordo com a utilidade do dinheiro, a necessidade de regulação da obtenção de riquezas. Do léxico econômico utilizado por Alberti, temos dezessete ocorrências para os vocábulos *avarizia* e *avarizie* (avareza) e vinte e três ocorrências para *avaro* e *avari* (avaro, avarento). Conforme podemos notar na tabela 6, as ocorrências desses vocábulos são mais frequentes no livro III (vinte e uma, no total).

Tabela 6 - Ocorrências dos vocábulos <i>avarizia</i> e <i>avaro</i>					
Vocábulos	Livro I – Ocorrências	Livro II	Livro III	Livro IV	Total
<i>Avarizia</i>	3	6	6	1	16
<i>Avarizie</i> (pl.)	-	1	-	-	1
<i>Avaro</i>	3	1	9	1	14

³⁵⁴ AMORIM, B. G. L. A “economia” em *I Libri della famiglia* de Leon Battista Alberti: uma releitura de Xenofonte? In: LIMA, Marinalva Vilar; CORDÃO, Michelly P. S. (Org). *História, memória e tempo: estudos de apropriações antigas e medievais*. 1. Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2018.

<i>Avari</i> (pl.)	1	1	6	1	9
--------------------	---	---	---	---	---

A primeira ocorrência da *avarizia* encontra-se no livro I, em uma fala de aconselhamento feita por Lourenço aos pais de família. A avareza aparece como característica de um chefe de família que prefere as riquezas em vez da honra familiar. Vejamos o que fala Leonardo:

(...) E os velhos não podem encontrar mais bela forma de adquirir, acrescentar e conservar autoridade e dignidade do que tomando cuidado da juventude, atraindo-a em virtude, tornando-a cada dia mais sábia e mais ornada, mais amada e apreciada, e assim atraí-la em desejo de coisas maiores e supremas, mantendo em procura coisas ótimas e mais louváveis, suscitando nas mentes afetuosas amor de louvor e honra, extinguindo cada uma de suas vontades dissolutas e cada menor desordem deplorável da alma, e assim extirpando cada raiz de vício e toda causa de inimizade, e preenchendo de bons ensinamentos e de bons exemplos, e não fazer como fazem os mais velhos tomados pela avareza, e procurando fazer de seus filhos administradores, tornam-nos miseráveis e servís, estimando mais as riquezas que as honras, eles ensinam a seus filhos as artes grosseiras e as atividades vis (...)³⁵⁵.

Na fala de Leonardo, a avareza é condenável, por não possibilitar boa educação aos filhos. Para Leonardo, os pais de família deveriam conservar a virtude dos filhos, por meio de conselhos e bons comportamentos, e repudiar qualquer desejo de riqueza. Nesse sentido, de acordo com as considerações de Michel Paoli³⁵⁶, observamos um contraste entre a noção de riqueza no livro I e no livro III dos *Libri*. Enquanto, no livro I, Leonardo orienta os pais para o não envolvimento de seus filhos em atividades de gestão de bens ou em atividades mercantis, consideradas artes grosseiras e atividades vis (*arti brutte e vili essercizii*), no livro III,

³⁵⁵ *Né possono bellamente e' vecchi in altro miglior modo acquistare, accrescere e conservare in sé maggiore autorità e dignità, che avendo cura della gioventù, traendola in virtù, e renderla qualunque di più dotta e più ornata, più amata e pregiata, e così traendola in desiderio di cose amplissime e supreme, tenendola in studii di cose ottime e lodatissime, incendiando nelle tenere menti amore di laude e onore, sedando loro ogni dissoluta volontà e ogni minima dislodata turbazione d'animo, e così estirpandogli ogni radice di vizio e cagione di nimistà, ed empiendogli di buoni ammaestramenti ed essempli, e non fare come usano forse molti vecchi dati alla avarizia, e' quali ove e' cercano e' figliuoli farli massai, ivi gli fanno miseri e servili, dove eglino stimano più le ricchezze che lo onore, insegnano a' figliuoli arti brutte e vili essercizii.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 18-19. (grifo nosso)

³⁵⁶ PAOLI, Michel. La question de la richesse et de l'enrichissement dans les livres De Familia d'Alberti. In: _____ (org.). *Les livres de la famille d'Alberti: sources, sens, influence*, Paris: Classique Garnier, 2013. p. 149.

Giannozzo trata da importância da gestão dos bens e das atividades comerciais e faz uma apologia da riqueza para a conservação dos bens familiares.

No livro I, a avareza se relaciona com as atividades vis desenvolvidas pelos mercadores e qualquer prática de acúmulo de bens é rejeitada. De outro modo, Giannozzo, no livro III, valoriza a administração correta dos bens adquiridos pelas atividades comerciais. No livro III, a *avarizia* é atacada não por se associar com as atividades do mercado florentino, mas pelo desejo do enriquecimento sem preocupação com a *masserizia*.

Podemos encontrar a primeira ocorrência da *avarizia*, no livro III, em uma resposta de Giannozzo a Leonardo. Na afirmação do mercador, os avaros correspondem àqueles que não administram satisfatoriamente os bens e se lamentam por qualquer gasto que tenham feito. Acompanhemos a fala de Giannozzo:

Deus nos guarde! Deixemos a avareza àqueles que nos querem mal. Nada é mais contrário à fama e à amabilidade dos homens que a avareza. Terá alguma virtude suficientemente clara e nobre para não ser obscurecida e oculta pela avareza? E é de fato detestável que a alma dos homens muito parcimoniosos e avaros esteja sem interrupção habitada e consumida por um grande e profundo tormento: ora eles esgotam-se para acumular, ora eles se lamentam por terem feito qualquer despesa, esses males castigam sempre os avaros. Eu jamais os vejo felizes, jamais eles gozam da menor parte de sua fortuna.³⁵⁷

Segundo Giannozzo, os avaros não conseguem ter satisfação em seus empreendimentos, ou por prezar pelo acúmulo desenfreado dos bens ou por lastimar as despesas realizadas, mesmo que sejam úteis. As ponderações de Giannozzo sobre a *avarizia* indicam como comportamentos não satisfatórios para uma economia virtuosa são atacados por Alberti. Em Alberti, toda riqueza deve ter uma finalidade justificada, caso contrário, a economia não será virtuosa.

³⁵⁷ *Dio me ne guardi! Avaro sia chi male ci vuole. Nulla si truova tanto contrario alla fama e grazia degli uomini quanto la avarizia. E qual sarà sí chiara e nobile virtù alcuna, la quale non stia oscurata e isconosciuta sotto della avarizia? Ed è cosa odiosissima quanto al continuo abita in l'animo degli uomini troppo stretti e avari, gran rodimento e grave molestia ora affannata in congregare, ora adolorata per qualche fatta spesa, le quali cose pessime sempre vengono agli avari. Mai gli veggo lieti, mai godono parte alcuna delle sue fortune. . ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 170. (grifo nosso)*

Em outro momento do diálogo, no livro III, Leonardo expõe uma definição de avareza e Giannozzo concorda com a afirmação de seu parente. Eis a definição de Leonardo: “Se os gastadores, Giannozzo, vos desagrada, aquele que não gasta não deverá vos agradar. A avareza, bem que ela consiste em desejar muito, como dizem os sábios de hoje, consiste também em não gastar”.³⁵⁸ De acordo com a exposição feita, duas situações com a utilização do dinheiro são rechaçadas: o não gastar (*non spendere*) e o gastar em demasia (*spenditori*). No meio dessas situações opostas, mas igualmente criticadas, encontra-se uma alternativa válida de utilização dos bens: a *masserizia*³⁵⁹.

Da discussão entre Giannozzo e Leonardo, podemos extrair três tipos de personagens econômicos: o pródigo, o avaro e o administrador (*massaio*). Enquanto os dois primeiros gastam bastante ou não gastam, o *massaio* é o personagem ideal, por utilizar os bens conforme o princípio da utilidade. Alberti apresenta diversas formas de uso das riquezas e, a partir delas, escolhe e justifica a melhor maneira de se valer dos bens econômicos.

Em uma menção à usura, no livro II, notamos como Alberti procura legitimar as boas práticas econômicas, por meio de impositivos morais. No caso em questão, a usura e outras práticas viciosas são vistas como maléficas para uma alma nobre e livre. Leonardo diz:

(...) E eu aprovo plenamente que a liberdade seja glorificada por esse julgamento, mas que desse modo, parece-me que excluam a usura, a avareza, como todos os ganhos mercenários e viciosos, porque vocês sabem que a alma submissa à avareza não pode ser livre, e nenhum negócio mercenário é bem digno de uma alma nobre e livre. (...) ³⁶⁰.

No trecho em destaque, retirado de uma conversa sobre as atividades dignas de famílias virtuosas, Leonardo afirma que os ganhos oriundos da usura são viciosos. A fala de Leonardo

³⁵⁸ *Se gli spenditori, Giannozzo, dispiaciono, chi non spenderà vi doverà piacere. L'avarizia, bench'ella stia, come dicono questi savi, in troppo desiderare, ella ancora sta in non spendere.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 173. (grifo nosso)

³⁵⁹ A noção de *masserizia* não pode ser dissociada do estudo da ética econômica de Alberti. Portanto, em termos metodológicos, os capítulos da tese devem ser observados em sua complementaridade.

³⁶⁰ *E molto qui a me piace costoro in questa sentenza comme ndino libertà, però che in quel modo ivi pare escludano usure, avarizie, e tutti e' mercennarii e viziosi guadagni, ché sapete l'animo sottomesso ad avarizia non si può chiamare libero, e niuna opera mercennaria si truova ben degna di libero e nobile animo.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 154. (grifo nosso)

tem a intenção de identificar quais ocupações são próprias para as famílias consideradas honradas, estabelecendo uma comparação entre famílias florentinas³⁶¹. Nessa perspectiva, vemos como a ética econômica proposta por Alberti tem a intenção de conceder subsídios para a virtude familiar e para a escolha racional das atividades de ganhos.

A discussão sobre a avareza nos dá indicações sobre os limites da defesa da riqueza, por parte de Alberti. Corroborando com as discussões de Todeschini, a noção de avareza de Alberti ganha contornos próprios, na medida em que atualiza uma linguagem consolidada sobre o referido tema, ao longo da Idade Média. Portanto, a noção de avareza no cristianismo³⁶² não anula as considerações do escritor florentino.

A avareza, por propiciar um mau comportamento econômico, não se associa com o ganho lícito de dinheiro e útil para a sociedade. A riqueza defendida por Alberti está atrelada ao interesse em identificar os benefícios trazidos por sua família e por outras envolvidas em práticas mercantis. Como Leonardo afirma: “o ganho será muito grande se nós obtivemos favor e glória, motivos únicos para os quais se procura viver na riqueza”.³⁶³ Nos LDF, a riqueza é justificada pela manutenção da posição social da família Alberti e de outras famílias inseridas no mercado florentino.

Alberti, ao tratar do acúmulo desenfreado e das práticas econômicas viciosas, justifica a necessidade de gerir bem as riquezas, de acordo com a boa gestão do espaço doméstico. No livro III, Leonardo responde para Giannozzo, no momento em que discutiam sobre a *masserizia*, que quem fizesse o uso dos bens sem necessidade seria considerado avaro e merecedor de

³⁶¹ *Ma poiché da questi principii noi tutti gli abbiamo qui in mezzo, diànci a scegliere qua' sieno piú atti a una magnifica e simile alla nostra onoratissima famiglia.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem.* p. 154.

³⁶² Para a discussão sobre avareza, entre os séculos, cf. TONEATTO, Valentina. *Les Banquiers du Seigneur.* Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2012.

³⁶³ *Troppo sarà grandissimo guadagno, se noi asseguiremo grazia e lode, per le quali cose solo si cerca vivere in ricchezza.* ALBERTI, Leon Battista. *Ibidem.* p. 157.

repreensão.³⁶⁴ O avaro não consegue fazer proveito do que tem e todas as suas posses são estéreis, pois não cumprem nenhuma utilidade social.

A noção de avareza nos faz perceber como o discurso econômico de Alberti é construído a partir de uma racionalidade. Nesse sentido, o agente econômico é levado a escolher qual a melhor forma de obter proveitos, considerando as vantagens e as desvantagens para si e para seus próximos, de acordo com um julgamento prévio do impacto de cada escolha.

Alberti, preocupado em racionalizar a economia florentina, procura indicar aos seus leitores quais as consequências de quem pratica a avareza. Por não ser uma prática virtuosa, o maior prejuízo do avaro é não ser reconhecido como membro de uma família honrosa e, por extensão, não contribuir para o bem comum de Florença. O escritor aproveita a reflexão econômica, para mostrar como os Alberti souberam fazer bom uso do dinheiro, seja através dos postos comerciais ao longo do Mediterrâneo ou de outras atividades, e engrandeceram a *città*.

Na linguagem econômica do cristianismo³⁶⁵, a avareza é considerada pecado e impede o indivíduo de obter a salvação da alma. As formulações de Alberti sobre a noção em questão são dadas em um contexto de reflexão sobre a moral cristã, a partir da inserção de leigos no mercado florentino. Nessa perspectiva, o autor procura dar sentido aos comportamentos adequados para as atividades econômicas e estabelece o um paralelo entre os efeitos da *masserizia* (boa economia) e da *avarizia* (má economia).

3.3 A ética econômica entre os escritores florentinos: pobreza ou riqueza?

³⁶⁴ *Sí bene, però che non usare a bisogni sarebbe avarizia e biasimo.* ALBERTI, Leon Battista. Ibidem. p. 176. (grifo nosso).

³⁶⁵ Cf. NEWHAUSER, Richard. . *The Early History of Greed: The Sin of Avarice in Early Medieval Thought and Literature*, New York 2000 (Cambridge Studies in Medieval Literature, 41) e TONEATTO, Valentina. Op. cit. Notemos também que as referências bíblicas foram utilizadas nas reflexões teológicas e jurídicas, ao longo da Idade Média. Veja, por exemplo, a parábola do rico insensato (Lc. 12, 13-21).

Os escritores italianos do século XV, incluindo Leon Battista Alberti, trataram da relação do homem com os bens materiais, em suas obras. As leituras oferecidas por esses intelectuais promoveram um redimensionamento do debate sobre a pobreza e a riqueza, levando em consideração as formulações teológicas³⁶⁶ dos séculos X-XV. Patrick Gilli³⁶⁷, em *La place de l'argent dans la pensée humaniste italienne au XVe siècle*, analisa como os humanistas do século XV se diferenciaram da noção da pobreza voluntária desenvolvida por membros de ordens mendicantes e por autores como Petrarca e Bocácio. Segundo Gilli³⁶⁸, a atenção dos humanistas pela valorização do dinheiro era a expressão desse grupo de intelectuais nas atividades públicas da cidade (a exemplo de ocupação de funções em chancelaria ou atividades relacionadas ao mecenato)³⁶⁹. A análise de Gilli nos chama atenção para a particularidade das proposições econômicas dos humanistas do *Quattrocento* e indica a historicidade das noções relacionadas à defesa da pobreza ou da riqueza. Nesse sentido, a parte discute como a valorização do dinheiro pelos humanistas pode sinalizar a consolidação de uma nova ética econômica.

A formação de um léxico econômico a favor do uso do dinheiro, por parte dos humanistas, não pode ser analisada por uma simples oposição aos escritos sobre a pobreza voluntária. Pelo contrário, sugerimos observar como o léxico econômico produzido pela ordem franciscana sedimentou uma tradição cristã da relação do homem com os bens e dialogou com os discursos de valorização da riqueza produzidos no século XV.

³⁶⁶ Cf. TODESCHINI, Giacomo. *Il prezzo della salvezza. Lessici medievali del pensiero econômico*. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1994. Na obra em questão, Todeschini também se debruça sobre o léxico econômico produzido na Alta Idade Média (principalmente na Patrística e nas regras monásticas).

³⁶⁷ GILLI, Patrick. *La place de l'argent dans la pensée humaniste italienne au XVe siècle*. In: *Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public*, 28^e congrès, Clermont-Ferrand, 1997. *L'argent au Moyen Âge*. pp. 309-326.

³⁶⁸ Idem. p. 325.

³⁶⁹ Os arranjos matrimoniais, o crescimento das cidades e as obras públicas também são considerados importantes, na visão do historiador francês, para a integração desses humanistas à vida da cidade. Idem. p. 325. O historiador Lauro Martines também analisou a relação entre a atuação dos humanistas na sociedade florentina e a produção de suas obras. Cf. MARTINES, Lauro. *The social world of the florentine humanists (1390-1460)*. Princeton, Princeton University Press, 1963.

A noção de *paupertas* (pobreza) serviu ao propósito reformador das ordens mendicantes de seguir a experiência evangélica do Cristo e de seus primeiros discípulos. De acordo com Todeschini³⁷⁰, a *paupertas* foi um elemento central na defesa da pureza evangélica dos costumes e de uma igreja centrada na imitação de Cristo. O projeto reformador tinha por objetivo uma *Ecclesiae primitivae forma*³⁷¹. No século XIII, os franciscanos se empenharam em difundir a espiritualidade dos primeiros cristãos (*imitatio Christi*) e elaboraram reflexões sobre ética econômica³⁷².

Para os franciscanos, a pobreza é a expressão do seguimento dos religiosos aos ensinamentos evangélicos e de observação da vida de São Francisco de Assis³⁷³, *o poverello*. A renúncia aos bens materiais significava completa doação ao mistério da encarnação de Cristo³⁷⁴. Francisco pretendia ser um “*Alter Christus*” (outro Cristo) e, para isso, buscou imitar a vida terrena do próprio Mestre, a partir da atenção para os mais sofridos, a exemplo dos leprosos. As noções econômicas desenvolvidas pelos membros da ordem tratam da pobreza dentro do plano teológico, com consequências no campo da ética.

As reflexões econômicas promovidas pelos franciscanos tinham a intenção de normatizar a relação dos indivíduos com a posse de bens, refutando as práticas usurárias. Segundo Todeschini, os frades franciscanos justificaram a participação do *mercator* na sociedade, na medida em que é capaz de praticar a *paupertas* e refutar a *avaritia*³⁷⁵. Trata-se de

³⁷⁰ TODESCHINI, Giacomo. *Quantum valet? Alle origini di un'economia della povertà*. In: *Bullettino dell'Istituto Storico Italiano per il Medioevo*, 98 (1992), pp. 174.

³⁷¹ Idem. p. 174.

³⁷² LAMBERTINI, Roberto. *Povertà volontaria ed “economia mendicante” nel basso Medioevo: osservazioni sui risultati di recenti indagini*. In: *Cristianesimo nella storia*. Vol. 33, 2012, p.519-540.

³⁷³ Sylvain Piron atenta para a tentativa de generalização da noção de pobreza nas hagiografias de São Francisco de Assis. As hagiografias produzidas sobre o santo, por exemplo, tendem a identificar a figura do santo com os interesses de seus hagiógrafos e, portanto, expressam tensões políticas dentro da ordem. Sobre a questão, cf. PIRON, Sylvain. *La pauvreté dans l'expérience et la réflexion franciscaines*. In: LEROUX, Alain, LIVET, Pierre. *La pauvreté dans les pays riches. Leçons de philosophie économique*, Economica, pp.36-52, 2009. <halshs-00419533>.

³⁷⁴ “Toute la vie de François d'Assise peut se décrire comme une méditation en acte sur la question de l'Incarnation”. PIRON, Sylvain. Idem. p. 4.

³⁷⁵ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit, 1994, p. 193.

um programa de reforma da identidade cristã, com implicações nas práticas econômicas dos indivíduos. O bom *mercator* promove o bem da sociedade cristã, enquanto o mercador avarento perturba a ordem social.

Nos escritos dos frades franciscanos, principalmente nas hagiografias, o modelo de vida do religioso virtuoso reside na renúncia de qualquer tipo de propriedade³⁷⁶. Nesses documentos, há uma separação entre o necessário e o supérfluo. Os frades não deveriam acumular bens, mas se valer apenas do necessário para sobrevivência (alimentação e vestimenta). Os frades franciscanos, por exemplo, estavam proibidos de ter posses fundiárias (*dominium*) e o uso dos bens dependia da prática da mendicidade³⁷⁷. No caso do cristão leigo, de acordo com Todeschini, o uso simples das coisas deveria ser feito a partir de um cálculo econômico, com rejeição de apropriação durável ou acumulação³⁷⁸. A capacidade da avaliação da obtenção de bens resultava na identificação do cristão com a perfeição cristã.

O léxico ético econômico estabelecido nas obras dos membros da ordem franciscana aponta para as reflexões sobre a racionalidade dos bens, em uma perspectiva de compreensão da sociedade cristã. O valor cristão das coisas³⁷⁹, o cálculo econômico, a administração dos bens e a circulação das riquezas fizeram parte das reflexões dos intelectuais franciscanos e serviram de base para a justificação de uma sociedade virtuosa. Valentina Toneatto³⁸⁰, em

³⁷⁶ TODESCHINI, Giacomo. Theological Roots of the Medieval/Modern Merchants' Self-Representation". In M.J. Jacob, C. Secretan edd., *The Self-Perception of Early Modern Capitalists*, New York, Palgrave, 2008, p. 22.

³⁷⁷ PIRON, Sylvain. Op. cit. p. 2. Na bula de aprovação da Ordem Franciscana, o papa Honório III declara que os frades não deveriam ter posses fundiárias. "*Fratres nihil sibi approprient nec domum nec locum nec aliquam rem.*" Cf. PAPA HONÓRIO III. *Solet Annuere. Bulla Domini Papae Honorii III super regulam fratrum minorum*. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/solet.html>. Acesso em 20/06/2018. (Cap. IV).

³⁷⁸ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. 2008, p. 22. "Because the summit of Christian perfection was "poverty"—that is a simple use of things without any sort of durable appropriation or accumulation—the ability to evaluate the economic value of things and the capacity to manage and circulate wealth could be perceived as Christian virtues".

³⁷⁹ Os elementos citados foram trabalhados por Cândido, a partir de fontes do período da Alta Idade Média. Cf. SILVA, Marcelo Cândido da. Op. cit.

³⁸⁰ TONEATTO, Valentina. La richesse des Franciscains. Autour du débat sur les rapports entre économie et religion au Moyen Âge. *Médiévaux* [En ligne], 60 | printemps 2011, mis en ligne le 19 janvier 2012, consulté le 30 septembre 2016. URL : <http://medievales.revues.org/6220>.

análise da obra *Richesse Franciscaine*³⁸¹, de Todeschini, discute como as reflexões sobre a economia acabou por identificar a atuação dos atores econômicos com a manutenção da *civitas christiana*.

Toneatto³⁸² prossegue a análise da obra de Todeschini, indicando os malefícios de uma economia que não contribui para o bem comum da sociedade (*bonum commune*), como é o caso das atitudes dos proprietários fundiários e dos aristocratas. Nesse sentido, os mestres franciscanos repudiam as práticas econômicas estéreis, a exemplo das posses fundiárias, por não promover a circulação da riqueza e não visar o bem maior da sociedade.

Seguindo as considerações de Toneatto³⁸³, percebemos como os franciscanos produziram um léxico econômico, a partir de uma pretensão de dar sentido às experiências sociais vividas, com particular atenção para a dinâmica da circulação da riqueza e para os atores econômicos. Portanto, a linguagem franciscana possibilita pensar a dinâmica de expressão do real, por meio de fundamentos teológicos.

As considerações econômicas produzidas pelos franciscanos nos dão uma dimensão de como uma linguagem é utilizada para dar sentido ao real. Mais do que procurar as raízes franciscanas das reflexões econômicas dos humanistas do século XV ou de Alberti, devemos perceber os mecanismos de elaboração de uma linguagem que procura justificar as atividades de circulação/manutenção de riquezas, em um período histórico. Devemos também atentar para o fato de que a consolidação de um léxico não é feita sem releituras de vocábulos contidos em outras tradições textuais. Os franciscanos, por exemplo, fizeram atualizações/interpretações dos textos bíblicos e dos Pais da Igreja. O significado de um vocábulo não é invariável, mas, de acordo com uma realidade específica, está inserido em uma tradição lexical própria. A noção e as utilizações de um vocábulo devem ser pesquisadas, a partir de suas particularidades

³⁸¹ TODESCHINI, Giacomo. *Richesse franciscaine. De la pauvreté volontaire à la société de marché*, Verdier, 2008.

³⁸² TONEATTO, Valentina. Op. cit. p. 191.

³⁸³ TONEATTO, Valentina. Idem. p. 192.

históricas, sem desprezar a historicidade. Por exemplo, a noção do *pauper* na patrística não é a mesma para os membros das ordens mendicantes, muito menos para os mercadores italianos do século XV.

A *paupertas*, nos textos das ordens mendicantes, expressou a preocupação dos autores com as atividades de aquisição e circulação de riquezas. Os mestres franciscanos viram a necessidade de dar sentido racional às atividades econômicas. A racionalidade defendida pelos franciscanos tinha tanto a intenção de regular a relação dos indivíduos com os bens materiais, quanto de proporcionar as garantias da salvação (economia da salvação)³⁸⁴.

Conforme os mestres franciscanos, os atores da racionalidade econômica deveriam contribuir para a organização das atividades de circulação de riquezas, incluindo os mercadores. Assim, refutamos qualquer interpretação que não observe a preocupação dos mestres franciscanos com o cotidiano econômico, identificando os princípios defendidos pela ordem mendicante com certo atraso, na dinâmica do crescimento comercial.

Em outra linha de análise, Todeschini³⁸⁵ afirma que, durante os séculos XIV e XV, teólogos mendicantes, confessores ou juristas desenvolveram reflexões sobre a atuação social dos *mercatores*, na perspectiva de uma sociedade cristã de mercado. O historiador italiano mostra, a partir da documentação sobre o tema da economia, que as atividades de circulação de bens foram do interesse desses autores, com variações no léxico, a depender do contexto de produção das obras. Nesse sentido, o autor mostra a variedade de documentos sobre a prática da *mercatura*, nos séculos XIV e XV, e como é possível falar de uma representação de si, por parte dos mercadores.

³⁸⁴ Sobre os efeitos da economia na compreensão da salvação, cf. IOGNA PRAT, Dominique. Préparer l'au-delà, gérer l'ici-bas : les élites ecclésiastiques, la richesse et l'économie du christianisme (perspectives de travail) . In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). *Les élites et la richesse au haut Moyen Âge*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 59-70.

³⁸⁵ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. p. 22. "(...) In the fourteenth and fifteenth centuries, many Mendicant theologians and confessors or jurists, Franciscans as well as Dominicans or Augustinians (Guiral Ot, Gerald of Siena, Eiximenis, Bernardino of Siena, Antonino of Florence, Johannes Nider, Gabriel Biel), elaborated upon the notion of the basic social role played within the Christian market society by the *mercatores* (...)".

Ao discutir a percepção dos mercadores enquanto indivíduos cientes de suas responsabilidades na sociedade, Todeschini mostra que a formação de um léxico ético-econômico particular depende de uma articulação com a linguagem econômica produzida anteriormente, a exemplo das noções de *concordia*, *fides*, *bonum commune*. Desse modo, o historiador critica a visão simplista que vê nos textos dos mercadores ou dos humanistas do século XV uma evolução do mercado pré-moderno. Todeschini chama a atenção para a maneira como a linguagem econômica cristã é lançada mão pelos mercadores e, por sua vez, como é possível perceber a justificação de suas práticas.

A referência à economia franciscana é relevante, em nossa pesquisa, para situarmos que a linguagem dos Mestres Franciscanos não deve ser lida como contrária aos ideais “laicos” e “capitalistas” dos mercadores e humanistas do *Quattrocento*. Assim, a reflexão dos franciscanos sobre a pobreza e a gestão dos bens nos auxilia na análise da proposição da linguagem ética de Alberti, nos *Libri*. Salientamos que, por não ser nossa intenção e não trazer contribuições para a pesquisa, não apresentaremos o amplo debate sobre a economia franciscana. No entanto, consideramos pertinente, a partir de uma provocação ao artigo de Patrick Gilli, analisar como o léxico ético-econômico de Alberti traz inovações sobre o sentido das práticas de circulação dos bens, sem cair no reducionismo de uma oposição à linguagem econômica produzida anteriormente.

As proposições econômicas oriundas dos discursos dos frades franciscanos apontam para alguns problemas, quando consideramos a análise das discussões sobre pobreza e riqueza na Florença do século XV: as reflexões dos frades não dão conta das experiências religiosas que fizeram parte da política da cidade e, portanto, não podem ser consideradas prioritárias para a análise da vivência da fé na sociedade. Apesar desses problemas, consideramos oportuno indicar como a historiografia tratou da noção de pobreza para os escritos dos frades franciscanos sobre a economia na Itália entre os séculos XIV-XV.

Para a discussão das noções de riqueza e pobreza entre os florentinos, é preciso avançar no debate sobre a experiência religiosa dos leigos, principalmente na atuação das confrarias e ações de piedade na cidade. As confrarias eram associações de leigos que exerciam práticas caritativas de ajuda aos marginalizados da sociedade³⁸⁶. Conforme pontua George Dameron, houve um aumento no número de confrarias e hospitais entre a segunda metade do século XIII e início do século XIV e esse aumento é acompanhado pelo interesse das elites florentinas em praticar a caridade com os que não se beneficiaram do crescimento econômico da cidade³⁸⁷. Nessa perspectiva, Dameron considera que as somas de dinheiro doadas pelos ricos de Florença para ações de caridade eram vistas como uma prática espiritual da piedade (*pietas*) cristã, e, por conseguinte, uma virtude³⁸⁸.

Por meio da análise de Dameron, podemos constatar que os leigos florentinos não desprezam o dinheiro ou fazem um elogio à pobreza, pelo contrário, consideram que parte das riquezas conquistadas devem ser dadas aos que mais precisam, tendo em vista a prática da piedade cristã.

A prática da piedade foi feita com frequência pela família Alberti. Na documentação reunida por Luigi Passerini, encontramos referências às doações dos Alberti às confrarias, igrejas e mosteiros. No testamento de Iacopo di Caroccio degli Alberti, datado de 1374, é feita uma doação da oitava parte de dois mil florins de ouro para a Igreja de Santa Croce, administrada pelos frades menores, para a construção de uma capela³⁸⁹. O testamento também

³⁸⁶ DAMERON, George. *Florence and its Church in the Age of Dante*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005. p. 52. Dameron apresenta os cinco tipos de confrarias existentes na Florença medieval: flagelante (*disciplinati*), cantor de louvor (*laudesi*), caritativa (para o pobre), artesanal e as sociedades para crianças (*janciulli*). Dameron afirma que a confraria de Orsanmichele, fundada no século XIII, foi a associação caritativa de maior expressão em Florença. Cf. DAMERON, George. *Ibidem*. p. 53.

³⁸⁷ DAMERON, George. *Ibidem*. p. 52.

³⁸⁸ DAMERON, George. *Ibidem*. p. 164.

³⁸⁹ Item disposuit testator predictus, quod cum floreni ducenti quinquaginta auri, qui dicebantur debere solvi per ipsum dominum Iacobum testatorem ex octava parte duorum millium florenorum auri, quos Albertus predictus dicebatur legasse et reliquisse pro constructione cuiusdam cappelle fiende in loco dictorum fratrum Minorum, secundum formam testamenti Alberti predicti, (...). PASSERINI, Luigi. *Op. cit.* Vol. 2, p. 147.

menciona doações para ações assistenciais, como a enfermaria dos frades menores³⁹⁰ e o hospital de Santo Onofre de Florença³⁹¹.

Em outro testamento da família Alberti, o de Nicollò Jacopo degli Alberti, datado de 1376, há uma referência de doação de seus bens para os pobres de Cristo (*pauperes Christi*) e lugares piedosos³⁹². A doação de Nicollò é feita como um gesto de amor a Deus e remediação de seus pecados. Assim, as ações caritativas, realizadas pelas elites florentinas, fazem parte de uma prática de fé, na medida em que esses leigos demonstram virtudes cristãs. Por conseguinte, essas virtudes do cristão florentino estão relacionadas com o projeto de salvação do indivíduo. Portanto, doava-se para que o indivíduo tivesse um bom lugar no post mortem. Tal constatação foi percebida por Dameron, quando afirma que a piedade para os florentinos do período medieval era feita com a preocupação em garantir a salvação e se livrar da condenação³⁹³.

De acordo com o testamento de Nicollò, a doação de quinhentos florins de ouro por dois anos para os pobres de Cristo e lugares de piedade fazia parte de uma tradição religiosa da comuna florentina³⁹⁴. Dessa forma, a participação dos indivíduos no espaço citadino abrange mais do que ocupar cargos na política comunal ou estar inserido nas atividades do comércio florentino, pois as tradições religiosas, acompanhadas de orientações morais, eram elementos decisivos na identidade do cidadão florentino. Aquele que é rico, mas não pratica a caridade,

³⁹⁰ Item voluit, disposuit atque mandavit et reliquit testator predictus, quod floreni sexaginta duo cum dimidio auri, relictis infirmerie fratrum Minorum de Florentia, (...). PASSERINI, Luigi. Op. cit. Vol. 2, p. 148.

³⁹¹ Item legavit, disposuit et mandavit quod floreni auri sexaginta duo cum dimidio, tangentes solvere dieto domino Iacobo testatori, pro dicta sua octava parte, de summa quingentorum florenorum auri, quos dictus Albertus legavit et dimisit, prout dixit dictus testator, pro quodam laborerio fiendo in hospitali Sancti Honofri de Florentia, solvantur de suis propriis denariis et pecuniis ipsius testatoris pro dicto laborerio, secundum formam testamenti dicti Alberti; (...). PASSERINI, Luigi. Op. cit. Vol. 2. p. 149.

³⁹² Item reliquit et legavit dictus testator de bonis suis, amore Dei et pro suorum remedio peccatorum, florenos mille auri recti ponderis et conii florentini, dandos, solvendo et distribuendo pauperibus Christi et piis locis, et inter pauperes Christi et pia loca, per dominam Paulam sororem dicti testatoris uxorem olim Nicholai Pieri de Paradisi et Benedictum Neroti de Albertis, et per eos in concordia, infra duos annos proxime futuros a die obitus dicti testatoris; videlicet quolibet anno dictorum duorum annorum florenos quingentos auri; illis videlicet pauperibus Christi et piis locis cum illis summis et quantitibus de quibus dictis domine Paule et Benedicto videbitur et placebit, et utilius fore crediderint pro anima ipsius testatoris. PASSERINI, Luigi. Op. cit. Vol.2, p. 157.

³⁹³ DAMERON, George. Op. cit. p. 164-166.

³⁹⁴ DAMERON, George. Op. cit. p. 166.

não pode ser considerado um bom cidadão. Aqui, os campos da religião, economia e política se relacionam e orientam os comportamentos adequados para que os indivíduos ajam conforme o bem comum.

A preocupação das elites florentinas em praticar a caridade e, por conseguinte, auxiliar os pobres indica como a pobreza não se situava apenas no campo discursivo, mas era uma realidade. Charles de la Roncière³⁹⁵, na conclusão da obra *Prix et salaires à Florence au XIV^e siècle (1280-1380)*, discute sobre o conceito de pobreza em Florença e chama atenção para as particularidades do conceito, levando em consideração os diversos períodos da história da cidade. Por exemplo, depois de 1360, o historiador afirma que a situação dos assalariados melhorou, em comparação com décadas anteriores. Por exemplo, a pobreza deixa de ser identificada com a indigência e passa a ser uma condição de restrição de hábitos de consumo praticados pelas elites ou de dificuldades em relação às políticas fiscais³⁹⁶. Assim, a prática caritativa das confraternidades deve ser vista como reveladora da presença dos pobres na cidade.

Entre a diversidade de confrarias existentes na Florença do século XV, a que mais se destacava era a dos flagelantes (*disciplinati*), representando aproximadamente metade de todas as confrarias da cidade, conforme análise de John Henderson³⁹⁷. Os flagelantes tinham uma devoção centrada na encarnação da vida de Cristo³⁹⁸ e, portanto, a penitência dos leigos se dava por meio da flagelação, compreendida como uma forma de vivenciar a experiência dos sofrimentos de Cristo³⁹⁹.

³⁹⁵ LA RONCIÈRE, Charles-Marie de. *Prix et salaires à Florence au XIV^e siècle (1280-1380)*. Roma: École Française de Rome, 1982. (Publications de l'École française de Rome, 59-1)

³⁹⁶ LA RONCIÈRE, Charles-Marie de. *Ibidem*. p. 787.

³⁹⁷ HENDERSON, John. Confraternities and the church in late medieval Florence. In: *Studies in Church History*, 23, 1986. p. 71.

³⁹⁸ HENDERSON, John. *Piety and charity in late medieval Florence*. Oxford: Clarendon Press, 1994. p. 113.

³⁹⁹ HENDERSON, John. *Ibidem*. p. 114.

Para o desenvolvimento dessas confrarias, os frades das ordens mendicantes (franciscanos e dominicanos), incentivaram a prática da piedade entre os leigos⁴⁰⁰. A proximidade entre os frades e os leigos se dava na possibilidade que os leigos das confrarias tinham de construir capelas e oratórios nas igrejas. Esses membros também poderiam ser enterrados nas igrejas de prestígio de Florença, a exemplo da Santa Maria Novella, administrada pelos frades dominicanos, e a de Santa Croce, administrada pelos franciscanos⁴⁰¹.

Ronald Weissman nos chama atenção para o fato de que, na maior parte dos casos, as confrarias destinavam a ação caritativa (funeral, orações fúnebres, etc.) aos seus membros⁴⁰² e os mais pobres da sociedade florentina, o *popolo minuto*, estavam excluídos dessas associações⁴⁰³. Os que tinham mais representatividade nas confrarias eram membros das guildas envolvidas no trabalho de produção lanífera, a exemplo dos tintureiros⁴⁰⁴. A afirmação de Weissman indica que as boas condições econômicas dos indivíduos não eram um impeditivo para participação nas confrarias e a “riqueza” não podia ser vista como um elemento impeditivo para a prática da piedade cristã.

Segundo Gilli⁴⁰⁵, os humanistas do início do século XV tiveram uma atitude diferenciada de seus predecessores, em relação à valorização do dinheiro. O historiador francês pontua que não é possível enquadrar todo o movimento intelectual, a partir do período citado, como defensor da importância da riqueza. O que ocorre, no movimento humanista, nos primeiros decênios do século XV, é a defesa expressa do dinheiro, contrastando com os autores

⁴⁰⁰ HENDERSON, John. *Ibidem.*, 1986, p. 71.

⁴⁰¹ HENDERSON, John. *Ibidem.*, 1986, p. 71-72.

⁴⁰² WEISSMAN, Ronald F. E. *Brothers and Strangers: Confraternal Charity in Renaissance Florence*. In: *Historical Reflections / Réflexions Historiques*, vol. 15, n. 1, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41298890>. Acesso em: 11/07/2023. p. 32.

⁴⁰³ WEISSMAN, Ronald F. E. *Ibidem.* p. 36. Para Giovanna Casagrande e Eleonora Rava, a maior parte da confraria dos penitentes fazia parte do *popolo*, ou seja, os envolvidos em atividades artesanais ou mercantis. As autoras falam de “uma pequena e média burguesia artesã e mercantil”. Cf. CASAGRANDE, Giovanna Casagrande, RAVA, ELEONORA. *I penitenti francescani. La spiritualità del fare*. In: BARTOLI, Marco; BLOCK, Wieslaw; MASTROMATTEO, Alessandro. *Storia della spiritualità francescana. Secoli XIII-XVI*. Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2017. p. 238.

⁴⁰⁴ WEISSMAN, Ronald F. E. *Ibidem* p. 36.

⁴⁰⁵ GILLI, Patrick. *Op. cit.* p. 315.

que defendiam a pobreza ou tomavam uma atitude dúbia entre a pobreza e a riqueza, a exemplo de Petrarca, Bocácio, Pier Paolo Vergerio e Coluccio Salutati⁴⁰⁶.

Nos escritos dos humanistas do século XV, a atenção pelos bens materiais segue o princípio de uma economia útil para o indivíduo e para a sociedade. Da documentação analisada por Gilli⁴⁰⁷, sobre a utilidade do dinheiro, citamos a obra *De re uxoria* (Sobre o casamento) feita por Francesco Barbaro, em 1415. Barbaro discute que a riqueza proporciona boa educação para os filhos e garante o patrimônio familiar das gerações seguintes. Do mesmo modo, Leonardo Bruni⁴⁰⁸, em 1420, traduz o Econômico de Pseudo-Aristóteles e escreve um prefácio de defesa da utilidade do dinheiro. Gilli reproduz um trecho do prefácio dedicado a Cosme de Médici:

Da mesma forma que o objetivo da medicina é a saúde, o objetivo da economia doméstica é a riqueza. A riqueza é verdadeiramente útil, quando ela traz glória para quem a possui e oferece a possibilidade de praticar a virtude (...).⁴⁰⁹

Nas obras dos humanistas, a economia se associa com o civismo, na medida em que as riquezas não estão a serviço apenas dos interesses pessoais, mas da cidade. Mark Jurdjevic⁴¹⁰, em revisão da obra *The Machiavelian Moment*, de John Pocock, refuta a noção de que as atividades comerciais não foram importantes para a manutenção da república florentina, considerando os textos dos humanistas⁴¹¹. Para Jurdjevic, os humanistas sinalizavam o uso de

⁴⁰⁶ Para uma discussão pontual sobre as noções de pobreza e/ou riqueza nos textos dos humanistas, cf. GILLI, Patrick. *Ibidem*, p. 309-326.

⁴⁰⁷ GILLI, Patrick. *Ibidem*. p. 315.

⁴⁰⁸ Cf. McGOVERN, John F. 'The Rise of New Economic Attitudes: Economic Humanism and Economic Nationalism during the Later Middle Ages and the Renaissance,' In: *Traditio*, 26 (1970), p. 322.

⁴⁰⁹ *Ut enim medicinae finis est sanitas, ita rei familiaris divitias finem esse constat. Sunt vero utiles divitiae, cum et ornamento sint possidentibus et ad virtutem exercendam suppeditent facultatem* (...). (Tradução nossa, a partir do texto em francês). Texto extraído da edição de Hans Baron e citado em Gilli. Baron, Hans. Leonardo Bruni Aretino. *Humanistisch-philosophische Schriften*, Leipzig, 1928, p. 120-121 *apud* GILLI, Patrick. *Op. cit.* p. 315.

⁴¹⁰ JURDJEVIC, Mark. Virtue, Commerce, and the Enduring Florentine Republican Moment: Reintegrating Italy into the Atlantic Republican Tradition, In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 62, No. 4 (Oct., 2001), p. 721-743.

⁴¹¹ "Pocock, however, misunderstood civic humanism and the role of commerce in Renaissance republicanism. Florentine humanists believed that commerce and the private pursuit of wealth made possible the survival and integrity of the republic. Florentine republicanism of the fifteenth and early sixteenth centuries was the ideology of an ascendant merchant elite; it provided a political language that integrated republican virtue with the habits, values, and mentality of the Merchant (...). JURDJEVIC, Mark. *Idem*. p. 723.

uma linguagem econômica em prol da república florentina. A análise do historiador canadense tem a vantagem de indicar como o interesse cívico da economia fez parte das obras dos humanistas. Nesse sentido, a dimensão cívica da economia pode ser vista como um dos elementos de justificação de uma ética econômica, por parte dos humanistas.

A linguagem ética da economia produzida pelos humanistas pode ser associada com uma vontade de regulação das práticas comerciais e do uso dos lucros. A defesa dos bens materiais, nos escritos dos humanistas, passa pelo crivo dos comportamentos econômicos considerados úteis para a sociedade. Poggio Bracciolini, na obra *De avaricia*⁴¹², de 1428, expõe a visão de Antonio Lusco sobre a utilidade do dinheiro, a partir de uma definição aristotélica: “(...) De fato, o dinheiro é muito útil ao uso comum e à vida civil, e Aristóteles narra que foi adotado para o comércio e para as trocas entre os homens” (...) ⁴¹³. A obra de Bracciolini, escrita em forma de diálogo, apresenta a visão contrastante sobre a noção de avareza entre Bartolomeo da Montepulciano e Antonio Lusco. O primeiro, respectivamente, repudia o acúmulo de riqueza e Antonio defende a avareza, levando em consideração a utilidade do dinheiro para a sociedade (*usum communem et civilem vitam*). Embora a defesa da avareza, por parte de Antonio, pareça paradoxal, quando consideramos a ética econômica dos humanistas, devemos atentar para a relação entre elogio da riqueza e utilidade social.

As proposições de Francesco Barbaro, Leonardo Bruni e Poggio Braccilioni fornecem subsídios suficientes para o entendimento de que os humanistas defendem a utilização do dinheiro para o bem da sociedade. Dessa constatação, devemos interrogar quais são os efeitos da ética econômica dos humanistas para a gestão dos bens.

⁴¹² BRACCIOLINI, Poggio. Op cit. p. 248-301

⁴¹³ (...) *Est enim peropportuna ad usum communem et civilem vitam pecunia, quam necessario Aristoteles inventam tradit ad commercia hominum resque mutuo contrahendas* (...). Traduzido para o italiano, na edição de Garin: “*Infatti il danaro e molto utile all'uso comune e alia vita civile, ed Aristotele narra che fu adottato per i commerci e gli scambi tra gli uomini*”. BRACCIOLINI, Poggio. Idem. p. 262.

Os humanistas formularam uma ética econômica com a intenção de defender a utilidade das práticas mercantis para a sociedade. No período de atuação dos humanistas, as atividades econômicas atingiam um considerado nível de aperfeiçoamento, conforme podemos verificar no aumento das rotas comerciais ou nas inovações do sistema bancário⁴¹⁴. Embora os intelectuais tivessem percepção do aperfeiçoamento das práticas econômicas de sua época, consideramos oportuno perceber como uma racionalidade econômica, baseada em uma ética, fundamenta o aproveitamento das riquezas.

As atitudes dos humanistas sobre a aquisição dos bens evidenciam uma maneira singular de compreensão da racionalidade econômica. Os intelectuais sugerem uma série de comportamentos econômicos que devem ser observados, tendo em vista o melhor rendimento dos bens materiais. Assim, a ética econômica em questão cumpre a função de expressar a participação de um grupo de intelectuais na sociedade florentina e sua interferência nas atividades mercantis da época. A relação entre humanistas e mercadores⁴¹⁵ é complementar e integra um eixo específico de discussão sobre a aplicabilidade da noção de economia para a Florença do *Quattrocento*.

A discussão sobre a ética econômica dos humanistas, no quadro da tese, é oportuna por dar indicações de como as proposições econômicas de Alberti, nos *Libri della Famiglia*, estão inseridas em uma profusão de escritos sobre a importância da riqueza para a sociedade. Sobre as considerações desenvolvidas ao longo da parte, consideramos pertinente: 1- Evitar a filiação da noção de ética econômica dos humanistas com os *Libri*, como se houvesse plena dependência entre a obra de Alberti e autores contemporâneos. Consideramos as formulações econômicas de Alberti em sua singularidade, embora o *topos* da valorização da riqueza não fosse novidade para a época. 2- Não estabelecer uma visão redutora entre as noções de pobreza e riqueza, para

⁴¹⁴ Cf. GILLI, Patrick. *Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval (século XII-XIV)*. Trad.: Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Campinas: Editora da Unicamp/Editora UFMG, 2011. p. 265-304.

⁴¹⁵ Cf. BEC, Christian. *Les marchands écrivains: Affaires et humanisme à Florence (1375-1454)*. Berlin ; Boston : De Gruyter Mouton, 1967.

a discussão sobre a economia florentina. Conforme a chamada de atenção de Todeschini, os humanistas e mercadores do século XV mantinham a linguagem cristã da economia, seja através de textos bíblicos, dos escritos dos Pais da Igreja ou dos Mestres Franciscanos. Assim, as definições de pobreza e riqueza não se anulam, já que grupos de leigos florentinos reelaboram essas noções, de acordo com suas intenções.

Considerações finais

Os eixos centrais do capítulo foram a reflexão sobre a noção de ética econômica e sua aplicabilidade no estudo dos *Libri della Famiglia*. As discussões sobre a ideia de uma nova ética econômica em Alberti foram avaliadas, tendo em vista o debate historiográfico sobre a percepção dos humanistas e mercadores florentinos do século XV, em relação à contribuição do dinheiro para a sociedade. Localizamos o debate sobre a mudança da importância dos bens para a sociedade florentina, em autores como Christian Bec, Clément Lenoble, Giacomo Todeschini, Michel Paoli e Patrick Gilli. Em torno desse debate, procuramos nos afastar de uma leitura reducionista que vê em Alberti uma oposição às discussões sobre a ética econômica formuladas pelos Pais da Igreja ou por membros de ordens mendicantes, precisamente os Mestres Franciscanos. Nesse sentido, as obras de Giacomo Todeschini nos ajudaram no exercício metodológico de análise do léxico ético-econômico de Alberti. A linguagem econômica de Alberti foi analisada em consonância com as releituras feitas pelo próprio humanista dos vocábulos caros ao léxico econômico do cristianismo.

O capítulo também procurou indicar que a ética econômica relaciona-se diretamente com a racionalidade. Nos *Libri della Famiglia*, a ética cumpre a função de indicar de que modo os bens podem ser mais aproveitados e qual a melhor forma de gastar esses bens. A *masserizia* (administração da casa) é a maneira pela qual o autor recorre aos comportamentos exemplares

e informa ao leitor as características da boa economia. Por outro lado, a má economia (*avarizia*) é o indicador de como os bens não estão sendo bem aproveitados e cumprem a única função de acumular, desconsiderando a utilidade dos bens.

Por fim, o capítulo tratou das interações entre a economia da casa e a economia de mercado. Ao longo das discussões, ponderamos as diferenças entre as instâncias econômicas (micro e macro) e suas relações com a dimensão ética. Pretendemos ter demonstrado que a reflexão sobre a ética, nos *Libri*, está alicerçada nas atividades econômicas desenvolvidas pela própria família Alberti, no âmbito privado ou público. Ademais, toda referência à economia cidadina, principalmente na produção e comercialização de lã, é dependente de uma associação com o envolvimento dos Alberti nesses negócios. Portanto, a dimensão ética da economia albertiana não está centrada no mercado florentino.

CONCLUSÃO

A pesquisa de tese teve por objetivo central indicar que as reflexões econômicas de Leon Battista Alberti nos *Libri della Famiglia* estão articuladas com as atividades mercantis desenvolvidas em Florença entre o final do século XIV e início do XV. Nesse sentido, procuramos analisar como a discussão econômica em Alberti é feita a partir da experiência do próprio autor e de sua família na sociedade florentina. Levando em consideração a proposta central da pesquisa, por um lado, evitamos realizar um exercício de história das ideias, na medida em que não nos interessamos por uma pesquisa da genealogia do conceito de economia em Alberti, por outro, guiamo-nos por uma perspectiva de análise da interação entre as dimensões micro e macro da economia.

Nos *Libri della Famiglia*, podemos observar dois campos econômicos: a economia doméstica e a economia mercantil. A economia doméstica é o nível de maior atenção de Alberti nos *Libri*, principalmente no livro III (*Economicus*). Alberti se preocupa em discutir como a casa deve ser administrada, qual as funções dos habitantes da casa na organização dos bens familiares e como tirar o melhor proveito dos bens econômicos. Na obra, o autor discute sobre a economia da casa, considerando a participação dos membros da família Alberti nessa economia doméstica.

Embora a economia doméstica seja o eixo central das discussões econômicas em Alberti, consideramos oportuno perceber a articulação entre os níveis micro e macro da economia. A reflexão de Alberti sobre a casa é justificada em uma percepção do autor sobre a participação da família Alberti nos negócios mercantis na cidade de Florença e em diversas regiões do Mediterrâneo. Assim, mesmo que a obra de Alberti não trate de considerações detalhadas sobre os lucros da companhia Alberti ou das atividades mercantis, é o envolvimento

da família com a economia florentina que o autor quer destacar para tratar da economia doméstica.

Outro ponto de interação entre os níveis econômicos se dá na percepção que a economia doméstica é o primeiro espaço para se pensar no êxito econômico da cidade. O sucesso da economia da casa permite que a família possa organizar bem os negócios em escala maior e, por conseguinte, obter vantagens na economia da cidade. Isso explica o fato de que, segundo o autor da obra, a família Alberti pode ter êxito entre as companhias florentinas, em um período em que grandes companhias, a exemplo dos Cerchi, Peruzzi, Scali, Spini e Ricci, entraram em situação de falência.

A experiência econômica da família Alberti na sociedade florentina foi discutida no primeiro capítulo. Interessamo-nos por analisar de que forma a discussão econômica de Alberti é resultado de uma compreensão sobre a presença da família na sociedade. Portanto, o trabalho se situa na produção historiográfica sobre a História Social e Econômica da Florença no século XV. Para a análise em questão, discutimos como a família Alberti se destacou, inicialmente, pelas atividades jurídicas, daí o epíteto Alberti del Giudice, e atividades mercantis.

Na medida em que os negócios dos Alberti crescem, há disputas entre setores da sociedade. Entre os séculos XIV e XV, a política comunal florentina será caracterizada por momentos de tensões entre setores oligárquicos e famílias envolvidas nas atividades mercantis que reivindicam maior espaço nas magistraturas e defendem os interesses dos *popolani*, como é o caso dos Alberti. Como resultado dos conflitos políticos, os Alberti sofreram o banimento da cidade. O exílio dos Alberti foi discutido como um elemento que possibilitou as alianças da família com outras famílias que questionavam os interesses dos setores políticos tradicionais de Florença.

As alianças dos Alberti foram feitas com o intuito de demarcar a importância da família para a sociedade, mas também de contribuir com o crescimento econômico da companhia.

Assim, as alianças entre sócios nos postos comerciais dos Alberti e os matrimônios podem ser considerados as formas pelas quais a família consolidou as relações interpessoais.

Tivemos a preocupação de situar a dinâmica da economia florentina, atentando para as atividades desenvolvidas pela companhia Alberti, principalmente no que se refere ao mercado de tecidos de lã. Identificamos como as relações mercantis dos Alberti podem ser analisadas do ponto de vista da racionalidade econômica, na medida em que há uma preocupação em extrair o máximo de proveito dos negócios desenvolvidos, seja no cálculo econômico dos passivos e ativos da companhia ou na preocupação em registrar como será realizado o transporte da carga.

A discussão sobre a dinâmica da economia florentina e a participação da companhia Alberti nessa dinâmica foi feita com o intuito de indicar o contexto de produção discursiva de Alberti. A participação dos Alberti no desenvolvimento do mercado lanífero entre o final do século XIV e XV foi vista pelo autor como um meio basilar para a racionalidade econômica da casa.

No segundo capítulo, analisamos a aplicabilidade do conceito de racionalidade no campo da economia doméstica. Quando o autor traz para os *Libri* considerações sobre a administração da casa e das tarefas do administrador doméstico, o *massaio*, é possível tratar as proposições da ação do gerenciamento da casa em termos de racionalidade. Evidentemente, é preciso situar os diferentes níveis de racionalidade econômica, ao analisar a obra em questão. A racionalidade da administração doméstica opera em um nível diferente da racionalidade da gestão da companhia Alberti, por exemplo. No caso dos *Libri*, a racionalidade é desenvolvida quando o autor discute a necessidade de atribuir tarefas específicas do administrador ou da necessidade de se ter o melhor aproveitamento do tempo.

A racionalidade econômica pareceu-nos um conceito pertinente para analisar a relação da obra de Alberti com a sociedade florentina, pois a atividade econômica e a própria reflexão

sobre a economia tinham uma dimensão racional, ao considerar a preocupação na otimização dos ganhos materiais.

Em Alberti, a racionalidade dos bens domésticos tem uma dimensão ética. A reflexão sobre os comportamentos exemplares para uma boa economia foi o nosso eixo de análise no terceiro capítulo. Indicamos como racionalidade e ética são noções que operam juntas, na medida em que a ação de otimizar os lucros é feita considerando os imperativos éticos. A racionalidade aqui não é vista como um campo onde toda ação é permitida e o que se busca é apenas a satisfação pessoal, mas, um aproveitamento econômico baseado no que a sociedade considera como justo. Desse modo, as considerações sobre a economia doméstica são relacionadas com o bem da sociedade, de uma economia útil para o bem comum.

No século XV, a dimensão da ética econômica em Florença pode ser vista como comportamentos que contribuem para o crescimento da cidade. Assim, a boa economia em Alberti foi analisada por meio de análise lexical dos termos diligência (*diligenza*) e prudência (*prudenza*). Alberti também indica que a boa economia se opõe à má economia, conforme suas reflexões sobre a avareza (*avarizia*).

Em Alberti, é o sucesso dos negócios dos Alberti que permite falar da glória da família para a cidade. Aqui percebemos como a racionalidade opera, pois mesmo que certos comportamentos econômicos sejam considerados oportunos, o objetivo da economia em Alberti era a satisfação de seu grupo familiar. Ou seja, o sucesso econômico de uma família não invalida a perspectiva do bem comum, desde que a ação econômica seja pensada de acordo com o campo da ética. Nesse sentido, situamos o debate historiográfico sobre as noções de riqueza e pobreza, para compreender como a noção de ética econômica pode ser analisada nos *Libri*.

A economia em Alberti considera primeiro o espaço da casa e, em seguida, o espaço da cidade. Da associação casa/cidade, percebemos uma preocupação do autor com o bem de

Florença e, portanto, a nosso ver, a economia em Alberti pode ser pensada em termos de defesa do bem comum.

A noção de bem comum é compreendida como um conjunto de ações que levam em consideração não os bens individuais, mas o bem de todos. Não interessa o “eu”, mas o “nós”, a “comunidade”. No caso de Alberti, o pertencimento do autor à cidade de Florença orientava as atividades econômica. Nessa perspectiva, a racionalidade não significa a negação dos interesses individuais, mas uma relação de interesse que é fundamentada numa dimensão coletiva, o bem comum.

A noção de bem comum fazia parte do vocabulário econômico dos escritores florentinos do século XV⁴¹⁶. Essa noção indica que a produção econômica não visava apenas o interesse individual, mas o interesse da comunidade. A relação entre o bem comum e a noção de racionalidade foi discutida por Luigino Bruni⁴¹⁷. O economista italiano revisa o conceito de racionalidade na ciência econômica, apontando os problemas das proposições que consideram apenas o interesse individual, o individualismo, como propuseram os economistas no final do século XIX, e a teoria dos jogos. Bruni propõe uma análise da racionalidade que supere o individualismo na economia e, portanto defende uma racionalidade coletiva, chamada de racionalidade de comunhão, baseando-se na forma como os indivíduos são capazes de estabelecerem relações baseadas no interesse do grupo/comunidade e nas relações interpessoais e de reciprocidade. As proposições de Bruni parecem-se pertinentes para analisar a aplicabilidade da noção de racionalidade. Em nossa pesquisa, não associamos a racionalidade aos interesses individuais, mas relacionamos o interesse do grupo familiar com a sociedade florentina. Nesse sentido, a noção de racionalidade de comunhão do economista italiano é muito próxima da noção que pode ser extraída da obra de Alberti.

⁴¹⁶ TODESCHINI, Giacomo. Op. cit. 2010.

⁴¹⁷ BRUNI, Luigino. Rumo a uma racionalidade econômica capaz de comunhão. In: BRUNI, Luigino (Org.). **Economia de Comunhão. Uma cultura econômica de várias dimensões**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2002. E-book.

A noção de uma economia associada ao princípio do bem comum também podem permitir reflexões contemporâneas sobre a importância de uma economia que seja proveitosa para a sociedade. Ao tratar dessa questão, estamos apenas indicando como o estudo das sociedades anteriores ao capitalismo oferecem percepções para se pensar numa economia capaz de superar as crises da atualidade e o modelo econômico vigente. Atualmente, constatamos, entre os diversos problemas econômicos, as consequências da crise da Covid-19 para a economia⁴¹⁸, as crises ambientais⁴¹⁹ provocadas pelo desrespeito ao meio ambiente e pelo consumismo em excesso e, no caso particular do Brasil, a volta do país ao mapa da fome⁴²⁰. Esses problemas econômicos e sociais não poderiam ser solucionados caso a economia fosse baseada em uma racionalidade baseada no bem comum ou, nos termos de Luigino Bruni, em uma racionalidade de comunhão?

Por fim, a pesquisa foi desenvolvida considerando os *Libri della Famiglia* como corpus documental principal. Para uma compreensão de outros aspectos da economia florentina e dos negócios dos Alberti, é necessário a investigação de outras fontes, como os balancetes fiscais da companhia nos diversos anos de atuação e nos diferentes postos comerciais. Outra possibilidade de pesquisa é uma análise das relações interpessoais da companhia Alberti nos diversos postos comerciais do Mediterrâneo em uma perspectiva da História Conectada, considerando também a relação dos Alberti com outras sociedades mercantis do período. Assim, a nossa pesquisa se preocupou em analisar os *Libri* em uma perspectiva econômica e

⁴¹⁸ COVID causou perda de 350 bilhões de euros à economia alemã. **Deutsche Welle**. 30 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-causou-perda-de-350-bilh%C3%B5es-de-euros-%C3%A0-economia-alem%C3%A3/a-60530360>. Acesso em 23.07.2023. IMPACTOS econômicos da pandemia no Brasil poderão ser observados até 2050. **Universidade Federal de Minas Gerais**. 29 de outubro de 2021. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/impactos-economicos-da-pandemia-no-brasil-poderao-ser-observados-ate-2050>. Acesso em 23.07. 2023.

⁴¹⁹ WALKER, Tamsin. Quem paga pelas perdas e danos da mudança climática?. **Deutsche Welle**. 08 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/quem-paga-pelas-perdas-e-danos-da-mudan%C3%A7a-clim%C3%A1tica/a-63673937>.

⁴²⁰ COSTA, Luisa. Fome no Brasil volta a patamares de décadas atrás. **Jornal da USP**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/fome-no-brasil-volta-a-patamares-de-decadas-atras/>. Acesso em 23.07.2023.

social, indicando como a economia em Alberti é resultado da dinâmica da economia florentina entre os séculos XIV-XV.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ALBERTI, Leon Battista. **De re aedificatoria**. Milão: Il Polifilo, 1966.

ALBERTI, Leon Battista. **I libri della famiglia**. Turim: Einaudi, 1994. (**De la famille**. Paris: Les Belles Lettres, 2013. **The Family in Renaissance Florence**. Long Grove, IL: Waveland Press, 2004).

ALBERTI, Leon Battista. **Ludi mathematici**. (Divertissements mathématiques). Paris: Le Seuil, 2002).

ALBERTI, Leon Battista. **Opere latine**, editado por Roberto Cardini, Centro di studi sul classicismo de Prato, Rome, Instituto poligrafico e Zecca dello stato, 2010.

ALBERTI, Leon Battista. **Opere volgare**, Bari: Laterza, 1973.

BENSA, Enrico. **Francesco di Marco da Prato: notizie e documenti della mercatura italiana del secolo XIV**. Milão, Treves, 1928.

CHINES, L., SEVERI, A. (Org.). Leon Battista Alberti. **Autobiografia e altre opere latine**. Milão: Bur - Rizzoli, 2012.

COTRUGLI, Benedetto. **Libro de l'arte de la mercatura**. Veneza: Edizioni Ca' Foscari - Digital Publishing, 2016. (Italianistica; 4).

DA CERTALDO, Paolo. **Libro di buoni costumi**. Roma: Biblioteca Italiana, 2003.

MORELLI, Giovanni di Pagolo. **Istoria fiorentina. Coll'aggiunta di Giachetto Malespini e la Cronica di Giovanni Morelli** [FACSIMILE publicado em 1718].

PASSERINI, Luigi. **Gli Alberti di Firenze**. 2. Vol. Florença. tip. M. Cellini e C., 1869.

POLIDORI, F.. Ricordanze di Oderigo d'Andrea di Credi orafo, cittadino Fiorentino, dal 1405 al 1425. In: **Archivio Storico Italiano**, Vol. 4, No. 1, 1843.

PEGOLOTTI, Francesco. **La Pratica della Mercatura**. Cambridge, Massachusetts, Medieval Academy of America, 1936.

XENOFONTE. **Econômico**. Trad.: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

XENOPHON. **Memorabilia, Oeconomicus, Symposium, Apology**. Trad. E.C. Marchant e O. J. Todd. Londres: Harvard University Press, 1997.

Estudos

AGAMBEN, Giorgio. The mystery of economy. In: **The Kingdom and the Glory: For a Theological Genealogy of Economy and Government** (Homo Sacer II, 2). Trans. Lorenzo Chiesa, Matteo Mandarini. Stanford: Stanford University Press, 2011. p. 17.

AMORIM, B. G. L. A “economia” em *I Libri della famiglia* de Leon Battista Alberti: uma releitura de Xenofonte? In: LIMA, Marinalva Vilar; CORDÃO, Michelly P. S. (Org). **História, memória e tempo: estudos de apropriações antigas e medievais**. 1. Ed. Campina Grande: EDUFCG, 2018.

AMORIM, B. G. L. **Diálogos entre antigos e modernos: a recepção da Antiguidade Clássica no Sobre a Família de Leon Battista Alberti**. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

ANSEMI, G. M., PEZZAROSSA, F. e AVELLINI, L. (org.), **La memoria dei mercatores: tendenze ideologiche, ricordanze, artigianato in versi nella Firenze del Quattrocento**, Bologne, Pàtron, 1980.

ARÉVALO, Raúl Gonzáles Acordes y desacuerdos. Navegación y comercio de las galeras mercantiles de Venecia y Florencia en el Mediterráneo ibérico desde una perspectiva comparada. In: ARÉVALO, Raúl Gonzáles. **Navegación institucional y navegación privada en el Mediterráneo medieval**. Granada: Grupo de Investigación Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada, 2016. p. 145-191

AYMARD, Maurice. Famille et amitié chez Alberti. In: FURLAN, Francesco; LAURENS, Pierre; SYLVAIN, Matton. **Leon Battista Alberti: actes du congrès international de Paris (Sorbonne, Institut culturel italien, Collège de France) 10-15 avril 1995**. Turim, Paris; Aragno, Vrin, 2000.

BAVEL, Bas Van. **Manors and Market: Economy and Society in the Low Countries, 500-1600**. New York: Oxford University Press, 2010.

BAXENDALE, S. F. Exile in Practice: The Alberti Family in and out of Florence. In: **Renaissance Quaterly**, vol. 44 (Winter, 1991).

BEC, Christian. **Les marchands écrivain: Affaires et humanisme à Florence (1375-1454)**. Berlin ; Boston : De Gruyter Mouton, 1967.

BÉRARD, Claude Cazalé, KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Mémoire de soi et des autres dans les livres de famille italiens, In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 2004/4 (59e année), p. 808.

BERTOLINI, Lucia. Leon Battista Alberti. In: **Nuova informazione bibliografica**, I (2204), p. 245-287. Disponível em:

https://www.academia.edu/834769/Leon_Battista_Alberti_Nuova_informazione_bibliografica_I_2004_p._245-287. Acesso em 11/03/2016.

BOSCHETTO, Luca. I libri della famiglia e la crisi delle compagnie degli Alberti. In: **Leon Battista Alberti: actes du congrès international de Paris (Sorbonne, Institut culturel italien, Collège de France) 10-15 avril 1995**. Turim, Paris; Aragno, Vrin, 2000.

BROWN, Judith C. Prosperity or Hard Times in Renaissance Italy? In: **Renaissance Quarterly**, Vol. 42, No. 4 (Winter, 1989), pp. 761-780.

BRUCKER, Eugene A.. **The civic world of Early Renaissance Florence**. Princenton, Princenton University Press, 1977. p. 37-46.

BRUNI, Luigino. Rumo a uma racionalidade econômica capaz de comunhão. In: BRUNI, Luigino (Org.). **Economia de Comunhão. Uma cultura econômica de várias dimensões**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2002. E-book.

BURT, Ronald. S. Structural Holes versus Network Closure as Social Capital. In: LIN, Nan; COOK, Karen S; BURT, R. S. **Social Capital: Theory and Research**. Nova York: Aldine de Gruyter. 2001. p. 31-56.

CAMMAROSANO, Paolo. Les structures familiales dans les villes de l'Italie communale (XIIe-XIVe siècles). In: **Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974)** Rome : École Française de Rome, 1977.

CAPITANI, Ovidio (dir.). **L'etica economica medievale**, Il Mulino, Bologna, 1974.

CASAGRANDE, Giovanna Casagrande, RAVA, ELEONORA. I penitenti francescani. La spiritualità del fare. In: BARTOLI, Marco; BLOCK, Wieslaw; MASTROMATTEO, Alessandro. **Storia della spiritualità francescana. Secoli XIII-XVI**. Bolonha: Edizioni Dehoniane Bologna, 2017. p. 238.

CASTRO, Maxime. Notes. In: ALBERTI, L. B. **De la famille**. Paris: Les Belles Lettres, 2013.

CHABOT, Isabelle. "XII. Le gouvernement des pères : l'État florentin et la famille (XIV^e-XV^e siècles)". In: BOUTIER, Jean, et al.. **Florence et la Toscane, XIVe-XIXe siècles: Les dynamiques d'un État italien**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2004. p.241-263. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pur/15796>>. Acesso em 01-05-2018.

CIAPPELLI, G. La memoria degli eventi storici nelle ricordanze private fiorentine (sec. XIII-XV), In: BASTIA, C. e BOLOGNANI, M. (org.), **La memoria e la città. Scritture storiche tra Medioevo ed Età moderna**, Bologna, Il Nove, 1995.

CICCHETTI, Angelo et MORDENTI, Raul. **I libri di famiglia in Italia, I, Filologia e storiografia letteraria**, Rome, Edizioni di storia e letteratura, 1985.

COQUERY, Natasha. MENANT, François. e WEBER, Florence. Introduction. In: **Écrire, compter, mesurer. Vers une histoire des rationalités pratiques**, Paris, 2006. P. 11-29.

D. McLean, Paul. **The Art of the Network: Strategic interaction and Patronage in Renaissance Florence**. Durham, Londres: Duke University Press, 2007.

DAMERON, George. **Florence and its Church in the Age of Dante**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2005.

DANZI, Massimo. Fra oikos e polis: il pensiero familiare di Leon Battista Alberti. In: Bastia, C. & Bolognani, M. & Pezzarossa F. **La memoria e la città. Scritture storiche tra Medioevo ed Età Moderna**. Bologna : Il Nove, 1995. p. 47-62.

DANZI, Massimo. Governo della casa e "scientia oeconomica" fra Medioevo e Rinascimento: nota sulla "Famiglia" di Leon Battista Alberti. In: Furlan, F. ; Laurens, P. & Matton, S. (Ed.). **Leon Battista Alberti. Paris**. Torino, Paris : Aragno ; Vrin, 2000. p. 151-170. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:21705>. p. 165.

DE ROOVER, Raymond. The Story of the Alberti Company of Florence, 1302 - 1348, as Revealed in Its Account Books. In: **The Business History Review**, vol. 32, no. 1, 1958.

DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010. p. 59-70.

DEVROEY, Jean-Pierre. **Puissants et misérables. Système social et monde paysan dans l'Europe des Francs (VIe-IXe siècles)**, Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 2006.

EPSTEIN, S. R. **Freedom and Growth. The rise of states and markets in Europe, 1300-1750**. New York: Routledge, 2001.

FELLER, Laurent. Introduction. In: FELLER, Laurent; RODRÍGUEZ, Ana. (Org.) **Objets sous contrainte: Circulation des richesses et valeur des choses au Moyen Âge**. Paris : Éditions de la Sorbonne, 2013.

FERNÁNDEZ, Manuel García; SÁNCHEZ, Ángel Galán; SANTAELLA, Rafael G. Peinado. **Las fronteras en la Edad Media hispánica, siglos XIII-XVI**. Granada, Sevilla: Editorial Universidad de Granada, Editorial Universidad de Sevilla. 2019. p. 569-581.

FEREJOHN, John, PASQUINO, Pasquale. A teoria da escolha racional na ciência política: conceitos de racionalidade em teoria política. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2001, vol. 16, n. 45. p. 05-24.

FRANCESHI, Franco. The economy: work and wealth. In: NAJEMY, John M (ed.). **Italy in the age of the Renaissance 1300-1550**. OUP Oxford, 2004.

FRICK, Carole Collier. **Dressing Renaissance Florence: Families, Fortunes, and Fine Clothing**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

FURIÓ, Antoni. Estados, mercados y crecimiento económico. In: **Estados y mercados financieros en el Occidente cristiano (siglos xiii-xvi)** (Actas de la xLI Semana de Estudios Medievales de Estella. 15 al 18 de julio de 2014). Navarra: Fondo de Publicaciones del Gobierno de Navarra, 2014. p. 55-84.

FURLAN, Francesco. **Studia Albertiana: Lectures et Lectores de L. B. Alberti**. Paris, Torino: J. Vrin. Nino Aragno, 2003.

GUIDO BRUSCOLI, Francesco. I mercanti italiani, Lisbona e l'Atlantico (XV-XVI secolo). In: TELECHEA, Jesús Ángel S.; BOLUMBURU, Beatriz Arízaga; SICKING, Louis (org.). **Diplomacia y comercio en la Europa Atlántica medieval**. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2015.

GRANOVETTER, Mark. 1985. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. In: **American Journal of Sociology**. Vol. 91, 1985. p. 481–510.

GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval (século XII-XIV)**. Trad.: Marcelo Cândido da Silva e Victor Sobreira. Campinas: Editora da Unicamp/Editora UFMG, 2011. p. 265-304.

GILLI, Patrick. La place de l'argent dans la pensée humaniste italienne au XVe siècle. In: **Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public**, 28^e congrès, Clermont-Ferrand, 1997. L'argent au Moyen Âge. pp. 309-326.

GOLDTHWAITE, Richard. A. **The Economy of Renaissance Florence**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.

GREIF, Avner. **Institutions and the Path to the Modern Economy. Lessons from Medieval Trade**. New York: Cambridge University Press, 2006.

HENDERSON, John. Confraternities and the church in late medieval Florence. In: **Studies in Church History**, 23, 1986.

HENDERSON, John. **Piety and charity in late medieval Florence**. Oxford: Clarendon Press, 1994.

HILTON, Rodney. **Class Conflict and the Crisis of Feudalism: Essays in Medieval Social History**. London: The Hambledon Press, 1985.

HUNT, Edwin S. **The Medieval Super-Companies. A study of the Peruzzi company of Florence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

IOGNA PRAT, Dominique. Préparer l'au-delà, gérer l'ici-bas : les élites ecclésiastiques, la richesse et l'économie du christianisme (perspectives de travail) . In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). **Les élites et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010.

JURDJEVIC, Mark. Virtue, Commerce, and the Enduring Florentine Republican Moment: Reintegrating Italy into the Atlantic Republican Tradition, In: **Journal of the History of Ideas**, Vol. 62, No. 4 (Oct., 2001), p. 721-743.

KLAPISCH ZUBER, Christiane. Les vies de femmes des «livres de famille» florentins. In: Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée, tome 113, n°1. 2001. **Alle origini della biografia femminile : dal modello alla storia**. Actes du colloque organisé par le Dipartimento di storia dell'Università degli studi di Firenze, l'École française de Rome et le Comune di Firenze «Progetto donna», Florence 11 et 12 juin 1999. pp. 107-121.

KLAPISCH-ZUBER, C. **Les Toscans et leurs familles. Une étude du catasto florentin de 1427**, Paris, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1978.

KLAPISH-ZUBER, C. L'invention du passé familial à Florence (XIVe-XVe s.), in **Temps, mémoire, tradition au Moyen Age**, actes du XIIIe Congrès de la SHMES, Aix-em Provence, PUP, 1983, p. 95-118.

KOHL, Benjamin G., The changing concept of the studia humanitatis in the early Renaissance, In: **Renaissance studies**, n° 2, 1992, p. 185-209. MABBOUX, Carole. Renaissance et humanisme. COTE, Sébastien; PICARD, Emmanuelle (Org.). Regards historiques sur « Les grandes étapes de la formation du monde moderne » (Histoire 2nde), Nathan, 2019, 9782091728391. ([halshs-02278197](https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-02278197)).

LA RONCIÈRE, Charles-Marie de. **Prix et salaires à Florence au XIVe siècle (1280-1380)**. Roma: École Française de Rome, 1982. (Publications de l'École française de Rome, 59-1)

LAMBERTINI, Roberto. Povertà volontaria ed "economia mendicante" nel basso Medioevo: osservazioni sui risultati di recenti indagini. In: **Cristianesimo nella storia**. Vol. 33, 2012, p.519-540.

LECLERC, Elise. **Affaires de familles et affaires de la cité : la transmission d'une pensée politique dans les livres de famille florentins (XIVe-XVe siècles)**. Littératures. Ecole normale supérieure de Lyon – ENS, LYON, 2013.

LECLERC, Elise. La tradition florentine des "livres de famille" et le De Familia de L. B. Alberti. In: PAOLI, M. (org.). **Les livres de la famille d'Alberti: sources, sens, influence**. Paris: Classique Garnier, 2013. p. 283-324.

LENOBLE, Clément. Leon Battista Alberti (1404-1476): economia et gestione. In.: V. Negri Zamagni. **Il contributo italiano alla storia del pensiero economico**, Roma, Treccani, 2012.

MANCINI, Girolamo. **Vita di Leon Battista Alberti**, seconda edizione, Firenze, Carnesecchi, 1911.

MARTINES, Lauro. **The social world of the florentine humanists (1390-1460)**. Princenton, Princenton University Press, 1963.

McCLOSKEY, Deirdre. **The Bourgeois Virtues: Ethics for an Age of Commerce**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

McCLOSKEY, Deirdre. "Missing Ethics in Economics." In **The Value of Culture: On the Relationship between Economics and Arts**, edited by Klammer Arjo, 187-202. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1996. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt46mwr9.15>.

McGOVERN, John F. 'The Rise of New Economic Attitudes: Economic Humanism and Economic Nationalism during the Later Middle Ages and the Renaissance,' In: **Traditio**, 26, 1970.

MOOS, Peter I. Le dialogue latin au Moyen Âge : l'exemple d'Evrard d'Ypres. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 44^e année, N. 4, 1989.

MORDENTI, Raul. Les livres de famille en Italie. In: **Annales. Histoire, Sciences Sociales** 2004/4 (59^e année).

NAJEMY, John. **A history of Florence. 1200-1575**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

NAJEMY, John M. Gianozzo and His Elders: Alberti's Critique of Renaissance Patriarchy. In: CONNELL, William J. **Society and Individual in Renaissance Florence**. London: University of California Press, Ltd, 2002. p. 78.

NAJEMY, John M. The dialogue of Power in Florentine Politics. In: MOLHO, Antohony (et.al.), **City states in classical antiquity and medieval Italy: Athens and Rome, Florence and Venice**. Ann Arbor: Institute for International Studies (Brown University), 1991.

NEUHAUSER, Richard. . **The Early History of Greed: The Sin of Avarice in Early Medieval Thought and Literature**, New York 2000 (Cambridge Studies in Medieval Literature, 41)

ORLANDI, Angela. Between the Mediterranean and the North Sea: Networks of Men and Ports (14th-15th Centuries). In: NIGRO, Giampiero (Org.). **Reti marittime come fattori dell'integrazione europea :selezione di ricerche. (Atti delle "Settimane di Studi" e altri Convegni, 50)**. Florença: Firenze University Press, 2019. p. 49-70.

ORLANDI, Angela. Networks and Commercial Penetration Models in the Late Medieval Mediterranean, In: CARACAUSI, Andrea; JEGGLE, Christof. **Commercial Networks and European Cities 1400-1800 (Perspectives in economic and social history)**. Londres: Pickering & Chatto. p. 81-106.

PAOLI, Michel. La question de la richesse et de l'enrichissement dans les livres De Familia d'Alberti. In: _____ (org.). **Les livres de la famille d'Alberti: sources, sens, influence**, Paris: Classique Garnier, 2013. p. 133.

PETIT, Emmanuel. **Emotions, Préférences Morales et Rationalité Economique**. Disponível em: http://gretha.ubordeaux.fr/sites/default/files/doc_chercheurs/emotions_preferences_morales_e_t_rationalite_economique_noesis.pdf. Acesso em 13/09/2018.

PETRUCCI, Armando. Pouvoir de l'écriture, pouvoir sur l'écriture dans la Renaissance italienne. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 43^e année, N. 4, 1988. p. 823-847.

PIRON, Sylvain. La pauvreté dans l'expérience et la réflexion franciscaines. In: LEROUX, Alain, LIVET, Pierre. **La pauvreté dans les pays riches. Leçons de philosophie économique**, Economica, pp.36-52, 2009. <halshs-00419533>.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

POMERANZ, Kenneth. **The Great Divergence China: Europe and the Making of the Modern World Economy**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

POSTAN, M. M. **Essays on Medieval Agriculture and General Problems of the Medieval Economy**. New York: Cambridge University Press, 1973.

PRAK, Maarten. **Early Modern Capitalism. Economic and Social Change in Europe 1400-1800** (Routledge Explorations in Economic History, 21). London: Routledge, 2001.

ROOVER, Raymond. San Bernardino de Siena y San Antonino de Florencia. Los dos grandes pensadores económicos de la Edad Media. In: **Revista Processos de Mecado**, 6(1), 2009, p. 239-302.

RUBINSTEIN, Nicolai. **The Government of Florence Under the Medici (1434-1494)**. Oxford: Clarendon Press, 1997.

SEN, Amartya. **On Ethics and Economics**. Blackwell, 1992.

SILVA, Marcelo Cândido da. A “Economia Moral” e o combate à fome na Alta Idade Média. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 20, n. 38, 2013.

SILVA, Marcelo Cândido da. **Valor e cálculo econômico na Alta Idade Média**. Tempo, Jan; 26 (1), p. 147-163, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2019v260108>.

SOMBART, Werner. **Economic life in the modern age**. New York: Routledge, 2017.

STRAUSS, Leo. **Xenophon’s Socratic Discourse. An interpretation of the Oeconomicus**. South Bend. St. Augustine’s Press. 1998.

TADDEI, Ilaria. Le système politique florentin au XVe siècle. In: BOUTIER, Jean; LANDI, Sandro; ROUCHON, Olivier. **Florence et la Toscane, XIVe – XIXe siècles: Les dynamiques d’un État italien**. Rennes: Press Universitaires de Rennes, 2004. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/15775>. Acesso em 07/09/2020.

TODESCHINI, Giacomo. **Come l’acqua e il sangue. Le origini medieval del pensiero economico**. Roma: Carocci editore, 2021.

TODESCHINI, Giacomo. **I mercanti e il Tempio. La società cristiana e il circolo virtuoso della ricchezza fra Medioevo ed Età Moderna**, Bologna 2002.

TODESCHINI, Giacomo. **Il prezzo della salvezza. Lessici medievali del pensiero econômico**. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1994.

TODESCHINI, Giacomo. Mercatura. In: “**Il contributo italiano alla storia del Pensiero – Economia (2012)**”. Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/mercatura_%28Il-Contributo-italiano-alla-storia-del-Pensiero:-Economia%29/. Acesso em 12/01/2019.

TODESCHINI, Giacomo. *Quantum valet?* Alle origini di un’economia della povertà. In: **Bullettino dell’Istituto Storico Italiano per il Medioevo**», 98 (1992), pp. 174.

TODESCHINI, Giacomo. **Richesse franciscaine. De la pauvreté volontaire à la société de marché**, Verdier, 2008.

TODESCHINI, Giacomo. "Theological Roots of the Medieval/Modern Merchants' Self-Representation". In: JACOB, M.C., SECRETAN, C. (Org.). **The Self-Perception of Early Modern Capitalists**, New York, Palgrave, 2008.

TOGNETTI, Sergio. Le compagnie mercantili-bancarie toscane e i mercati finanziari europei tra metà XIII e metà XVI secolo. In: **Archivio Storico Italiano**. n. 646. Florença: Leo S. Oshcki Editore. 2015.

TOGNETTI, Sergio. The development of the Florentine silk industry: a positive response to the crisis of the fourteenth century. In: **Reti Medievali Rivista**, v. 2004/2, Florença: Firenze University Press. 2004.

TONEATTO, Valentina. Élités et rationalité économique. Les lexiques de l'administration monastique du haut Moyen Âge. In: DEVROEY, Jean-Pierre; FELLER, Laurent; LE JAN, Régine. (org.). **Les élités et la richesse au haut Moyen Âge**. Turnhout: Brepols, 2010. p. 71-96.

TONEATTO, Valentina. La richesse des Franciscains. Autour du débat sur les rapports entre économie et religion au Moyen Âge. **Médiévales** [En ligne], 60, disponível em: <http://medievales.revues.org/6220>.

TONEATTO, Valentina. **Les Banquiers du Seigneur**. Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2012.

VILLA, Mariana. L'etica del lavoro nel Quattrocento letterario: sondaggi nei *Libri della famiglia* albertiani. In: "**Quaderni di Italianistica**", 32, 2014, 91-116.

VITULLO, Juliann. "Otium" and "Negotium" in Alberti's "I libri della famiglia". In: **Annali D'Italianistica**. Vol. 32, 2014, 73-89.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system I: capitalist agriculture and the origins of the european world-economy in the sixteenth century**. London: Academic Press, Inc., 1974.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. 1, Editora da UnB, 2012.

WEISSMAN, Ronald F. E. Brothers and Strangers: Confraternal Charity in Renaissance Florence. In: **Historical Reflections / Réflexions Historiques**, vol. 15, n. 1, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41298890>. Acesso em: 11/07/2023.

ZANDEN, Jan Luiten Van. **The Long Road to the Industrial Revolution. The European economy in a global perspective, 1000-1800** (Global Economic History Series - number 1). Boston: Brill. 2009.

Anexo 1 - Tabelas sobre sócios das associações das atividades mercantis da família Alberti⁴²¹

Sócio principal: Ricciardo di Benedetto di m. Nerozzo Alberti		
Postos comerciais	Sócios	Período
Florença	- Benedetto di m. Nerozzo Alberti	1372-1387
Florença	- Nerozzo di Bernardo Alberi - Piero di Marco - Matteo di Metto	1388-1400 Anos 1390
Sicília e Valência	- Bivigliano di Marco Alberti - Niccolao di Marco Alberti - Antonio di Tommaso Alberti	1390
Florença	- Antonio di Niccolao Alberti (anteriormente independente de Ricciardo) - Niccolo di Luigi Alberti	1395

Sócio principal: Bernardo (di Nerozzo?) Alberti:		
Postos comerciais	Sócios	Período
Bruges, Bolonha e Veneza	- Alberto di Bernardo Alberti	
Fabricação de lã	Alberto di Bernardo	1382

⁴²¹ Tabelas elaboradas de acordo com o mapeamento apresentado por John Padgett e Paul D. McLean. PADGETT, John F.; D. MCLEAN, Paul. Organizational Invention and Elite Transformation: The Birth of Partnership Systems in Renaissance Florence. In: *American Journal of Sociology*. Vol. 11, N. 5, The University of Chicago Press, 2016. p. 1556-1557. Observação: O período que consta na tabela não faz referência ao tempo de início e término da companhia, mas à data em que ocorreu a elaboração de uma carta comercial da Companhia Alberti com a Companhia Datini.

Sócios principais: Diamante and Altobianco Alberti		
Postos comerciais	Sócios	Período
Veneza Diamante and Altobianco Alberti	Diamante e Altobianco Alberti	1398
Bruges	Diamante e Altobianco Alberti	1398
Palermo	Antonio Alberti, depois Piero Alberti	?

Sócio principal: Gherardo Alberti:		
Postos comerciais	Sócios	Período
Paris	Niccolo Ramaglianti	?
Londres	Sozinho	1398-1399